

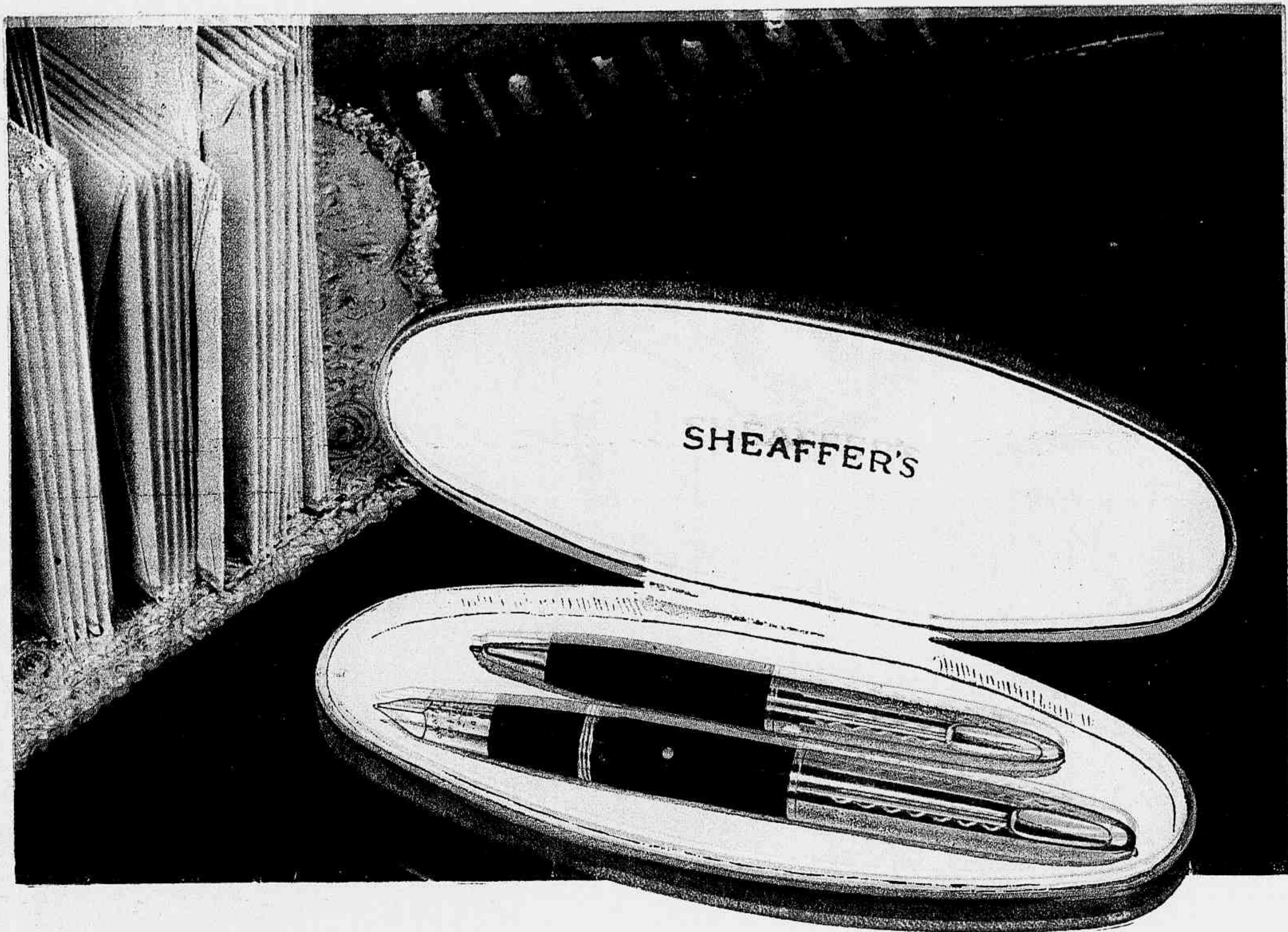
REVISTA DA SEMANA

N.º 9

28-2-48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

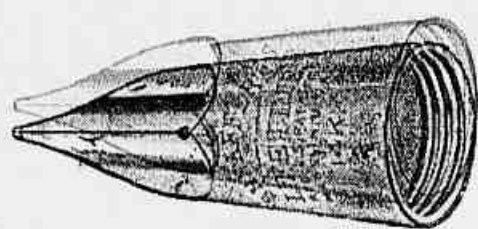




Ofereça o jogo de escrita sem rival: SHEAFFER'S Crest Deluxe

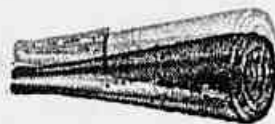
A PENA "TRIUMPH"

A pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates, com ponta de irídio e flexibilidade para todos os estilos de escrita.



LAPISEIRA FINELINE

Com ponta de manga que reduz as quebras dos grafites.



As canetas e lapiseiras SHEAFFER estão sempre à frente de todas as outras marcas, em qualidade e classe. Sua beleza de jóia rara é realçada por extraordinárias condições técnicas, cuidadosamente trabalhadas por artifices experimentados.

Milhões de entusiásticos possuidores de jogos SHEAFFER, jamais usariam outros instrumentos de escrita...

Ao escolher um presente que defina sua personalidade e discernimento, experimente uma SHEAFFER - caneta ou lapiseira. V. concordará que SHEAFFER não tem rival!

SHEAFFER'S CREST DELUXE:

Caneta:.... Cr\$ 525,00

Lapiseira: . Cr\$ 180,00

Jogo:..... Cr\$ 705,00

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Corpo a corpo com o pôr-do-sol

ERA minha obrigação olhar as nuvens roxas e mais uns fiapos que iam ficando cor de rosa. Nisso, meu pai era inflexível. Imaginava que eu poderia, no silêncio do meu quarto, diante de um caderno bem grosso, de capa azul, escrever aquela coisa que se passava lá em cima tôdas as tardes de verão. Eu o acompanhava sentindo uma grande responsabilidade sobre meus ombros de doze anos. Sentávamo-nos no degrau do portão. Ele, alerta para com as mais tênues variações, — e eu angustiada, com medo de perder alguma coisa. Com o dedo esticado, ele apontava. Uma nuvem passava de branca a rosada. Aquilo devia ser observado com o máximo rigor. Depois, o sol entrava por um lado e saía pelo outro, e eu com a obrigação de ter que contar bem certo. Era um caso pessoal àquêlê pôr-do-sol. Meu pai tinha orgulho dele, como se fosse de uma obra sua, — e me submergia no seu entusiasmo.

As vezes, sentada no degrau do portão, eu desviava os olhos da minha obrigação crepuscular e examinava o chão. Dos capinzais dos arredores saíam sapos que vinham para o nosso lado, atraídos não sei por que espécie de sedução. Meu pai enxotava os sapos, com o mesmo desgosto com que um aficionado bota para fora de um concerto um indivíduo mal educado que assobia. Eu tornava a me sentar e a olhar para cima. No momento culminante, tôdas as nuvens ficavam enrubescidas e depois entravam em colapso icterico. Se meu pai tivesse um tambor, ele o rufaria surdamente, naquele instante, como acontece nos espetáculos em que o artista dá um salto mortal. "Olha, olha!" — me dizia. Que responsabilidade! Eu, que era tão pequena, tendo que dominar um pôr-do-sol tão grande! Mas olhava com tôda a intrepidez. Não demorava muito um pernilongo se atrevia no meu braço e outro opinava pelo pescoço de meu pai. Alguns percevejos do mato começavam a se expandir pelos arredores e um vizinho acendia uma luz. "Vamos para dentro", me dizia meu pai. "Está acabado. Não tem mais graça."

E entrava em casa, com um ar extático. As vezes me atrevia a dizer: — "Ontem estive melhor". Meu pai nem respondia. Queria que eu escrevesse. Eu me sentava diante do caderno e me lembrava dos sapos. O que me valia era que meu pai não tinha pressa. Tanto fazia ser naquele dia como dali a uma semana ou a meses, — contanto que eu não retirasse a palavra. Então eu abria o caderno, arrancava umas folhas centrais e inventava um código. Com aquêlê código eu pretendia escrever uns poemas que ninguém jamais poderia entender, senão eu mesma. Os poemas eram tão secretos que um dia perdi o código e só consegui decifrar a palavra "arrependimento".

Entretanto, o verão se prolongava e os crepúsculos se tornavam cada vez mais insistentes. Aquilo já tinha virado um programa regular, com horário de entrada, preparação, ponto culminante e final de ato. Com muitas nuvens roxas e algumas menos roxas, sempre mosquitos. De tanto olhar numa direção só, descobri que meu pai tinha o nariz meio curvo e que nas beiradas das têmporas alguns fios brancos começavam a estrear suas claridades. Descobri também que podia fixar os olhos num ponto só, sem piscar, e acabar vendo coisas duplas. A coisa que mais me divertia ver em duplicata era o poste de luz elétrica, que ficava do outro lado da rua.

Com a estação das chuvas o sol desistiu de suas exibições em technicolor e os sapos tomaram completamente posse do terreno. Como eu não tinha escrito coisa nenhuma, não gostava de olhar meu pai de frente. Desviava os olhos dele, como um credor implacável. Um dia, a título de indenização, escrevi para ele uma história de dragões. Leu-a polidamente e me restituiu o caderno. Queria o pôr-do-sol. Eu tinha lido uma notícia, no jornal, de um rapazinho que comera dois tubos de pasta de dentes para acabar com a vida. As vezes me vinha ímpetos de resgatar com a vida aquela impotência. Podia deixar um bilhete: "Morro porque não consigo escrever sobre o pôr-do-sol". O que mais me animava na notícia era que o rapazinho havia sido posto fora de perigo, se é que co rera mesmo perigo. Mas a pasta de dentes do uso caseiro tinha gosto de desinfetante e era pouco convidativa.

Com o correr dos anos meu compromisso se anulou. Como não tinha mais obrigações, esqueci por completo o pôr-do-sol e nunca mais olhei para ele. Outro dia, por casualidade, ergui os olhos para o céu e vi que a coisa ia começar. Com tôda a discreção baixei a cabeça, examinei as unhas, fechei a janela e dei o caso por encerrado.

LUCIA BENEDETTI (Especial para REVISTA DA SEMANA)

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

Corpo a corpo com o pôr-do-sol (Lúcia Benedetti)	3
As florestas são riquezas nacionais (Pimentel Gomes)	23

BIOGRAFIA:

A vida de Stravinski (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	20
---	----

HUMORISMO:

Bom humor	13
---------------------	----

REPORTAGENS:

Mil enfermeiras para trinta e oito milhões de doentes (Ney Machado)	6/12
Jean Peters, a heroína de "O Capitão de Castela" (Luís Serrano)	16/17
Vida, paixão e morte da escola de Guignard (Milton Pedrosa)	26/30

CONTOS:

Ataltea Princeps (V. M. Garchin)	14/15
A cachoeira (Neyde Joppert)	22
O herói morre na véspera (Miroel Silveira)	38

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de rádio	18
Música	40
Cancioneiro Internacional	42

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	31
O espírito feminino através dos tempos	32
A personalidade da semana (Ivonne Jean)	33
Mães e filhos (Zóia de Laet)	34
Diário das lamentações	35
Figurinos de Ana Zagorska	34/35
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	36
Caixa de ressonância (R. Magalhães Junior)	37

FOLHETIM:

"Um porto remansoso" (Olive Higgins Prouty e George Tetzl)	49/50
--	-------

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Orlando Matos e Armando Moura.	
---	--

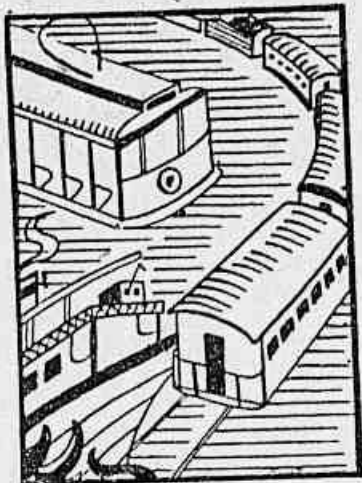
noSSa capa

Lana Turner, artista exclusiva da Metro-Goldwyn-Mayer, que vimos há pouco na reprise de "O médico e o monstro", fazendo o papel da bela namorada de "Mr. Hyde", começou sua carreira como corista nos estúdios da marca do Leão, e veio firmando o seu prestígio até alcançar a fama atual. Tem magnífica interpretação em "A Rua do Delfim Verde", filme a ser exibido brevemente, ao lado de Van Heflin, Donna Reed e Richard Hart. Após o divórcio com Artie Shaw, seu último marido, espera-se seu novo casamento com Tyrone Power, recém-divorciado de Anabella.



a semana EM REVISTA

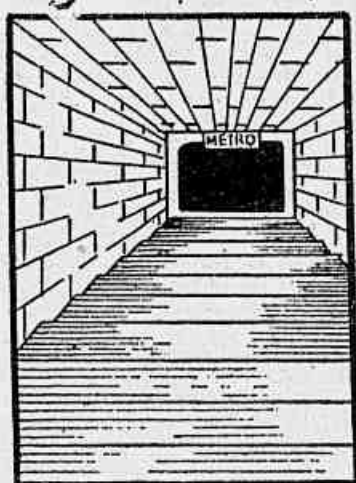
A ENCAMPAÇÃO DA LEOPOLDINA RAILWAY



Segundo noticiaram alguns jornais na sexta-feira passada, o governo estaria cogitando da encampação da Leopoldina Railway, — que não é apenas uma estrada de ferro cortando o Estado do Rio e parte do Distrito Federal, do Estado de Minas e do Estado do Espírito Santo, mas igualmente a empresa detentora do serviço de bondes elétricos da capital fluminense e proprietária da famosa Cantareira, cujas barcas trafegam entre o Rio e Niterói. Essa idéia da encampação da Leopoldina não é nova. A verdade verdadeira é que os proprietários ingleses não encontraram, na Leopoldina, um dos rendosos negócios suí-americanos que esperavam encontrar. A Leopoldina, embora tendo uma garantia de juros do governo federal, foi para esses acionistas uma prebenda, com rendimentos parcos, despesas de administração enormes, dificuldades de controle, etc. Por isso mesmo, a certa altura, cessou a inversão de capitais na Leopoldina e a companhia passou a ser um onus cada vez mais pesado, por falta de possibilidades financeiras. A função das estradas de ferro, num país como o nosso, de uma grande vastidão de transportes, é, no entanto, sempre mais econômica do que financeira. Mesmo quando acusem um relativo "deficit", esta-

rão servindo como elementos propulsores da economia nacional. Esse objetivo, entretanto, não era perseguido pela Leopoldina, nem lhe interessava. Como prova da decadência dessa companhia podemos citar o estado precaríssimo a que chegou o serviço de barcas entre o Rio e Niterói, sem nenhuma renovação satisfatória do material em tráfego. Os trens estão sempre em atraso, os fretes pagos e, além disso, o pessoal ferroviário da Leopoldina é provavelmente o mais mal pago de todo o Brasil, embora a direção inglesa da estrada tenha ordenado polpudíssimos. A encampação da Leopoldina merecerá aplausos, se vier em benefício do povo carioca, com a melhoria do seu sistema de trens de subúrbios, bem como dos fluminenses, mineiros e capixabas. Há ali muito que corrigir, que consertar, que ampliar e que melhorar. Só valerá a pena encampá-la se o governo federal estiver resolvido a isso. O mais aconselhável seria, de resto, a incorporação da Leopoldina ao sistema ferroviário da Central do Brasil, passando ambas a constituir uma entidade única, beneficiando-se das mesmas facilidades e recursos, entre os quais o do barateamento de suas despesas administrativas. O que não é possível é continuar a Leopoldina Railway no lamentabilíssimo estado em que se encontra, em estado de completa decadência, sem querer servir melhor e seu, tampouco, deixar de servir, mantendo uma situação que não é ilusória apenas porque, em certos momentos, chega a ser desesperadora, ao ponto de provocar o "quebra-quebra" de barcas...

VIRA' MESMO O METRÔ CARIOCA?



Um novo projeto para a construção do metrô no Rio acaba de ser apresentado à Comissão de Viação e Obras Públicas da Câmara Municipal pelo engenheiro Paul Berrillon, chefe da Comissão de Estudos da "Compagnie Du Chemin de Fer Metropolitain de Paris". No prólogo dos estudos técnicos, o engenheiro Berrillon lembra a angústia do tráfego do Rio, mostrando que um bilhão de passageiros são transportados anualmente pelos diversos meios de locomoção: bondes, estradas de ferro, ômbus, taxis e automóveis particulares. Na superfície torna-se praticamente impossível o aumento dos meios de transportes. Principalmente no que se refere a bondes e ômbus. Chega o relatório à conclusão que todos nós já sabemos: só o trem subterrâneo resolverá o problema dos transportes nesta cidade, que se aproxima rapidamente dos três milhões de habitantes. De acordo com esse projeto, o metrô terá duas linhas troncos, uma saindo da Central e chegando até Copacabana, com onze estações subterrâneas. O seu percurso será: estação de Pedro II, avenida Presidente Vargas, rua Uruguaiana, Largo da Carioca, avenida 13 de Maio, Cinelândia, Praça Paris, Largo da Glória, rua do Catete, rua Marquês de Abrantes, Praia de Botafogo, rua da Passagem, rua Inhangá e Avenida Nossa Senhora de

Copacabana, com ponto terminal na rua Santa Clara. Alcançará uma extensão total de nove quilômetros e meio. A linha número dois dirigirá-se à Central para a zona norte, depois de voltar a Praça Quinze, medindo ao todo doze quilômetros e cento e cinquenta metros de comprimento. Servirá também a onze estações subterrâneas ao longo do percurso, passando por baixo da avenida Presidente Vargas, rua Senador Pompeu, rua Barão de Tefé, avenida Venezuela, Praça Mauá, rua Primeiro de Março, avenida Aparício Borges, Praça Paris, avenida Mem de Sá, rua Frei Caneca, rua Mariz e Barros e rua Barão de Mesquita, com ponto terminal na rua Uruguaiana. O metrô está calculado para servir por ano a cento e quarenta milhões de passageiros, que pagarão por viagem o preço único de um cruzeiro e cinquenta centavos, qualquer que seja o trajeto percorrido. A despesa total com a construção dos vinte e um quilômetros de trilhos, em linhas duplas, e mais estações, etc., importará em dois bilhões e cento e noventa milhões de cruzeiros. Correrão trens a intervalos de um minuto e quarenta e cinco segundos. Serão necessárias mil e seiscentas pessoas para o controle dos trens subterrâneos, entre pessoal dos escritórios e operários. Mais tarde, se a Central não conseguir dar vazão ao transporte suburbano com o material rodante que pretende adquirir, as linhas serão prolongadas até os subúrbios. Como se vê, mais uma vez a Câmara e a Prefeitura têm em mãos a solução do problema. Cabe aos homens do governo descobrir meios de realizá-la.

OS "COMANDOS SANITARIOS" DEVEM CONTINUAR.



Tôdas as desculpas foram invocadas pelos donos de padarias e restaurantes, encontrados em estado de verdadeira imundície pelos "comandos sanitários"... Encontrar baratas no "purê" de batatas, peixe podre no prato em vez de peixe fresco, camarão em estado de putrefação, cozinheiros tuberculosos cuspidos no chão, lavadores de louça limpando com os mesmos panos de pratos chagas crônicas e ulcerações suspeitas, ajudantes de padaria dormindo seminus no coxo da massa, limão das lavandas aproveitados para limonadas, gelo quebrado saindo de um copo utilizado por um freguês para o copo de outro, lavagem da lata do lixo na mesma pia em que eram lavadas as panelas, rãs frescas guardadas na lata do lixo juntamente com os rabos de peixe meio podres e outros refugos, galinhas amolecendo em banho de soda cáustica, pratos apenas enxugados em vez de lavados, em suma, o cúmulo dos cúmulos das irregularidades, tudo isso foi verificado em visitas dos "comandos", que encontraram, é verdade, lugares irrepreensíveis, como a Colombo, o restaurante da ABI e alguns mais, mas por toda parte descobriram coisas verdadeiramente arrepiantes... Tal campanha foi cercada de publicidade, que constituiu um castigo para os transgressores, mas não um castigo tão enérgico que os levasse a imediatamente mudar de

conduta, a higienizar seus estabelecimentos, a respeitar as regras do código sanitário. Por que se chegara a tão lastimável estado? Porque havia criminosa complacência por parte das autoridades fiscalizadoras, que não cumpriam o seu dever, ou porque se tivessem escravizado aos interesses dos comerciantes menos escrupulosos, ou porque tivessem feito dos seus cargos simples sinecuras, para serem gozadas no ócio e na indiferença. O que se revelou ao público foi de natureza tão grave, — e tão ameaçador para a Saúde Pública, — que toda a imprensa e toda a população exultaram com a magnífica e necessária campanha. A presença da reportagem da nossa imprensa, nos "comandos", era uma garantia de que essas intervenções se faziam sem violências e sem entendimentos com as partes. Ao cabo de alguns dias dessa campanha, produziu-se uma crise imprevista, na administração municipal. O fato é que se demitiram o secretário de Saúde e Assistência e o diretor dos "comandos". Não nos interessa saber o que há por trás dessa crise. O que nos interessa é registrar, aqui, que o prefeito da cidade general Mendes de Moraes, fez declarações categóricas de que os "comandos sanitários" continuarão em ação. E devem, realmente, continuar. Isso é hoje um ponto de honra para a administração e uma tranquilidade para o povo carioca, vítima indefesa dos envenenadores. E devem continuar com a mesma ampla publicidade com que vinham sendo feitos, testemunhados pela imprensa interessada, tão somente, não em fazer sensacionalismo barato, mas em prestigiar as boas iniciativas da administração pública.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 9 — 28-2-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5302

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 97 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

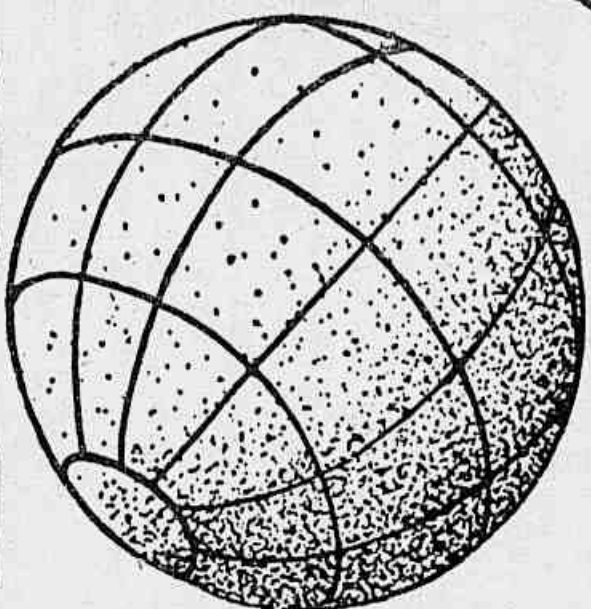
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O MUNDO Marcha



NO Sul, a terra dos gelos está pegando fogo. A Argentina e o Chile resolveram reclamar a posse das Ilhas Falklands e das terras antárticas que, geograficamente, parecem fazer parte desses dois países. A Inglaterra enviou o cruzador "Nigéria" e prepara outros. A Argentina diz que "não acredita na força" e o Chile afirma que qualquer obstáculo de potências estrangeiras às justas reivindicações latino-americanas será considerado como agressão à toda a América. Mais um problema e uma dor de cabeça para os pacifistas... Em Leeds Yorkshire, U. S. A., uma senhora deu à luz uma criança na calçada e, após o parto, que durou meio minuto, saiu em desabalada carreira. Naturalmente não quis perder o "ponto", porque lá "time is money"... Henry Wallace teve a sua primeira vitória com o Partido Trabalhista, sendo eleito o seu candidato a deputado, Leo Isacson, no 24.º distrito de New York, obtendo mais votos que os outros candidatos reunidos... A proprietária do Hotel Santa Rita, à rua Machado de Assis, farmacêutica e enfermeira, gritou para os "comandos": — "O Rio todo está sujo! Não admira que o meu Hotel também esteja". Um grito saído da alma... Segundo informações do vice-presidente da Associação Comercial, o Brasil foi o maior importador de rádios, vitrolas e acessórios norte-americanos. Os Estados Unidos nos venderam em 1947 noventa por cento de sua produção total... Enquanto importamos discos e agulhas, a Argentina conseguiu uma quota de gasolina e óleo três vezes maior que a nossa. Nova edição da fábula "A cigarra e a formiga"... Morreu na semana passada o veterano jornalista Basílio Viana Junior, figura popular da imprensa carioca... Faleceu na Bahia o político petebista Medeiros Neto, ex-presidente do Senado Federal. Apesar do nome e projeção do extinto, ainda há pouco candidato a governador, pouquíssimas pessoas o levaram até a última morada... Sic transit gloria mundi... Surgem os primeiros indícios nos Estados Unidos do matriarcado previsto por Monteiro Lobato. O senhor Paul Merkel, de Iowa, conseguiu divórcio provando que a sua cara metade o obrigava a lavar, passar e cozinhar e, o que era pior, na hora que ele ansiava por carinhos... "neris"! Foi eleito presidente da Venezuela, num pleito muito limpo, o romancista Romulo Gallegos, cujo livro "Doña Barbara" ganhou fama mundial. Romulo Gallegos trabalhou como autor de argumentos no cinema mexicano. O maior inimigo do novo presidente venezuelano é o clero de seu país... Possivelmente no mês de março, o país se encontrará no torvelinho da ascensão de preços com o aumento geral do funcionalismo, dos militares e comerciários. Vetará o presidente Dutra esses aumentos com a energia com que vetou o aumento dos jornalistas?...

A Delegacia de Economia Popular prendeu em flagrante o médico Antonio da Silva Moraes quando recabía de um pretendente a apartamento de sua propriedade, luvás de cinquenta mil cruzeiros. Várias reclamações já existiam naquela delegacia contra o proprietário criminoso, que sempre exigia quantias enormes pelas chaves de seus imóveis... A enfermeira Isolina Soares foi vítima de uma tentativa de morte há seis anos, por parte de Carlos Rico, que lhe desfechou seis tiros, naquela ocasião. Condenado à prisão, o criminoso sai vez por outra da Penitenciária do Distrito Federal — segundo alega a vítima — e continua a ameaçá-la. Seria mais seguro para dona Isolina se a trancafiassem no presidio e deixassem solto seu antigo algoz... Depois do "curto período" de dezesseis anos, o sr. Lamón De Valera perdeu o posto de primeiro ministro da Irlanda para seu tenaz adversário John Costello, eleito por uma coligação de cinco partidos... Josefina Baker, a famosa artista negra, que já se exibiu nos cassinos do Rio, foi consagrada como heroína da resistência francesa, durante a última guerra. Suas façanhas como agente secreta são contadas em um livro do comandante Abtey, do Estado Major da França... O avião em que viajava o governador Ademar de Barros espatifou-se ao levantar voo do aeródromo de Pindamonhangaba. Nada sofreram o governador paulista e os dois tripulantes do avião sinistrado. Truman iniciou sua campanha presidencial, mas ainda sem resolver se admitirá ou não tendências racistas no seu programa de governo.

Para se ver como isso é grave, transcrevemos na íntegra um telegrama da Reuters: "WASHINGTON, 19 (R) — Um grupo de democratas sulinos anunciou não comparecer ao banquete do Dia de Jefferson e Jackson, porque os organizadores se recusaram a colocar os negros separados dos brancos na mesa dos convidados. A vice-presidente da comissão organizadora, sra. Johnston, esposa de um senador da Carolina do Sul, disse ter solicitado ao presidente do Partido providências para o grupo sulino, de 45 pessoas, não ficar ao lado dos negros. O presidente McGrath recusou peremptoriamente atendê-la. Em vista disso, alguns políticos do Sul pediram a devolução do dinheiro gasto na aquisição dos convites". O diretor, autor e ator Renato Vianna vai tocar mais um instrumento. Foi nomeado para uma função pública, — a de diretor da Escola Dramática da Prefeitura, praticamente inexistente, sem verbas, sem professorado suficiente, sem instalações condignas e até mesmo quase... sem alunos! Se conseguir obter do prefeito verbas, apóio, etc., e se dirigir a Escola sem personalismo, sem espírito de grupo e com proveito real, o sr. Renato Vianna terá encontrado um epílogo digno para sua vida de velho batalhador das lides teatrais, às vezes derrotado, mas sempre voltando à lida com redobrada teimosia. No Serrador, começou a carreira cômica de "A Pequena Catarina", com Bibi Ferreira, Alma Flora, Palmeirim Silva e outros. Um sucesso de comichade como poucos. Aproveitem o sábado para vê-la... e até o outro!

PERFUMES

EXÓTICA

3 DIFERENTES PERFUMES
PELO REEMBOLSO POSTAL

Cr\$ 55,00



Sem qualquer outra despesa

Pedidos para a

PERFUMARIA EXÓTICA

Rua Campos da Paz, 165 — Rio



O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

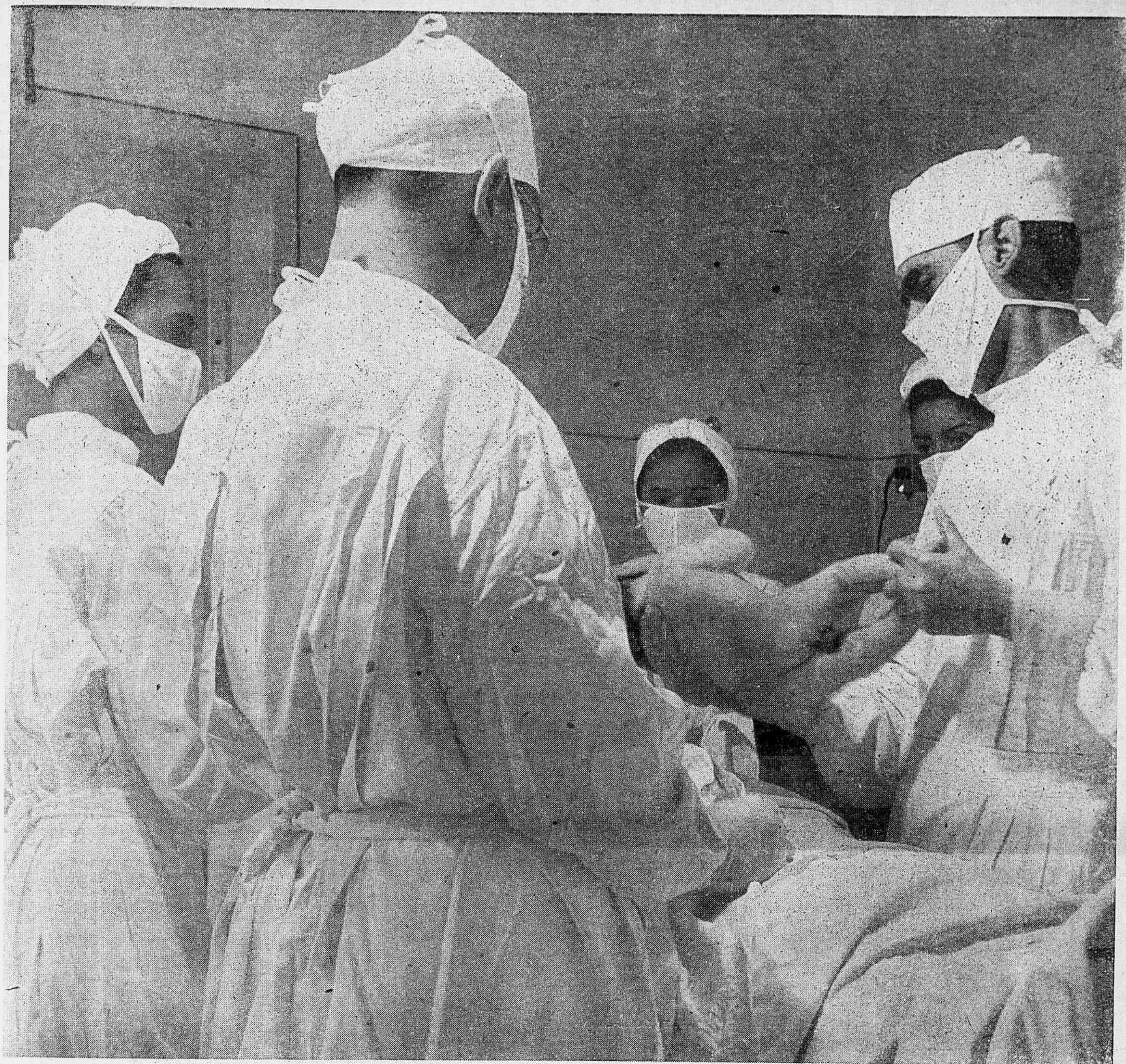
3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





O doutor Armindo de Oliveira, sub-diretor da Maternidade-Escola, auxiliado por um colega e por três enfermeiras, alunas da Escola Ana Nery, termina com êxito um parto com operação cesariana. As alunas da Escola Ana Nery, e de outras equiparadas, desde cedo se tornam competentes auxiliares da classe médica. Somente na Maternidade-Escola assistiram em 1947 a dois mil partos, alguns dos quais complicadíssimos. Em baixo, um detalhe das insígnias da enfermeira Antonina de Hollanda Martins, que tem vinte anos de profissão. Cada tira azul indica relevantes serviços prestados na profissão. A enfermeira Antonina foi uma das seis que acompanharam a FEB na Itália. Na página ao lado, a enfermeira Helena serve de doente para que suas companheiras se habituem ao manejo dos aparelhos médicos.

MIL ENFERMEIRAS PARA TRINTA E OITO MILHÕES DE DOENTES!

MIGUEL PEREIRA NÃO SENTIU TODO O PROBLEMA — O TABU DA PROFISSÃO DESPREZADA — DE DOENTE A "ENFERMEIRA", NOVO MÉTODO NACIONAL — VINTE E CINCO ANOS DE TRABALHOS PARA FORMAR SEISCENTAS ALUNAS — E OS REMÉDICOS, DE ONDE VIRIAM?

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

PRINCIPALMENTE nos hospitais cirúrgicos, nos de doença contagiosa e nas maternidades, grande parte do rápido restabelecimento do enfermo e mesmo da sua cura se deve aos desvelos da enfermeira. É ela quem cuida da alimentação à hora certa, dos remédios do doente, é ela quem o assiste nas crises de desespero e descrença. Não há dinheiro que pague o carinho de uma mão amiga, altas horas da noite, quando o imenso salão do hospital parece a sala de espera da morte. O Brasil é por sua vez um imenso hospital, mas um hospital perdido, sem remédios, sem médicos e sem enfermeiras. Miguel Pereira esqueceu-se de acrescentar esta triste realidade à sua definição. Principalmente sem enfermeiras. Médicos existem muitos nas cidades asfal-

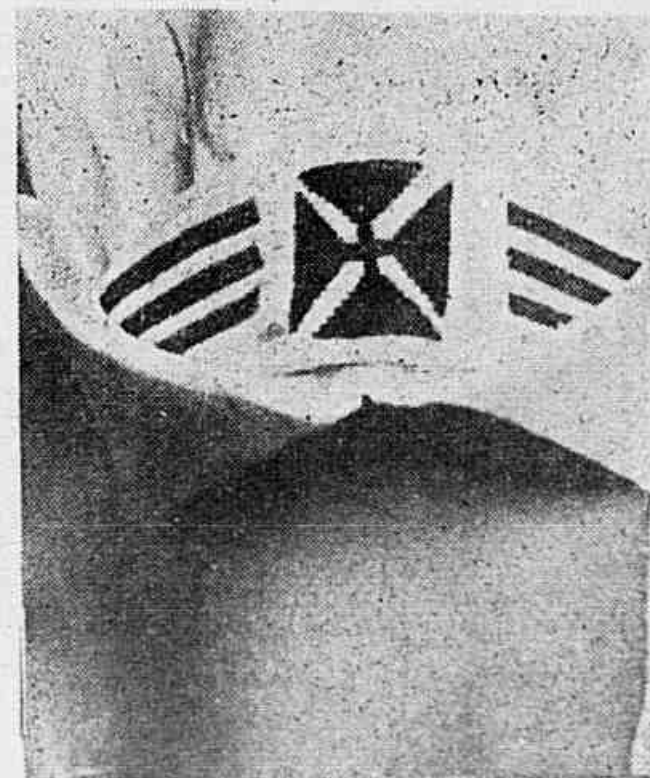
tadas. No sertão, são bichos raros. Enfermeiras não existem aqui nem lá. Em um país de trinta e oito milhões de enfermos (oh! santo otimismo) existem menos de mil enfermeiras diplomadas. Uma enfermeira para cada trinta e oito mil doentes. Não há outro trabalho no Brasil ou no mundo que necessite tanto de profissionais. É um caso único e doloroso na sua singularidade.

O TABU DA PROFISSÃO

O brasileiro nunca avaliou com justiça a dignidade e a competência de uma enfermeira diplomada. Existem tão poucas, que quase não as conhecemos. Tomamos por tais, as práticas de enfermagem dos hospitais, que têm — quando muito — boa vontade de acertar. A enfermeira diplomada é meio médico. Para isso estuda durante três anos em

escola especializada, depois de ter completado os cursos ginasial e científico, ou clássico.

Ao diplomar-se tem emprego garantido, com ordenado mínimo de mil e duzentos cruzeiros, trabalhando nos hospitais do governo. Particularmente poderá ganhar até o triplo. Apesar de tudo isso, pouquíssimas moças brasileiras abraçam esta profissão. O motivo é difícil de precisar. Existem várias e talvez um dos mais fortes seja a formação dos internatos de freiras que afasta o mais possível a menina das pessoas do sexo oposto. Para a enfermeira, o pudor sem motivo não existe. Existe a dor e o seu dever de minorá-la em qualquer situação. Também influi para isso o baixo índice de moças que terminam o curso secundário. Para entrar para a Escola Ana Nery ou outras equi-





De seis em seis meses a Escola Ana Nery abre suas matrículas para novas turmas. Na foto aparece ao centro a candidata Cecília Schneider, de Vitória, que desprezou o curso médico para abraçar a profissão de enfermeira.

paradas é necessário que a jovem tenha terminado aqueles estudos.

COMO SE FAZ UMA "ENFERMEIRA" NO BRASIL

Perguntamos ao doutor Rodrigues Lima, diretor da Maternidade—Escola da Universidade do Brasil, se o salário do emprego público que as esperaria no fim do curso não seria insuficiente e, portanto, representaria um desestímulo à profissão.

O médico não concordou e apontou-nos exemplos de ordenados maiores em clínicas particulares, facilmente obtidos pelas diplomadas. Como aumentar o número de enfermeiras? Criando novas escolas?

— Acho que não — responde-nos o doutor Rodrigues Lima. Um dos males do Brasil é ter muitos departamentos tratando do mesmo assunto, todos sem aparelhamento necessário. Milhares de escolinhas que não cumprem sua finalidade por falta de meios. Bastaria aumentar grandemente a capacidade da escola padrão Ana Nery.

— Dois andares a mais, como já foi pedido por sua diretoria? — lembramos nós.

— Nada disso. Otto, dez, doze andares, com tudo que seja necessário para o bom ensinamento. São Paulo compreendeu isto e construiu anexo ao Hospital das Clínicas um prédio de oito pavimentos destinado, exclusivamente, à moradia das alunas de enfermagem que irão aprender nos cursos daquele Hospital. E o médico história, depois, como se faz o "curso de enfermagem" entre nós. A doente vai para o hospital. Seu mal é crônico. Passa lá seis meses e até um ano. No fim desse tempo desacomumou-se do exterior e consegue um lugar de servente. De servente passa a ajudante de enfermeira. Daí a um ano ou dois convence-se de que é uma enfermeira e, como não há outras para o lugar, passa a essa categoria. Dá injeções distribui os remédios e fica nisso. Os conhecimentos mais necessários ela os ignora. Sabe muito mal tomar a temperatura do doente. De psicologia aplicada, zero. Se for um exemplo de dedicação e boa vontade poderá fazer alguma coisa. Caso contrário, ajudará a matar mais depressa os doentes que já vivem a míngua de remédios e alimentos.

COMO SE FAZ UMA ENFERMEIRA DE VERDADE

Enquanto isso se passa e os doentes clamam a noite toda pela assistência da enfermeira, uma pequena escola na avenida Rui Barbosa vem lutando há vinte e cinco anos para dar ao Brasil enfermeiras capazes. É a Escola Ana Nery integrada atualmente na Universidade do Brasil. Inaugurou-se em 1922, graças aos esforços de Carlos Chagas. A ajuda governamental é tão pequena que pode formar em um quarto de século apenas seiscentas e quarenta e duas enfermeiras. O prédio do Morro da Viuva serve de internato. As aulas são dadas no externato, à rua Benedito Ilipólito, por trás do Hospital São Francisco de Assis. Aulas de Português, Matemática, Física, Química, História Natural, Patologia, Dietética, Psicologia e outras matérias. Aulas práticas de assistência a feridos, a doentes com molestias contagiosas, de arte culinária, etc. O curso é de três anos. Quando a moça vem matricular-se na Escola Ana Nery faz primeiro um exame vestibular, tal como no acesso às faculdades. Aprovada, fica cinco meses em estágio, tomando conhecimento dos deveres e obrigações de enfermeira. Nesse período é que aparecem as deserções. Em média, dez por cento das inscritas. As que não abraçaram a carreira munidas de uma forte dose de ideal, desistem logo da empreitada. Depois de cinco meses passam às aulas teóricas e práticas e ao

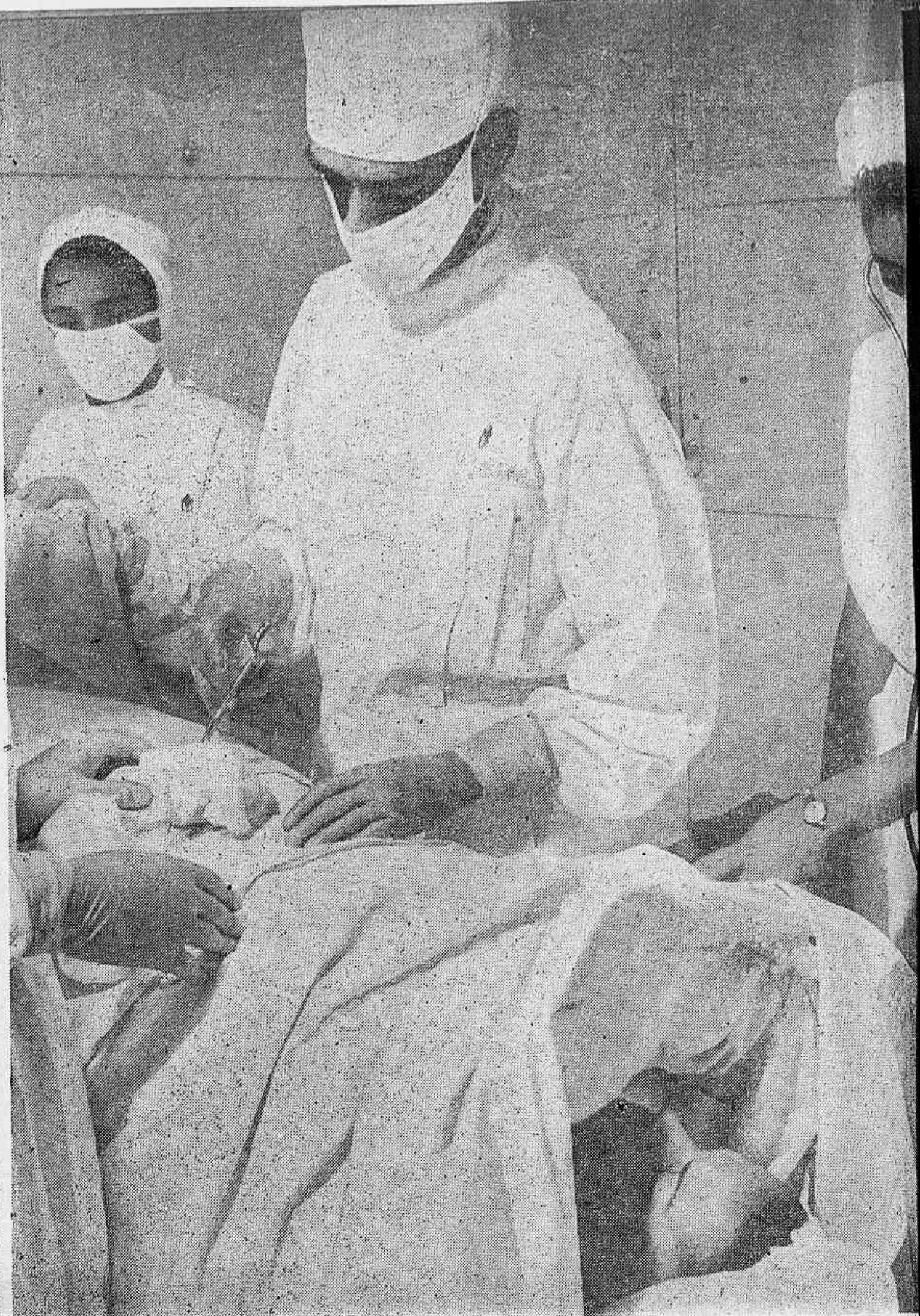
Professoras e alunas mantêm a maior camaradagem, até onde o permite o código de ética profissional. Este código é, por vezes, severíssimo e obedecido sem reclamações por todas.





A esquerda aparece a aluna Helena Lizardo Lima, a "doente" da outra página. Dona Helena é romântica, segundo nos garantiram suas colegas, e, apesar das vísceras, músculos e outras coisas prosaicas ao seu redor, consegue tempo para devanear. A direita: a aluna Iracema Ramm, uma das poucas cariocas do curso, está aprimorando os seus dotes de cozinheira com lições especializadas de dietética. Muitas pequenas vêm aprender a cozinhar na Escola Ana Nery. Em baixo, detalhes da aula de história natural e de culinária. A aluna Alzira Torres, que aparece ao centro de ambas as fotos, já viu morrer em seus braços quarenta e oito doentes. Não por sua culpa, é claro.





Nesta página, aparecem detalhes dos trabalhos das alunas da Escola Ana Nery na Maternidade-Escola. Desde o primeiro ano do curso tornam-se perfeitas auxiliares de todos os ramos da medicina. Ao alto, o doutor Armindo de Oliveira, terminando a operação cesariana cujo feliz resultado focalizamos em página anterior. Em baixo, à esquerda, a abnegada enfermeira-chefe da Maternidade, dona Giselda Miranda Silva, que abandonou o professorado em uma cidade do interior de Minas para se dedicar a outra nobre tarefa: minorar as dores dos aflitos. Dona Giselda conseguiu ainda fazer com que duas irmãs abraçassem a mesma profissão. A direita: a entrega do bebê a sua mãe.



As enfermeiras-alunas levam o bebê para a incubadora. Conselhos práticos de higiene e alimentação elas os transmitem às mães que se retiram da maternidade.

serviço diário nos hospitais. Trabalho intensivo em que aprendem de tudo, desde as operações cesarianas, aos cuidados de higiene e isolamento de doentes de moléstias contagiosas.

UM DIA NA ESCOLA ANA NERY

O movimento no internato da Escola Ana Nery é ininterrupto durante as vinte e quatro horas do dia. As alunas prestam serviço nos hospitais de manhã, à tarde e também durante toda a noite, revezando-se em turnos. As seis e meia, quando tomam o primeiro café matinal, as turmas que descem dos dormitórios se encontram com as "corujas" que se dirigem para as camas. "Coruja" é o apelido das que servem à noite. Depois do café, ônibus especiais as levam ao externato para as aulas do dia ou para um dos hospitais em que deverão trabalhar. Ensino teórico e aprendizado prático se entrosam perfeitamente, de tal modo, que no fim do curso as diplomadas estão habéis e perfeitas enfermeiras. O almoço e o jantar lhes é servido no internato, no externato ou no próprio hospital. Há muitos anos a escola vive superlotada. Nos quartos ocupados antes por duas alunas, estão agora dormindo três e quatro. Foi necessário criar um dormitório geral que comportasse maior número de camas. Apesar desse aperto a mais antiga escola de enfermeiras do Brasil e padrão das demais tem apenas, duzentas e noventa e seis alunas, metade das quais fazem um curso de ano e meio para trabalharem como "auxiliares". Cento e poucas, apenas, estudam a fundo a profissão na maior escola de enfermagem do Brasil. A idade mínima para a admissão é de dezoito anos e a máxima, de trinta e cinco. Enquanto estudam recebem mensalmente cem cruzeiros, como ajuda de custo. Ajuda que absolutamente não corresponde aos trabalhos que prestam nas casas de saúde. O trabalho e a dedicação valem muito mais.

IDEAIS AINDA MAL COMPREENDIDOS

Entre as moças que se preparam para a profissão, avulta o número daquelas que abraçam a carreira debaixo de um espírito altruístico, de compreensão absoluta da vida de sacrifícios que as espera e onde a recompensa material nunca é compensadora. Uma das alunas com quem conversamos, deixara a profissão de professora em Curitiba para tirar o curso de enfermeira. A candidata Aliete Fontes, recém-diplomada por um ginásio de Pernambuco, deixou emprego de tradutora com o ordenado de mil duzentos cruzeiros mensais — ótimo salário para as condições de vida do Recife — e veio matricular-se na Escola Ana Nery. Tiveram que abrir uma exceção, no seu caso. Alícia tem somente dezesseis anos. Será, ao diplomar-se, uma das mais jovens enfermeiras do Brasil. Outra moça, Cecília Schneider, veio de Vitória, no Paraná, desistindo da carreira médica pela qual sua família fazia empenho. Casos semelhantes são incontáveis. Ginásianas que abandonam seus Estados natais, conforto de família e perspectivas de emprego fácil, e rendendo na burocracia do governo. Os Estados do Norte vêm fornecendo o maior contingente de alunas, seguindo-se Minas, São Paulo, e os Estados do Sul. O Distrito Federal contribui com muito poucas diplomadas, embora a maior parte delas fique trabalhando no Rio. As

Uma aluna pratica com boneco de massa a assistência devida aos enfermos. As alunas que se diplomam em nossos cursos padronizados são das mais perfeitas do mundo. O número, entretanto, está muito aquém das necessidades.





Em cima: a fila para o primeiro ônibus que as levará aos hospitais e ao externato, para as aulas práticas.

que vêm do Norte não regressam aos Estados de onde vieram, causando com isto uma falta irreparável nos hospitais de sua terra. Fenômeno de fácil explicação, pois somente os hospitais, sanatórios e maternidades da cidade absorvem todas as enfermeiras que se diplomam anualmente nas Escolas Ana Nery, e nas outras duas escolas de enfermagem da cidade, a Escola Alfredo Pinto e a Escola Luiza de Marillac. Mesmo assim, ainda é insuficiente o número de enfermeiras no Distrito Federal. Na Maternidade Escola, onde trabalham dezesseis enfermeiras diplomadas e cinquenta alunas — é o hospital

público possuidor de maior assistência, relativamente ao número de doentes — existe a média de uma enfermeira para cada dez parturientes. Assistência insuficiente, segundo as palavras do seu diretor, pois nas maternidades requer-se para um serviço perfeito, uma enfermeira, no mínimo, para cada cinco gestantes. Se o hospital melhor assistido acusa esta insuficiência, imagine-se o que não será dos outros.

E SE HOUVESSE ENFERMEIRAS?...

Se o governo, por intermédio do Ministério de Educação e Saúde olhasse

com maior interesse para a formação desse corpo de profissionais, dando-lhes escolas de maior lotação e salários compensadores, o que aconteceria? Salários que correspondessem, ao menos, aos das garotas que se debruçam sobre as secretarias dos chefes de serviço, ou enfeitam os gabinetes dos "grandes", ganhando sem fazer força, pelo menos na repartição. É verdade que os trinta e oito milhões de doentes que as estatísticas brasileiras acusam não estão hospitalizados. Não haveria hospitais que chegassem. Contudo, se os mais necessários estivessem recolhidos aos leitos e

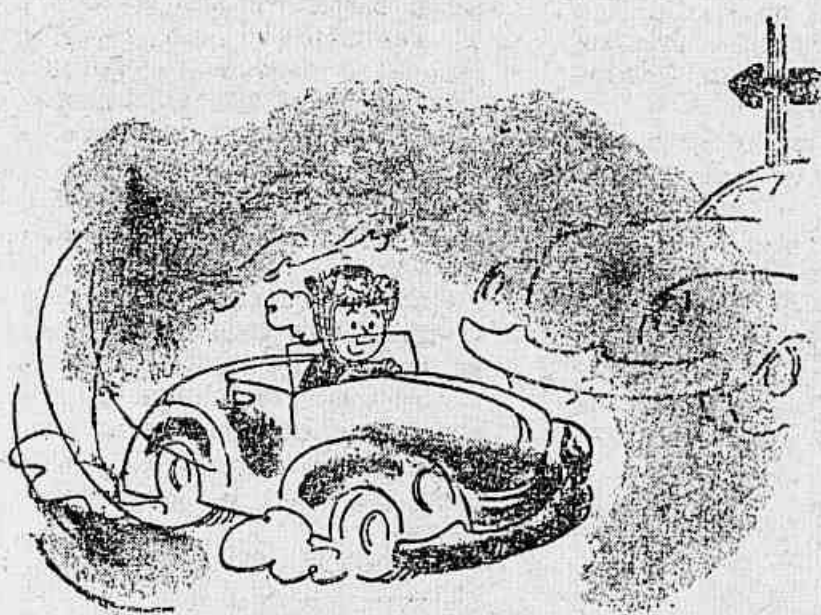
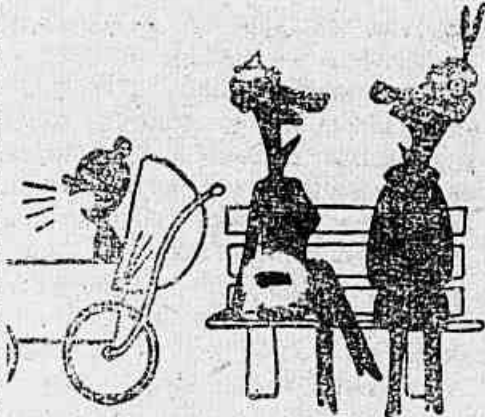
houvesse número de enfermeiras para tratá-los, que sucederia? Nós estávamos fazendo esta pergunta e uma aluna nos deu a melancólica resposta.

— Não adiantaria grande coisa, — disse-nos ela. — Porque nos hospitais do governo falta tudo, inclusive todo, algodão e comida para os doentes. Talvez o governo não contribua para o aumento da nossa classe por isso. Não há remédios suficientes em nossos hospitais. Não adiantaria grande coisa fecharmos os olhos — porque só poderíamos fazer isto — dos que morressem à mingua de tratamento.

Em baixo, à esquerda: detalhe de um dormitório do internato da Escola Ana Nery, à avenida Rui Barbosa. À direita: sua diretora, dona Laís Neto dos Reis, diplomada na primeira turma deste mesmo educandário, em 1923, ao lado da mais nova das alunas, a pernambucana Allete Fontes. Devido a idade desta, dezesseis anos, a diretoria foi obrigada a abrir uma exceção no limite mínimo permitido.



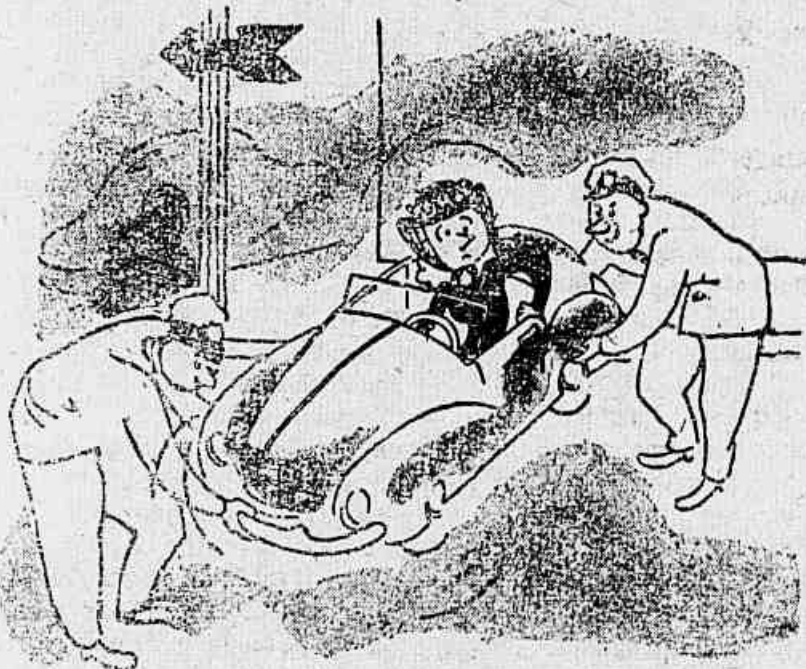
AS
BOAS BABÁS
DOS NOSSOS
FILHINHOS



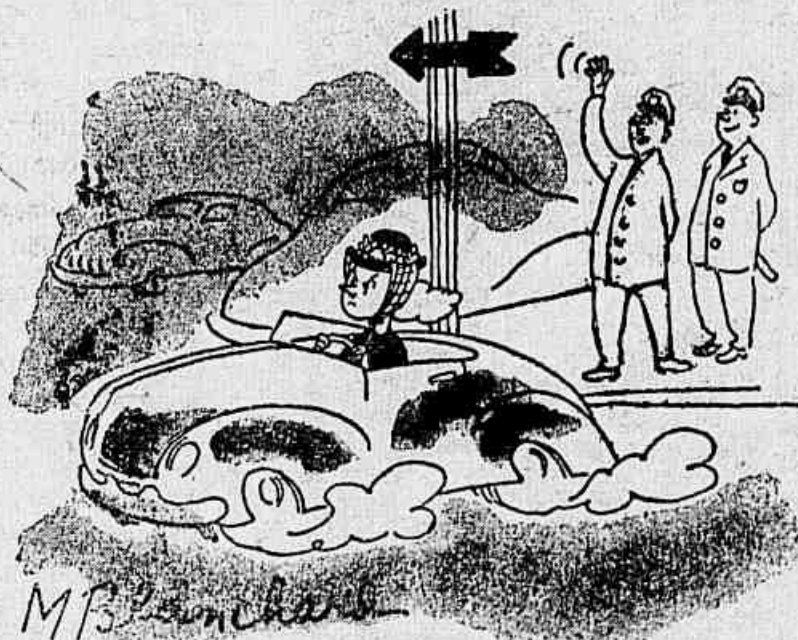
A jovem automobilista, na semana do trá-
fego...



... descobre que lá violentamente contra-
mão...



... mas mesmo não sabendo dar marcha-ré...

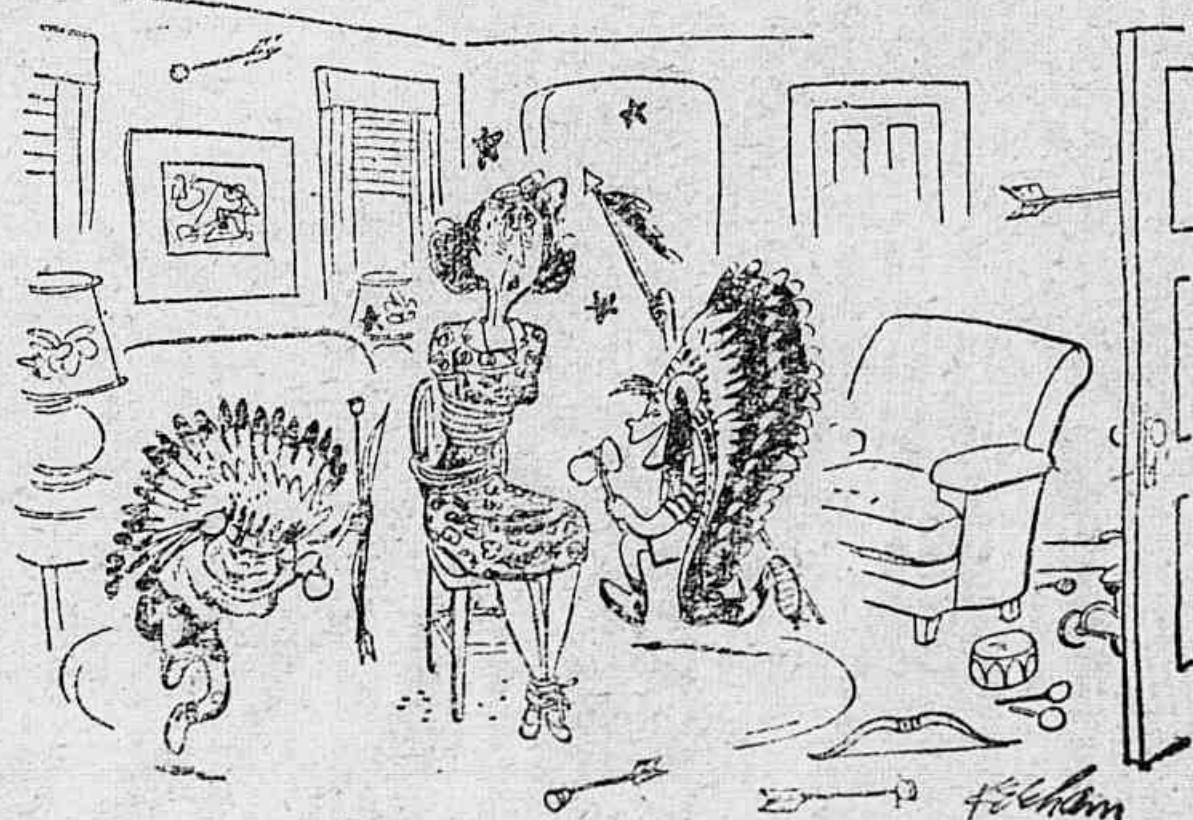


... não se aperta onde há guardas-galan-
tes...

BOM HUMOR



— Meu Deus! Os capacetes encolhem!



— Chega de dança ritual! Vamos agora à fogueira!

Attalea princeps

CONTO DE V. M. GARCHIN

ILUSTRAÇÃO DE A. PACHECO

NUMA grande cidade havia um jardim botânico e nesse jardim uma belíssima estufa, imensa, de ferro e de vidro. A construção era sustida por colunas esbeltas, com enfeites circulares, apoiando-se sobre elas arcos de leve estrutura, de desenhos caprichosos, tendo tecida nos painéis uma verdadeira tela de aranha, na qual se achavam colocados os cristais. Beleza particular mostrava a estufa ao sair do sol, quando este espargia seus dourados raios. Então brilhava toda ela, os reflexos brincavam com as cambiantes e em sua pequenez extraordinária pareciam pedras preciosas, delicadamente lapidadas.

Através dos fortes cristais diáfanos viam-se as plantas prisioneiras. Apesar das vastas dimensões da estufa, o recinto acabava sendo acanhado. Os caules se entrelaçavam e arrebataavam mutuamente o alimento líquido e demais substâncias que havia nas proximidades. As árvores cruzavam os ramos com as folhas gigantes da palmeira, curvando-as e rompendo-as ao apertá-las contra a moldura de ferro do pavilhão.

O jardineiro cortava sem cessar as ramas excessivamente grandes, para evitar-lhes o crescimento. Mas o certo é que seu trabalho de pouco servia: as plantas precisavam de vastas dimensões, de terreno amplo e livre. Eram naturais de países calidos, sensíveis, criadas para o luxo e recordavam a terra natal, sentindo-lhe a nostalgia. Embora a cobertura fosse de vidro, aquilo não era no entanto o céu limpo e rasgado. Uma vez, no inverno, cobriram-se de gelo os cristais e na estufa reinou a treva. O telhado estava recoberto de neve lançado pelo vento. E este sibillava contra os cristais fazendo-os tremer. As plantas permaneciam quietas e escutavam os uivos do ar, lembrando outros ares mais calidos e úmidos, que dão vida e saúde. Ansiavam por lhes sentirem de novo as carícias que lhes mexessem com os ramos e brincassem com as folhas. Mas, no inverno, o ar permanecia imóvel; no máximo, quando a tormenta fazia trepidar os cristais, penetrando debaixo da abobada, cortava com sua corrente gelada, saturada de orvalho. Onde chegava a tormenta, as

folhas empalideciam, enrugando-se e murchando.

Porém os cristais foram repostos com presteza. O jardim botânico se achava entregue a um diretor sábio que não permitia falta de ordem, não obstante se dedicar à maior parte do tempo ao microscópio, numa casinha de guarda, construída no pavilhão principal.

Entre as plantas se achava uma palmeira, a mais alta e a mais bela de todas. O diretor, de dentro da guarita, deu-lhe o nome latino de "Attalea". Mas este não era seu nome de origem: foi o que ocorreu ao botânico. O botânico desconhecia-lhe o nome verdadeiro. Nem este se achava escrito na taboleta branca, preso ao tronco da palmeira. Certo dia, chegou no jardim um viajante da região calida, onde crescem as palmeiras; e ao vê-la sorriu, porque lhe lembrava o solo natal.

— Ah! — disse ele — eu conheço esta árvore. E lhe repetiu o nome de origem.

O senhor — desculpe — interrompeu um empregado que cortava com uma navalha de barba certas folhas excessivamente crescidas. — O senhor está enganado. Esta é a "Attalea princeps", oriunda do Brasil.

— Sim, creio de bom grado que os botânicos a chamem de "Attalea", porém ela tem seu nome próprio.

— Seu nome próprio é o que lhe dá a ciência — interveiu secamente o botânico e fechou a porta de sua casinha, para que não o incomodassem, pois as pessoas que não entendem o que é um homem de ciência lhes convém calar e ouvir.

O brasileiro permaneceu ainda longo tempo, de pé, olhando a árvore, e em sua alma sentiu cada vez mais forte a nostalgia. Recordava sua pátria, seu sol e seu céu, os bosques magníficos com suas aves e seus bichos encantadores, suas vastas planícies e suas maravilhosas noites de junho. E lembrou que em nenhuma parte fora mais feliz do que em sua pátria, e isso quando havia percorrido todo o mundo. Estendeu a mão e tocou carinhosamente a palmeira, como se estivesse se despedindo saú do jardim. No dia seguinte embarcou para seu país.

E a palmeira ficou. E agora sofria mais, embora até então tivesse sofrido muito. Achava-se completamente só. Sua altura era de cinco sadyes (dez metros e sessenta e cinco centímetros) sobre a cuspide de todas as demais plantas e aquelas plantas não gostavam dela. Sentiam inveja e a consideravam orgulhosa. A esbeltez não lhe proporcionava mais do que desgostos, além de que todas estavam unidas, e, ao se ficar isolada, lembrava-se melhor do ninguém do seu solo pátrio e o lamentava como nenhuma outra, precisamente por se achar mais perto do que substituiu o céu: a mesquinha cobertura de cristal. Através dela contemplava às vezes alguma coisa do azul celeste: aquilo também era céu, embora estranho e pálido; porém, em todo caso, um céu azul. E quando as plantas conversavam entre si "Attalea" sempre ficava calada, sofria pensando quanto seria agradável respirar livremente, embora sob aquele céu pálido.

— Dize-me por favor, vão nos regar logo? — perguntou uma palmeira sagü, que gostava muito da unidade. — Hoje parece que vou ficar seca.

— Tuas palavras me fazem rir, mi-

nha pequena vizinha — respondeu um cacto ventruado. — Então, não te basta a imensa quantidade de água que lançam em cima de ti todos os dias? Olha para mim. Dão-me pouco líquido e no entanto estou fresco e composto.

— Nós não estamos acostumadas a uma economia exagerada — replicou-lhe a mesma palmeira; — não podemos crescer num solo seco e arido, como um cacto. Não estamos acostumadas a viver uma vida incomoda. Por outra parte, devo dizer-lhe que ninguém lhe mandou fazer observações.

E dito isto a palmeira sagü se considerou ofendida e calou-se.

— Pelo que me diz respeito — ajuntou a canela, metendo-se no diálogo — estou satisfeita com a minha situação. É verdade que isto é aborrecido, porém estou plenamente convencida de que aqui ninguém há de nos maltratar.

— Porém nos arrancaram a todos — disse um feto lenhoso; — é claro que a muitos parecerá um paraíso esta prisão, depois da existência miserável que suportavam na liberdade.

Então a canela, que havia esquecido o muito que fora atormentada, zangou-se, começando a brigar. Algumas plantas se puseram de seu lado, outras contra ela, e começou uma acalorada discussão. Se fossem dotadas de mobilidade teriam se agarrado umas às outras.

— Porque vocês procuram ficar zangadas? — perguntou "Attalea". — Por acaso poderão arranjar as coisas deste modo? Não fazem mais do que aumentar sua desgraça e excitação. O melhor será que deixem de briga, e pensem no caso. Escutem-me. Cresçam e aumentem, espalhando seus ramos, apertando seus corpos contra as paredes da estufa; esta se fará em pedaços e todas nós sairemos para respirar a liberdade. Se algum ramo for oprimido pelos cristais é claro que será destruído; mas que significa isso para uma centena de poderosos troncos audazes? Bastará que vocês subam mais unidas na amizade e a vitória será nossa.

No princípio, ninguém acreditou numa só palavra nem sabiam que dizer. Por fim a palmeira sagü se resolveu:

— Isso são tolices, — exclamou, ela.

— Tolices, tolices! — repetiram as árvores, e todas a um só tempo começaram a insultar "Attalea" porque sua proposta era um absurdo. Um sonho irrealizável! — gritavam. — Absurdo! uma estupidez! Os cristais estão firme e não poderíamos rompê-los nunca; e, embora supondo que o conseguíssemos, que importaria? Viriam homens com facões e machados, cortariam ramos, concertariam os estragos e tudo voltaria ao estado anterior. E nos cortariam troncos inteiros...

— Bem! Como querem! — replicou "Attalea". — Eu sei o que tenho a fazer. Deixo-as em paz: vivam como lhes agrade, insultem-se umas às outras, discutam a água que lhes corresponde e permaneçam eternamente sob a tela dos cristais. Eu seguirei meu caminho sozinho. Quero ver o céu e o sol, mas não através destas grades e destes cristais, e hei de vê-los!

E com orgulho contemplou a palmeira a cuspide amarela de uma árvore que fora sua companheira na floresta e se estendia debaixo dela. Ninguém se atreveu a responder-lhe uma palavra; só a palmeira Jagü murmurou para ela:

TRADUZIDO ESPECIALMENTE POR HERMAN LIMA
PARA REVISTA DA SEMANA



— Cuidado, cuidado que não te cor-tem a cabeça por subir demais, vaidosa! As outras se calaram, porém todas também se encolerizavam contra "Attalea" por causa de suas palavras orgulhosas. Só uma planta pequenina não se zangou contra a palmeira, nem se ofendeu com o seu discurso. Era justamente a ervinha mais humilde da estufa: debil, pálida, com as folhas esbranquiçadas que não se levantavam da terra. Nada tinha de notável e sua finalidade: na estufa não era mais do que cobrir os cantos de terra nua. Apoiou-se no tronco da grande palmeira e lhe pareceu que esta estava com a razão. A ervinha desconhecia os dias estivais, porém gostava do ar livre e da liberdade. A estufa parecia-lhe um carcere.

— Se eu, que sou erva insignificante e debil sofro tanto por me faltar meu céu cinzento, com o sol pálido e a chuva fresca, como não há de sofrer esta árvore admirável?

Assim pensava, encostando-se ternamente contra a palmeira e acariciando-a.

— Por que não sou uma árvore grande? Eu seguiria seu conselho. Então cresceríamos e juntas conseguiríamos sair ao ar livre. Então veriam as outras que "Attalea" tem razão.

Mas não era uma árvore, e simplesmente uma ervinha diminuta e franzina. Não podia fazer mais do que enroscar-se com mais ternura em redor do tronco de "Attalea" e sussurrar-lhe seu afeto e o desejo de que tivesse sorte em seu propósito.

— É certo que em nossa terra faz menos calor; o céu não é tão limpo nem a chuva tão abundante como no seu país. Mas nem por isso deixamos de ter céu e sol e ar livre. Aqui não possuímos vegetais tão pomposos como tu e teus companheiros, com folhas tão imensas e flores tão encantadoras; porém aqui também crescem belas árvores: abetos, pinheiros e alamos. Eu, que sou uma erva mesquinha, não alcancarei nunca a liberdade; mas, tu, alta e forte, como és! Teu tronco é grosso e dentro de pouco tempo conseguirás crescer até o teto de cristal. Hás de rompê-lo e sairás no mundo de Deus. Então me contarás se tudo é tão lindo como antes. Ficarei conformada com isso.

— porque tu, ervinha diminuta, não queres sair comigo? Meu tronco é grosso e forte: apoia-te nele e sai comigo. A mim nada me custa carregar-te.

— Não. Para onde irei? Olha como sou pálida e fraca, incapaz de levantar ao menos um dos teus ramos. Não sou sua companheira. Cresce e sê feliz. Só te peço que quando conquistares a liberdade alguma vez te lembres de tua amiga pequenina. E a palmeira se deu a crescer. E quantos visitavam a estufa ficavam assombrados com a sua colossal estatura. E cada vez ficava mais alta. O diretor do jardim botânico atribuía aquele crescimento ao excelente cuidado de que gozavam as plantas e se envaidecia do profundo saber com que havia disposto a estufa e dirigia o estabelecimento.

— Ai tem vocês. Olhem a "Attalea principis" — dizia. — Exemplos como este é raro que se encontram no próprio Brasil. Aplicamos todo o nosso estudo para conseguir que as plantas se desenvolvam com a maior liberdade possível, segundo convem a suas condições, e creio que conseguimos bom êxito.

E ao mesmo tempo dava golpes com sua bengala na árvore robusta, em sinal de alegria, e o rumor dos golpes se espalhava pela estufa. Tremiam as folhas da palmeira. Oh, si pudesse queixar-se que gritos lamentosos ouvia o diretor!

Ele imagina que estou crescendo para satisfazer-lhe pensava "Attalea". — Bem, que pense.

E continuou crescendo, dedicando todos os seus sucos a subir, e perdendo raízes e folhas. As vezes parecia-lhe que não havia diminuído nada a distância que a separava da liberdade. Então fazia um esforço maior. Aproximava-se cada vez mais do teto e, por fim, os ramos novos tocaram os cristais e os ferros frios.

— Olhem, olhem — diziam entre si as plantas — até onde ela cresceu! Será preciso nos resolvermos?

— Que altura formidável! — disse um feto.

— Que desenvolvimento! Nunca se viu! Imaginem se pudesse engordar

(Continua na pág. 46)



O autor deste conto é um escritor russo ainda pouco conhecido entre nós. Por ocasião da revolução paulista de 32, Humberto de Campos teve oportunidade de citar, traduzindo, vários trechos de sua novela "Quatro dias" para marcar a fogo, na memória dos seus leitores, a estupidez e o horror da guerra. A página que publicamos hoje, além da beleza literária que encerra uma admirável alegoria à força da terra tropical, tem ainda um grande interesse para nós, brasileiros, por ser uma palmeira do Brasil a protagonista do pequeno drama evocado pelo autor.





Ao alto: à esquerda: Em um dos intervalos da filmagem de "O Capitão de Castela" foi tomado este flagrante, em que aparecem os artistas principais, Jean Peters, Tyrone Power e Cesar Romero, ao lado do diretor Henry King. A direita: Jean Peters e Luís Serrano, correspondente de REVISTA DA SEMANA em Hollywood, palestrando no estúdio da T. C. Fox.

JEAN PETERS

A HEROINA DE "O CAPITÃO DE CASTELA"

UM SALTO DA OBSCURIDADE PARA A GLÓRIA CINEMATOGRAFICA — A ENCANTADORA ARTISTA DELICIOU-SE COM O FATO DE JÁ SER CONHECIDA NO BRASIL, ATRAVÉS DA CAPA DA "REVISTA DA SEMANA"

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA e de A CENA em Hollywood)

HOLLYWOOD — Fevereiro. — Jean Peters se tornou atriz cinematográfica inteiramente por acaso. Estudava arduamente pelo seu diploma de professora, na Ohio State University, quando algumas das suas colegas entraram num concurso de popularidade estudantil. Quatrocentas pequenas concorreram ao prêmio de duzentos dólares em dinheiro e um passelo a Hollywood, para um teste na 20th Century-Fox. Jean venceu e seguiu para Hollywood, mas passou duas semanas de preocupações, pensando numa possível reprovação, nos exames. Isto foi em janeiro de 1946. Fez o teste e voltou depressa à universidade. Só em Chicago, por um repórter, soube que tinha um contrato à disposição. O período letivo terminou em março e já em abril estava ela em Hollywood. Quatro meses depois Darryl F. Zanuck chamou-a para uma conversa, cujo ponto culminante, verdadeiramente atordoante... para Jean, pelo menos... foi a sua indicação para ser a namorada de Tyrone Power em "Captain From Castile" (O Capitão de Castela), uma das mais caras produções da empresa. Anteriormente a essa entrevista com Darryl Zanuck, Jean fizera um rápido curso dramático por conta do estúdio.

Já Linda Darnell fôra indicada e depois afastada do papel. Muitas outras atrizes concorriam ao papel da cigana Catana Perez, de modo que o teste a que Jean foi submetida foi longo e exaustivo.

Proclamado o resultado, Jean viu-se dona do papel, já de partida marcada para o México, onde seria feita a filmagem. Cavalgou com Tyrone Power, cantou com Alan Mowbray e Tomas Gomez e adorou uma dança cigana que executou com Tyrone. Acabou no coração de todos os membros da equipe de filmagem, tal o bom gênio que demonstrou durante os rigores de uma excursão de trabalho, cansativa e movimentada, ainda mais para uma estreante...

No registro civil, antes de Jean Peters há uma Elizabeth. Nasceu em Canton, Ohio, num dia 15 de outubro, aí por 1925 ou 26. Sua mãe pinta muito bem, e seu pai, falecido há doze anos, era um engenheiro dotado por música. Jean, porém, não acha que tenha herdado o talento musical do pai. Herdou, isso sim, a habilidade artística da mãe, pois pinta bem direitinho. Na época da morte do pai, a sra. Peters comprou uma fazenda e para lá se mudou com Jean e a filha mais nova, Shirley, atualmente com 13 anos. Jean continuou seus estudos e depois entrou para a Universidade de Michigan, onde ficou um ano apenas, devido às saudades de casa. Ingressou então na de Ohio, onde estudou muito e se divertiu pouco. Pensava em tudo, menos em acabar no cinema. Os poucos namorados que teve na universidade foram estudantes de medicina, que ela achava mais interessantes...

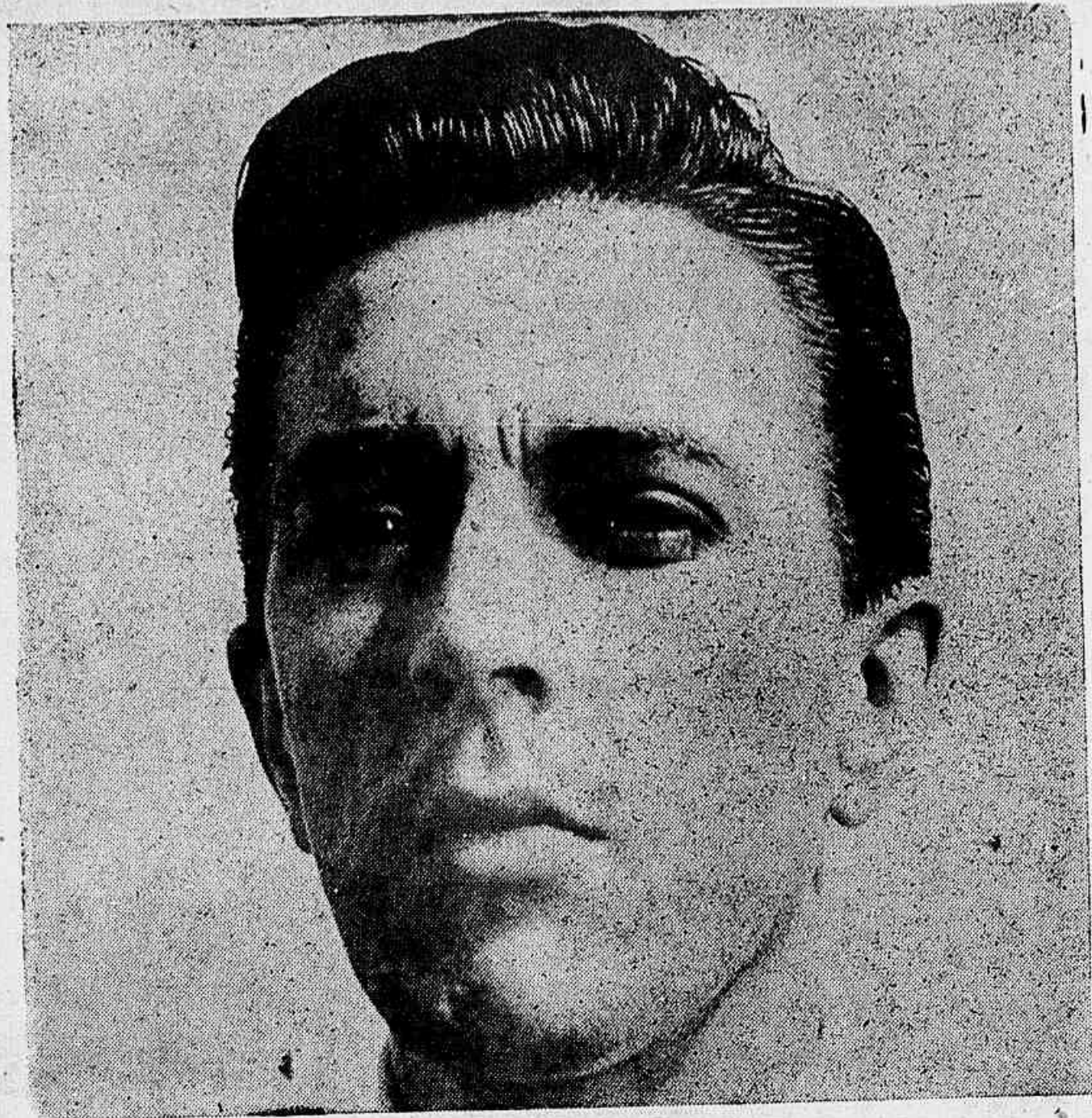
Embora sua grande ambição atual seja tornar-se uma boa atriz, o micróbio do magistério ainda não a abandonou de todo, pois deseja, assim que possa, conseguir o diploma de professora, para o que lhe falta apenas um ano de curso. Espera fazer isso aqui mesmo na Califórnia, logo que o trabalho cinematográfico lhe permita...

Jean faz questão de declarar que sua distração predileta é a leitura. E seu grande orgulho é uma biblioteca de 700 volumes, na sua casa de Ohio, atualmente arrendada, já que a mãe e a irmã estão em Hollywood com ela. Jean começou a colecionar livros, quase todos clássicos, aos treze anos, e acha que a sua grande extravagância é a compra constante de novos volumes. Gosta também de montar a cavalo e nadar, mas não de dançar. Adora a pintura. Sua maior aversão é gente faladeira. Acha que faz economia fazendo os próprios vestidos...

(Cont. na pág. 48)

À esquerda: Jean Peters, a linda namorada de Tyrone Power, em "O Capitão de Castela", numa bonita foto de publicidade. À direita: Jean Peters, como aparece em uma cena de "O Capitão de Castela".





TELMO de Avelar pertence ao elenco das "emissoras associadas", participando da maioria dos espetáculos rádio-teatrais da Tupi e da Tamóio. Para aí ingressou depois de viver papéis de bandido nas novelas "O Vingador" e "Tarzan". Hoje, é galã, contracenando com figuras de primeiro plano, como Amélia Simone, Nancy Wanderley, Aldée Vieira. Paranaense de nascimento, com vinte e quatro anos de idade, pois nasceu a dois de outubro de 1923, sua atuação no "broadcasting" carioca é das mais curiosas. Já participou de regular número de novelas, algumas das quais de grande aceitação, como "Inês de Castro", em que lhe coube o difícil papel de D. Pedro. Também trabalhou ao lado de Paulo Gracindo em "Milagre de amor", irradiada pela PRG-3. Como integrante do Teatro Religioso da PRB-7, sua operosidade não tem sido menor. Tomou parte em "São Sebastião", "São Jorge" e muitas outras histórias escritas por Anselmo Domingos. Telmo Ayelar pertenceu, ainda, ao "cast" da Rádio Clube do Brasil, da Cruzeiro do Sul e escreveu algumas peças para a Globo. Na sua carreira artística, como não podia deixar de ser possui um caso pitoresco. Teve de fazer uma cena de amor com uma dama a quem detestava e que o detestava também... Vive exclusivamente do rádio e nunca frequenta os cinemas ou teatros aos domingos. É fã de Sérgio Cardoso e Dulcina; gosta de Lili Palmer e de Charles Boyer.



DALVA de Oliveira, a voz feminina do famoso "Trio de Ouro", integra o "cast" da Rádio Nacional, na qualidade de sua artista exclusiva. Com excelente material de voz, sua carreira no "broadcasting" brasileiro é das mais venturosas, levando-se em conta o número de sucessos por ela lançado através do microfone ou mesmo pôs-se na cena. Espôsa de Herivelto Martins, grande parte de suas gravações são de autoria deste. Ainda este ano, gravou para o Carnaval a marcha "Minueto", número baseado numa das célebres composições de Beethoven e que não conseguiu colocação no concurso da municipalidade. Uma de suas grandes interpretações musicais é a "Valsa da despedida", em que faz duo com Francisco Alves. Esse disco, de acordo com a estatística de venda, alcançou enorme aceitação. Dalva de Oliveira, há muito participa dos programas da PRE-8, inclusive de "Um milhão de melodias", cartaz popular em nosso rádio. Fora do rádio, trabalhou em algumas "boites", animando "shows". Também apareceu no cinema brasileiro, através de diversas películas. Já excursionou pelas cidades do "hinterland" nacional, participando de diversos espetáculos. Atuou ao microfone da Rádio Club do Brasil, cantou na PRG-3, esteve na Tupi, de São Paulo, na Farronilha. Além de ótima cantora, Dalva de Oliveira tem a facilidade de imitar, com bastante propriedade, a voz da criança.



LOURIVAL Reis, ora em atividade ao microfone da Rádio Mauá, popularizou-se como professor Zé Bacurau. Sob esse pseudônimo escreveu um livro humorístico e dirige uma revista, além de comandar as audições do "Bonde da Fuzarca". programa irradiado de um cinema suburbano. No "broadcasting" carioca, sua atuação destacou-se através da "Escada de Jacob", cartaz irradiado pela Tamóio e destinado a descobrir valores novos para o microfone. Veterano no meio radiofônico, já pertenceu ao "cast" da Tupi, esteve na Rádio Club, foi exclusivo da PRB-7 e permaneceu algum tempo no rádio paulistano. Trabalhou no palco e realizou diversas excursões pelo interior do país, obtendo bom resultado financeiro. Explorando um gênero difícil, qual seja o de fazer rir o público. Zé Bacurau tem sido vítima de ataques. Isso, porém, não o desanima. Ele encara a vida por outro prisma, motivo de continuar a fazer pilhéria. Não há muito, espalhou que deixaria o rádio para trabalhar como condutor. No fim, tudo não passou de inteligente propaganda do "fessô". Lourival Reis é casado e afirma não existir nada melhor do que a vida de marido. Fisionomia fechada, contradizendo o que é na realidade. Há pouco tempo prometeu abandonar o rádio por se achar desgostoso com o mesmo. Dias depois, passado o aborrecimento, rumou para São Paulo, onde firmou contrato com a Bandeirantes.



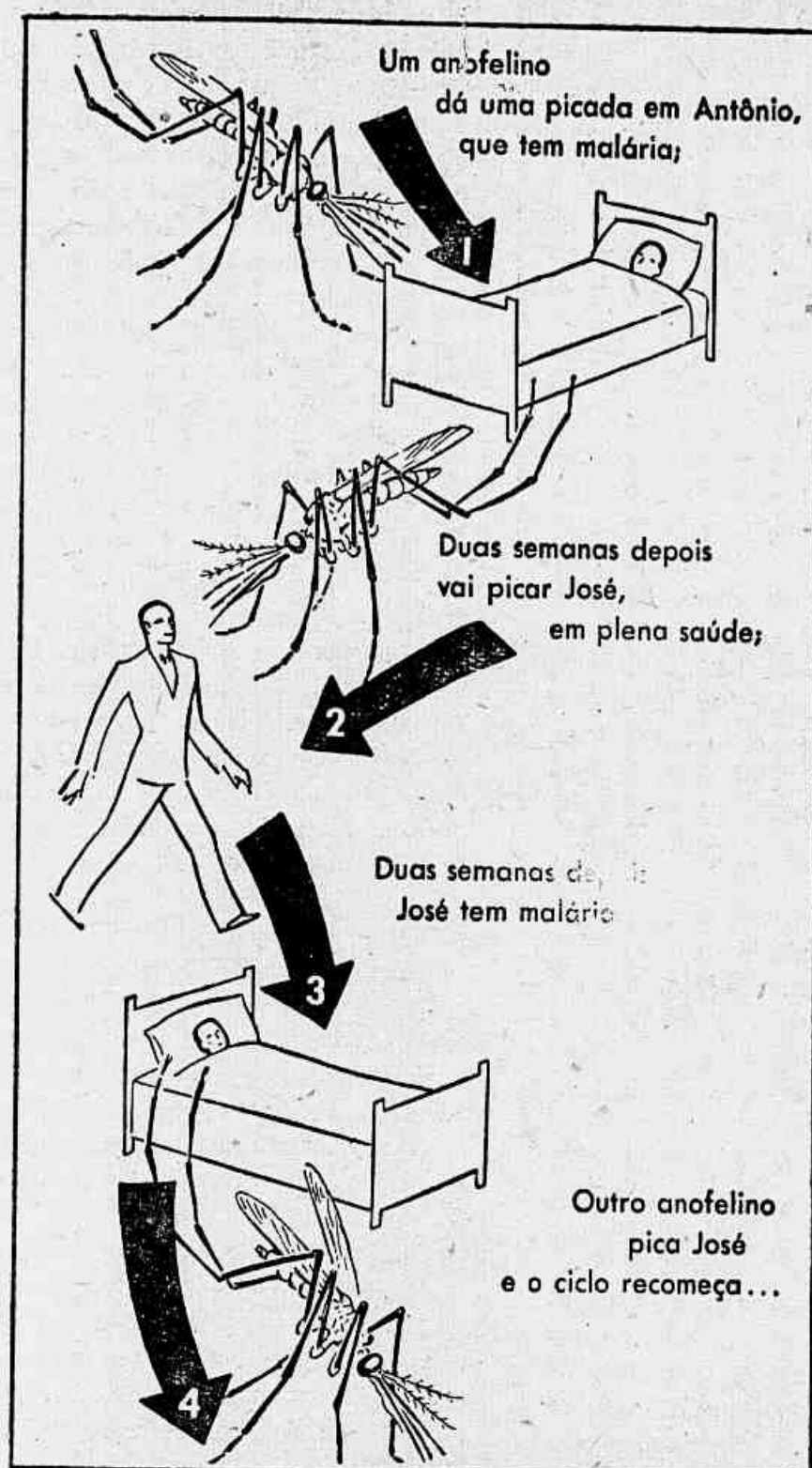
TATI Casoni, artista exclusiva da Rádio Record, nasceu na Itália, seus primeiros passos no "bel-canto", foram dados em Milão, tendo como professores, grandes figuras da música de classe. Voz harmoniosa, dicção perfeita e elevado grau de cultura, lhe favoreceram surgir no meio artístico europeu, como verdadeira revelação. Interprete dos gênios de composição tomou parte em diversos recitais de canto, merecendo críticas elogiosas de famosos jornalistas europeus. Vindo para o Brasil, Tati Casoni radicou-se na capital bandeirante, sem abandonar os estudos. Aí a foi buscar a Rádio Record, contratando-a para longa temporada ao seu microfone, apresentando-a como vitorioso cartaz internacional. Figura graciosa, sabendo prender o público ou, vinte, sua participação nos programas de estúdio da emissora se vem prolongando, uma vez que assim exigem os senfilistas bandeirantes. A jovem artista italiana, tão logo termine seu contrato na Paulicéia, apresentar-se-á ao microfone de uma estação carioca, estando em franco progresso as negociações nesse sentido. Tati Casoni possui algumas gravações de música erudita e criou várias páginas de compositores europeus. Fora da música, sua distração predileta é a leitura de obras clássicas, sendo autor preferido o grande Pirandello. Gosta de cinema musicado, não perde temporadas líricas e devota grande estima à terra brasileira, que considera sua segunda pátria.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

Como exterminar a... MALÁRIA assassina



A Malária é a Inimiga N.º 1 do homem — mata maior número de pessoas que qualquer outra enfermidade.

Como age a matadora. A malária é causada por pequeninos parasitas que penetram na corrente sanguínea. Só uma qualidade de mosquito, o Anófeles, transmite esse parasita. Ele suga o sangue da pessoa atacada de malária e, ao picar outra pessoa, realiza a transmissão.

Eis como reconhecer o Anófeles: os mosquitos comuns tomam uma posição paralela à superfície que picam, ao passo que o Anófeles toma uma posição vertical.

Os principais sintomas de malária são: calafrios, febre e suor — nessa ordem. Dores pelo corpo, também, e dores de cabeça. Mas não se deixe assustar pela malária. Ela cede de maneira impressionante aos novos medicamentos.



Recolha-se, depois do escurecer e coloque telas nas janelas. Se precisar sair, proteja a pele ou use um repelente contra os mosquitos.

Os 3 Grandes no Combate à Malária. Onde quer que se tomem estas 3 providências se evitará a malária.

1. Coloque telas nas janelas, de maneira a não permitir facilmente a entrada dos mosquitos.
2. Mate as larvas dos mosquitos onde elas se desenvolvem, ou faça escoar as águas estagnadas.
3. Chame logo o médico, em qualquer caso de malária; coloque cortinas à volta do leito do enfermo, de modo que nenhum mosquito o possa picar para transmitir a doença a outras pessoas.

Qualquer pessoa com um ataque benigno pode infectar os mosquitos que podem transmitir a enfermidade a *você*! Assim, para o bem de *todos*, bem como do paciente, chame logo o médico em qualquer caso suspeito de malária. Seu médico pode diagnosticar e tratar a malária com sucesso se *você* o chamar *em tempo*!



Não se arrisque a contrair Malária... lance mão dos novos conhecimentos de seu médico para evitá-la!

A Ciência Realizou Grandes Conquistas.

Novas drogas foram descobertas para o tratamento dos casos agudos e para o tratamento preventivo. Para combater o mosquito adulto há um novo insecticida notável — o DDT.

Pulverizado por meio de aviões, ele tem libertado vastas áreas do perigoso mosquito transmissor. Novos e poderosos repelentes de insectos têm sido criados também. Aplicados sobre a pele, mantêm o Anófeles a respeitosa distância. Descobertas mais recentes enfrentam as causas da recaída da malária, que tem sido o mais grave de todos os problemas. Colaborando com o seu médico, trabalham alguns dos maiores cientistas do mundo, dedicados à luta contra este mal implacável.

● Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

STRAVINSKY não é apenas um grande compositor. É também o propagandista de um produto fantástico, um novo tipo de música amusical, uma rebelde, surpreendente e, por consequência, sedutora harmonia de discórdias. Juntam-se na música de Stravinsky os sons mais irreconciliáveis num espantoso matrimônio, de que resultam amígdalas brigas domésticas e choques de interesse melódico.

Stravinsky é o sumo-sacerdote do extravagante. Nada havia, porém, de extravagante nos sons que ouviu quando menino — as canções simples das camponesas ao regressarem dos campos, os assobios de um vagabundo meio gira que divertia as crianças com as suas bobices, o palrar dos pássaros nas árvores. O seu primeiro herói musical foi o convencionalíssimo Tchaikovsky, cuja *Sinfonia Patética* era o evangelho musical dos círculos elegantes da Rússia durante a infância de Stravinsky. Este foi educado numa atmosfera de música tradicional. O pai era o famoso baixo da ópera de São Petersburgo. Igor lia as partituras na biblioteca paterna até aprender quase toda de cor. Tornou-se hábil pianista, completou o seu curso de Direito e desistiu de um cargo no governo em benefício de uma carreira musical.

Levou algumas de suas composições a Rimsky-Korsakov. O mestre-tecelão da harmonia orquestral não ficou impressionado. Agradou-se, todavia, da personalidade de Stravinsky e ofereceu-se para ensinar-lhe os princípios da orquestração. Os dois músicos, apesar da diferença de idade, tornaram-se amigos íntimos.

Quando foi da morte de Rimsky-Korsakov, o discípulo escreveu um *Chant Funèbre*. Era uma peça inteligente de música "pictórica". "Todos os instrumentos que executavam solos," observa Stravinsky, "desfilavam sucessivamente diante do túmulo do mestre, e cada qual depositava nele a sua melodia como uma coroa... enquanto que, em fundo, se ouviam *tremoli* murmurantes simulando as vibrações de vozes de baixos cantando em coro".

Fervilhavam-lhe no cérebro efeitos musicais. Novos ritmos, novas combinações de tons. Um talento assim não poderia continuar por muito tempo na obscuridade. E o homem que primeiro o reconheceu foi Diaghilev, esta singular combinação russa de misticismo e realismo, o poeta político que trazia visões douradas no cérebro e douradas promessas na ponta da língua. Um homem fantástico para um negócio fantástico. Diaghilev era o diretor do famoso *Ballet Russe*.

O *ballet* suplantara a ópera como o supremo festim musical da Rússia. As danças pantomímicas ao som da música de sonhos sensuais haviam arrebatado os centros artísticos. Era belo ver raparigas "a tecer música com os pés", e rapazes apolíneos simulando gestos de um fauno moribundo. O cenário era rico, a audiência era rica e os empresários tinham ficado fantásticamente ricos.

Entretanto, apesar dos fundamentos materiais, ou melhor, *por causa* desses fundamentos, convertera-se o *ballet* numa forma verdadeiramente bela de arte, pois Diaghilev estava sempre disposto a pagar o preço mais alto pelo melhor talento. O seu propósito consistia em combinar duas grandes artes numa unidade ainda maior. Tomou, assim, da poesia do movimento e da poesia do som e transfundiu-as nessa forma soberba de arte, o *Ballet Russe Imperial*.

A poesia do movimento. Rebentou diante do público sob a forma de Vaslav Nijinsky, o dançarino de membros incrivelmente belos. Murmurava-se que ele era um deus pagão redivivo, que descera das alturas do Olimpo para dançar diante dos homens. A Rússia prostrou-se-lhe aos pés para adorá-lo. As classes abastadas cumularam-no de presentes. As mulheres entravam em transe histéricos à sua aproximação.

Diaghilev amava — esse Pá do palco russo. Amava-o imoderadamente, como todos os que entravam em contacto com a beleza feiticeira do jovem. Diaghilev tinha um espírito forte, dominador.

A VIDA DE STRAVINSKY

(Igor Stravinsky — (Nascido em 1882)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Nijinsky tinha o espírito de uma criança. Senhoreou-se dele o mestre do *ballet* e elevou-o às alturas da fama internacional. Em troca disso exigiu a posse do corpo e da alma de Nijinsky. Este acompanhava o mestre como se estivesse em transe. Diaghilev vigiava-o, zeloso. Embora houvesse o dançarino conquistado os corações de todas as jovens da Rússia, era-lhe vedado unir-se com qualquer uma delas a não ser debaixo das vistas severas do amo. E o espírito retardado que habitava o corpo maravilhoso não discutia. Limitava-se a obedecer.

Foi nessa sociedade fantástica do *ballet* russo que Stravinsky, ainda jovem, se viu metido.

II

Diaghilev compreendeu que lá estava um jovem compositor com idéias extravagantes capaz de fornecer ao seu *ballet* a música sensacional de que este necessita. Encarregou Stravinsky de compor a música para o *ballet* de *O Pássaro de Fogo*. E Stravinsky apresentou-lhe uma suntuosa partitura. Depois, teve uma visão. "Um dia presenciei, com a imaginação, um solene rito pagão: sábios anciãos, sentados em círculo, contemplavam um rapariga que dançava até morrer, num sacrifício para propiciar o deus da primavera". Dos desertos africanos para os semidesertos russos. O bater do tantã. Uma boa idéia para um *ballet*, pensou Diaghilev, que enxergava e ouvia longe essas coisas. Era preciso que a música fosse selvagem. Lograria Stravinsky escrever uma mú-

sica suficientemente horripilante? Era preciso que os cabelos dos espectadores ficassem em pé! "Eu o farei," concordou Stravinsky. Saiu-lhe a tarefa melhor do que a encomenda, pois "ele deixou a audiência de pernas para o ar".

O *ballet*, *Sacre du Printemps* (Sagração da Primavera), foi apresentado no dia 28 de maio de 1913. O que então chegou aos ouvidos dos espectadores chegou, depois disso, muita vez aos ouvidos do público. Mas o primeiro choque é sempre o maior. Se Stravinsky tivesse sido músico antes desse momento, como disse um dos críticos, deixaria de sê-lo naquele instante. Ele assumira os encargos de um doutor feiticeiro dos sons. Era uma lei em si mesma, essa nova composição, na qual "a música entra ocasionalmente, como um acidente. Mas quando entra é, indiscutivelmente, uma bela música".

Algumas pessoas, contudo, não pensavam assim. Por ocasião da estréia utilizaram-se dos punhos. Outros converteram-se, incontinenti, em defensores entusiastas da nova ordem e se socorreram dos punhos também para enfrentar a oposição. Um dos patrocinadores, enojado, golpeou com força a cabeça de um homem sentado à sua frente; "a vítima, porém, achava-se em tal êxtase que continuou a ouvir, imperturbável, sem sentir o golpe. ao cabo da representação verificou-se um tumulto. Chamou-se a polícia. Diaghilev apagou as luzes. Stravinsky acompanhou Diaghilev a um carro de praça. Permaneceram em silêncio, enquanto o automóvel rodava, até chegarem finalmente, a um parque. Lá, debaixo das primeiras tin-

tas cinzentas da aurora, pegaram no lenço e enxugaram o rosto. — Não assisti às representações subsequentes do *Sacre*, — observa Stravinsky, — porque alguns dias depois da tão famosa estréia cai doente... e passei seis semanas num hospital.

III

Stravinsky apartara-se de todo em todo das tradições do passado. De outra parte, porém, não alimentava idéias falsas acerca da sua missão de Messias musical. Pouco se lhe dava a assim chamada "arte do futuro". Ele escrevia, como francamente o confessa, para o presente. Interessava-se em agradar, ou melhor, deixar atônitas as platéias do seu tempo, distraíndo-lhe a indiferença com um novo explosivo, uma combinação de acordes elementares que não se misturavam.

Odiava, acima de tudo, a complacência do público, a sua aceitação sem qualquer senso de crítica dos velhos ídolos musicais, — defuntos para os ouvidos de Stravinsky. Assistiu a um festival de Wagner em Bayreuth e achou-o empolgante como um enterro. "O lugar," escreve ele, "semelhava um crematório, aliás bem antiquado. Eu esperava, a cada momento, ver o cavalheiro de preto encarregado de entoar louvores ao falecido. A ordem para os espectadores se entregarem à contemplação foi dada por um toque de trombetas. Sentei-me, humilde e imóvel, mas ao fim de um quarto de hora já não me era possível tolerar aquilo por mais tempo... Afinal chegou o "Intervalo" e fui recompensado com duas salchichas e um copo de cerveja. Mal tive tempo, no entanto, de acender um cigarro quando tornou a soar o toque de trombetas, exigindo novo período de contemplação. ...Seguiram-se mais salchichas, mais cerveja, outro toque de trombetas, outro período de contemplação, outro ato — Finis!"

Não, essa espécie de inspiração preservada não servia. Estavam mortos os reis do passado. Viva a música do presente! A música complexa e informe de uma época informe e complexa. Engana-se quem espera que a música deva expressar alguma coisa. A música, verdadeiramente, não deve evocar sentimentos nenhuns. "Toda emoção é uma ilusão. A única propriedade da música é a sua estrutura intelectual. A música há de ser admirada e não gozada."

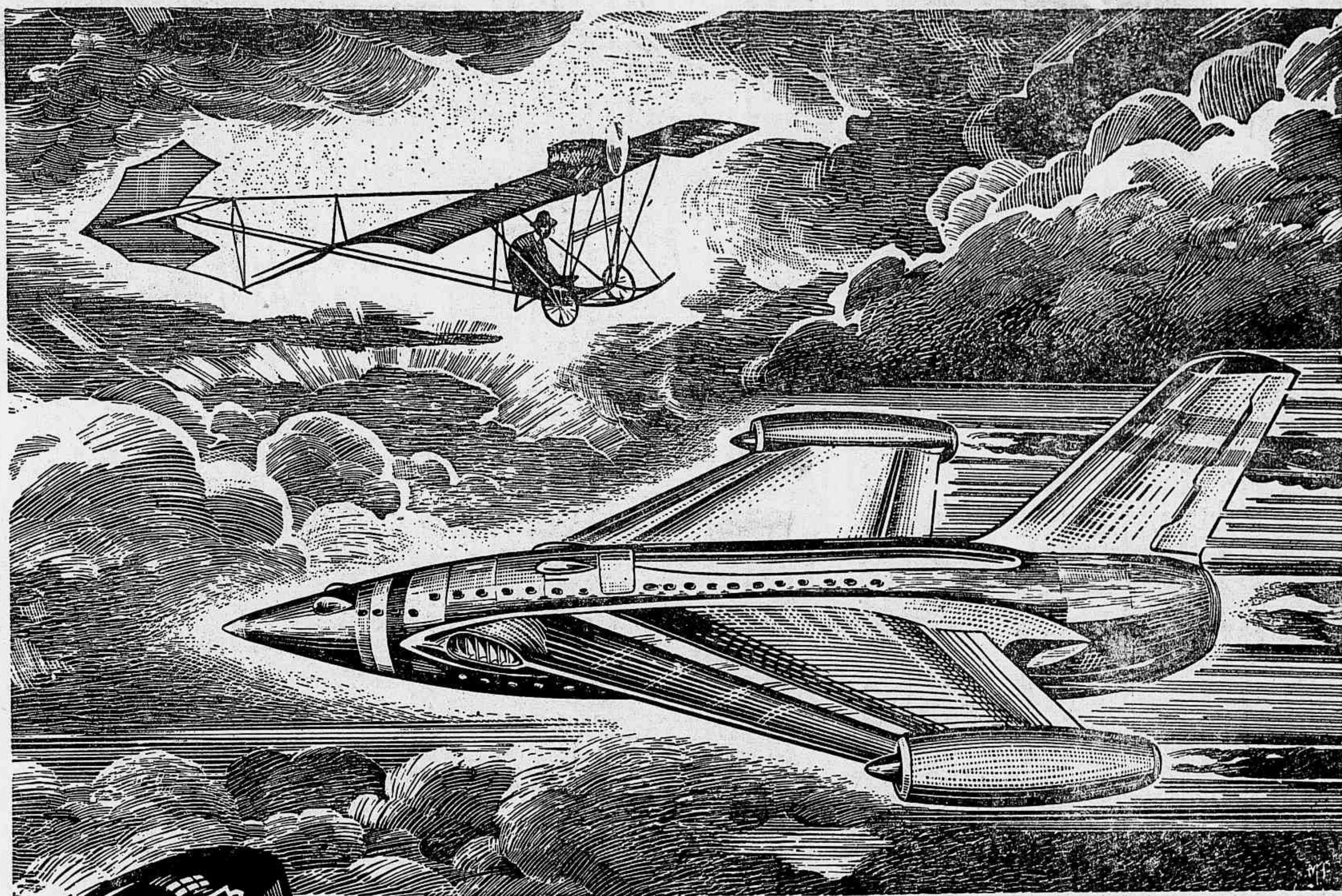
Com essas idéias na cabeça meteu-se Stravinsky a aperfeiçoar a sua técnica — que ele possuía em grande abundância. Sem experiência de melodia, entregou-se com fanático zelo ao contraponto. Não amima as tuas audiências; faze-as trabalhar. O trabalho é o caminho mais seguro para a felicidade. Não há nada tão agradável como uma música penosa. A vida é tão trágica sempre! Transformemo-la, para variar, em algo grotesco. Assim falou o homem cujo conhecimento de orquestração e das potencialidades de cada instrumento era inultrapassável. Stravinsky foi à Itália e estudou os pianos mecânicos e as orquestrazinhas das ruas à conta das suas melodias caprichosas e inesperadas. Conheceu Picasso e surgiu imediatamente um laço de simpatia entre o compositor cubista e o pintor cubista, pois ambos eram adeptos do mesmo credo estético — da forma para a forma através da ausência de forma. Havendo rejeitado os velhos modelos simples, abriam o seu caminho através do caos à cata de modelos próprios mais complexos e, a juízo deles, mais satisfatórios.

Picasso pintou um retrato de Stravinsky. As autoridades alfandegárias confiscaram o retrato e apresentaram-no como prova contra o compositor, pois com todos os seus ângulos e curvas semelhante o mapa secreto de um objetivo militar traçado por um espião. E apenas o mapa da minha cara, — explicou Stravinsky. Para convencer, porém, as autoridades, foi-lhe preciso escrever ao embaixador britânico em Roma que entendia alguma coisa da arte de Picasso.

Nesse ponto Stravinsky veio a sofrer a influência do *ragtime*. Compreendemos (Continua na pág. 44)



Igor Stravinsky, o compositor do "*Pássaro de Fogo*" e da "*Pulcinella*".



A MARCHA DA CIÊNCIA

Se Santos Dumont tentasse dar a volta ao mundo em sua "Demoiselle", levaria meses para completar a viagem. Hoje, porém, o mesmo percurso pode ser feito em poucas horas, nos modernos aviões a jato, de velocidade super-sônica.

A ciência eletrônica progrediu na mesma proporção. As novas válvulas PHILIPS *Miniwatt*, de múltiplas funções, valem por 3 válvulas comuns. Ao comprar um rádio, portanto, não o julgue pelo *número* de válvulas que tem, mas sim pelo *tipo* das válvulas empregadas.

Válvulas modernas para rádios modernos.



PHILIPS

Miniwatt

A VALVULA DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES



A cachoeira

Conto de Neyde Joppert ★ Ilustração de Orlando Mattos

Os dois vultos de homem subiam pela picada que se estendia, morro acima, pelo meio do mato. Na frente vinha "seu" Chico; o tronco alto, o facão na cinta, o chapéu largo caindo nos olhos. Trazia meio soltas as rédeas da mula, inclinando-se um pouco para frente para ajudá-la a subir.

Ela, besta! força nessas perna! que é que te prega no chão, diabo?

Logo atrás vinha frei Manoel. Alto e ossudo, mãos cruzadas, lento nos passos e meditativo na contemplação das paisagens.

Logo depois o atalho virou asperamente para a direita e o fazendeiro teve que deixar o lombo da mula. Veio ficar ao lado do frade durante o resto da subida, não sem antes blasfemar contra o pobre animal.

— Raio de bestalhada inútil! eu com duas perna subo melhor que esses diabo de quatro!

— O caminho é duro "seu" Chico; tenha paciência.

— Sinhô tá cansado, frei Manoel?

— Não, "seu" Chico; estou apenas explicando porque é que a mula não o ajuda.

— Ah! bem.

A lombada do morro era bastante larga. A mata cerrada e úmida, exalando um cheiro forte de ramaria verdejante. Não ventava, não havia pássaros nem campainhas solitárias de cabras leiteiras. Do fundo silencioso só se destacava o fragor ainda distante de uma cachoeira com seu ronco profundo cortando o bosque.

Naquela direção seguiram os dois homens. O atalho cheio de pedras retardava seus passos encurtando ainda mais a caminhada.

"Seu Chico pôs a mão na cinta, majestosamente, e encarou o frade, durante um momento.

— Sinhô não sabe pra que foi que lhe pedi pra vim comigo até a cachoeira.

O frade encarou-o, plácido.

— Não. "seu" Chico, não sei.

— Pois é coisa séria, frei Manoel.

— Devéras?

O fazendeiro assentiu com a cabeça.

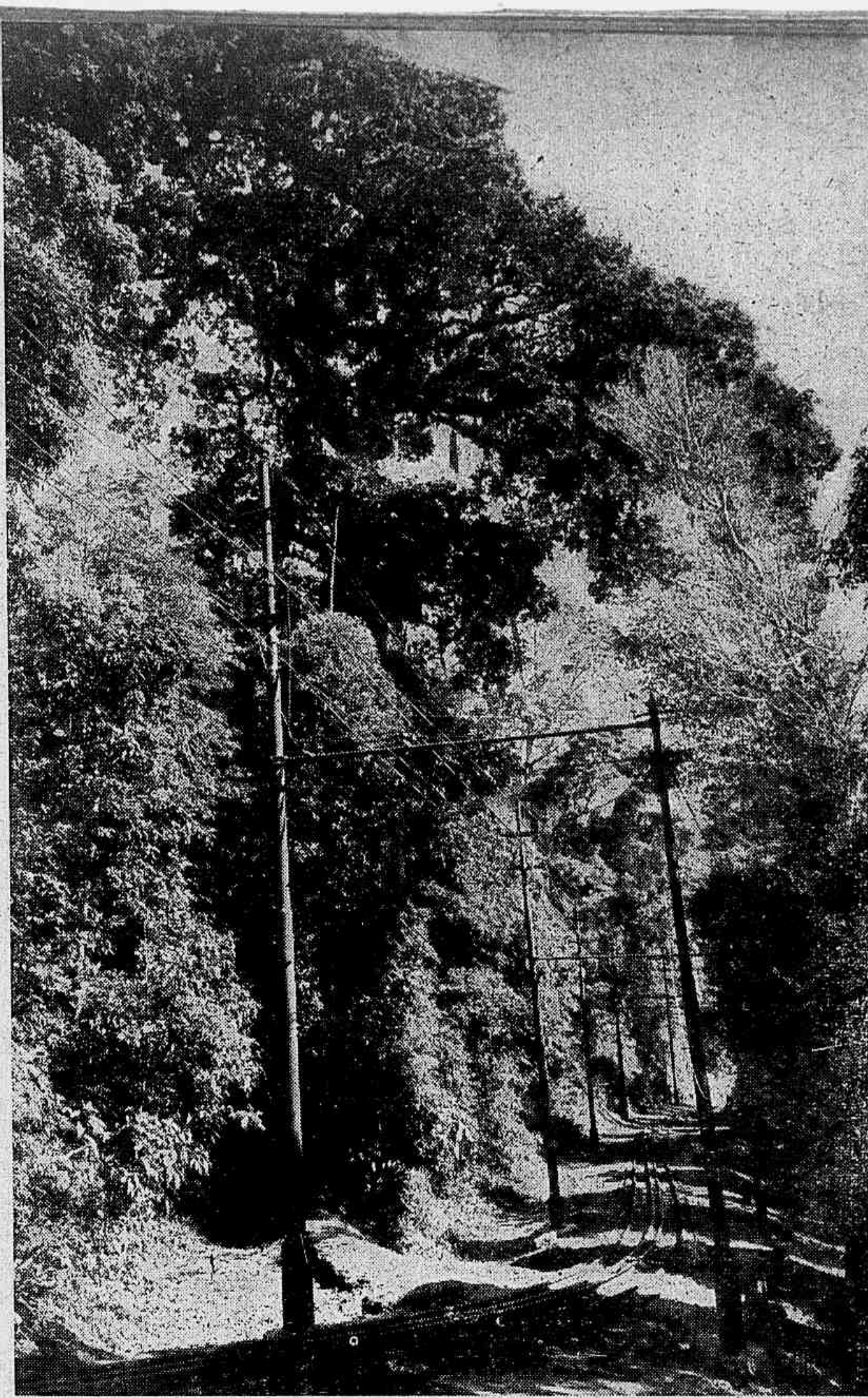
— Muito séria mesmo. Sinhô sabe a vida que eu levo aqui: sozinho, no

(Cont. na pág. 42)

Premiado no Concurso Permanente de "Revista da Semana"

HA' nos países novos, em todos eles, uma tendência forte para a destruição das florestas. Todos os países, da Galia aos Estados Unidos e ao Brasil, passaram por esta fase. A destruição, em parte, tem suas razões, se a área é fortemente florestada. E' necessário abrir espaço para as culturas, as cidades, as estradas de ferro e de rodagem. Precisa-se de madeira para inúmeras utilidades. O homem atira-se às matas e as faz recuar pelo machado e pelo fogo. E arrastado pelo impulso primitivo, vai muito além do indispensável, arrasando mesmo as florestas que revestem as nascentes dos rios e riachos e as que grimpam as encostas íngremes e os píncaros. Foi assim na Europa. E' assim ainda em imensos trechos do Canadá, dos Estados Unidos, do México, de Cuba, da Argentina, do Chile, da Austrália, do Brasil.

Vem depois a reação. Verifica-se que as derrubadas excessivas prejudicaram o clima, tornando-o mais quente e de pluviosidade mais irregular; que as erosões destroem os solos das serras e dos morros empinados; que o regime dos rios se alterou para pior, apresentando ora cheias devastadoras, ora vazões mínimas que perturbam a navegação e reduzem a produção de eletricidade; que os ventos sopram incontroláveis, ressecando e destruindo a inflorescência dos pomares, quebrando galhos



Trecho de uma floresta natural no Rio de Janeiro.

Ferro. A idéia generalizou-se. Hoje há o Serviço Florestal do Ministério da Agricultura e diversos órgãos congêneres estaduais fazendo trabalhos de florestamento e reflorestamento.

O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, em dezembro de 1945, concentrava seu esforço de reflorestamento nos viveiros da Gávea e nos Hortos Ibura, em Sergipe, e Lorena, em São Paulo. Tinha, em construção, os Hortos Santa Cruz, no Estado do Rio, Saltinho, em Pernambuco, Pelotas, no Rio G. do Sul. Distribuiu umas 800 mil mudas de essências florestais. Hoje, dois anos depois, a situação é muito melhor. O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura entrou numa fase de dinamismo que vai aumentando constantemente o valor de seu esforço. Todos os Hortos citados estão produzindo mudas, embora alguns ainda tenham suas instalações incompletas. Sem aumento de verbas, em 1946, os viveiros da Gávea produziram 610 mil mudas; Saltinho, 373 mil; Ibura, 385 mil; Santa Cruz, 799 mil. A vitória coube a Pelotas com 1.209 mil mudas. O segundo lugar tocou a Lorena, com 1.124 mil mudas. Total, 4.600 mil mudas. Mas não ficou aí a produção.

O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura tomou um rumo novo, altamente promissor; o da cooperação com Esta-

AS FLORESTAS SÃO RIQUEZAS NACIONAIS

de árvores e provocando erosões aterradoras; que a caça rareia; que a lenha e as madeiras com finalidades diversas se tornam escassas e caríssimas. E regiões e países autosuficientes passam a importar quantidades tremendas de produtos florestais. E' o caso da França, Espanha, Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, da própria Alemanha.

No Brasil, a devastação irregular das florestas já formou correntes comerciais internas. Sergipe se abastece no sul da Bahia. O Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte recebem tábuas e toros da Amazônia e dos planaltos meridionais. Ao Rio de Janeiro chegam lenhos do vale do Rio Doce, da Amazônia e dos pinheirais dos três Estados meridionais. S. Paulo, que usou e abusou do machado, se abastece no Paraná e no Sul de Mato Grosso.

Vem, então, a idéia de reflorestar. Refaçam-se as florestas que a imprevidência humana destruiu. E se florestem regiões que nunca tiveram florestas, mas que ecologicamente se mostram capazes de possuí-las. E surgem os programas. A França planta laboriosamente árvores nas terras escassas e sáfaras dos Alpes, dos Pirineus e da Auvernia e nos areais das Landes. Quer corrigir o regime dos rios, proteger

E' PRECISO PRESERVÁ-LAS, IMITANDO O EXEMPLO PREVIDENTE DE OUTROS POVOS — O VALOR ANÔNIMO DO SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO

Por PIMENTEL GOMES

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

o solo, aumentar a produção de madeiras, que lhe permitirá economizar cambiais. Nos Estados Unidos os males vêm do oeste, sob a forma de tempestades de areia que inutilizam áreas imensas das terras férteis de leste. Roosevelt mandou plantar uma grande floresta indo da fronteira do Canadá à do México, — uma espécie de grande muralha aos vendavais destruidores dos desertos e semi-desertos ocidentais. E há intenso reflorestar em outras regiões do país, pois os norte-americanos estão percebendo que se esgotam as suas reservas florestais, como se estão esgotando as reservas de minérios diversos e de petróleo. Mussolini reflorestou os Apeninos, cujas terras são topograficamente impróprias à lavoura. A acreditar no Conde Ciano, Mussolini reflorestando-a, queria tornar a Itália mais nebulosa, julgando que tal coisa melhoraria as qualidades do soldado italiano. A Espanha refloresta há décadas. Refloresta para conter o deserto

que se espraia, para reter o solo das montanhas, para evitar o açoreamento das barragens, para corrigir o regime amalucado de seus rios, para melhorar o clima e aumentar a produção de madeira. Portugal refloresta pensando no aumento de produção. As irregularidades climáticas e a pobreza de grande parte do solo não favorecem a agricultura. Recorre, então, à floresta. A exportação de produtos florestais pesa cada vez mais favoravelmente no comércio internacional da Lusitânia. A Grã-Bretanha refloresta as terras pobres, as montanhas desnudas da Escócia. O Uruguai refloresta pensando em proteger o solo, melhorar o regime das águas e diminuir a importação de produtos florestais. E o Brasil, louvado seja Deus, também refloresta.

O reflorestamento começou com Navarro de Andrade, um agrônomo culto e dinâmico, que correu o mundo e empregou o melhor de sua atividade na Companhia Paulista de Estrada de

dos, Prefeituras, Estradas de Ferro, fazendeiros, usineiros, industriais. Disseminou os seus trabalhos que em dezembro de 1947, malgrado não ter havido aumento de verba, se alargavam do Maranhão ao Rio Grande do Sul. Embora muitos contratos de cooperação se fizessem tardiamente, produziram-se 1.906 mil mudas, principalmente no Ceará, Minas Gerais, Estado do Rio, Bahia e Piauí.

O total de mudas produzidas em 1946 elevou-se a 6.500.000, e se distribuíram mais de seis milhões.

Mas a expansão continua cada vez mais rápida. Outros acordos se articulam. Além de Estados, prefeituras como Fortaleza, Campina Grande, Juiz de Fora, Pombal, Aracaju, Campo Maior, Friburgo, Porciúncula, Petrópolis, Belo Horizonte, Pacatuba, Sobral, Crato, Massapé, Princesa Isabel, Carangola e outras fizeram ou se estão articulando contratos e acordos de reflorestamento. As companhias siderúrgicas se movimentam acompanhando a iniciativa da Belgo-Mineira. Os Hortos aumentam a produção. Criou-se um novo Horto Florestal — o de Sobral, e a primeira Floresta Nacional que o Brasil possui — a Araripe-Apodi.

(Cont. n. apág. 40)



Ao alto — A mesa da diretoria do Jockey Club, vendo-se o sr. Alvaro Ribeiro de Araujo, diretor de sede, e a senhora Armando Fajardo, entre outras pessoas. Em baixo da página — Algumas das mais animadas participantes da linda festa carnavalesca do Jockey, os centando ricas fantasias. A da esquerda é a senhorita Ana Maria Esnaty, cujo entusiasmo tanto concorreu para o grande sucesso da elegante reunião.

CARNAVAL NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

NA terça-feira gorda abriram-se os salões do Jockey Club Brasileiro, à Avenida Rio Branco, para a realização de um jantar-dançante à fantasia. Numerosos sócios e suas famílias acorreram à aristocrática sede da nossa prestigiosa sociedade turfista, onde teve lugar um verdadeiro baile carnavalesco, correspondendo plenamente à grande animação reinante no Carnaval deste ano e nada ficando a dever ao esplendor das ou-

tras festas com que os cariocas consagraram o efêmero reinado de Momo I e Único. Ricas fantasias, num ambiente de entusiasmo invulgar, fizeram do jantar-dançante do Jockey Club uma festa de raro brilhantismo, participando assim o nosso grêmio carreirista com o merecido relêvo, da beleza com que se apresentaram em 1948 os festejos carnavalescos entre nós.





Nesta página vemos mais três aspectos da festa carnavalesca do Jockey Club, que bem dizem da animação reinante nos salões elegantes da tradicional sociedade turfista. Na foto de cima, vêem-se, entre outras pessoas, os srs. Arthur Pires, Carlos Palhares e Luciano Martins Pereira.



VIDA, PAIXÃO E ESCOLA DE C

BELO HORIZONTE FOI A SHANGHAI DA DA
PREFEITO OCTACILIO NEGRÃO DE LIMA
DE MINAS — NO SALÃO DE BELO HORIZONTE
GANHAVAM TODOS OS PRÊMIOS — GUIGNARD
PENSOU ENCONTRAR TANTA SE

Reportagem de MILTO
(Especial para REVISTA D

O prefeito Otacilio Negrão de Lima causou verdadeira indignação entre os mineiros, pois acaba de fechar a Escola de Guignard, isto é, o já nacionalmente famoso Curso de Belas Artes da Prefeitura de Belo Horizonte.

O prefeito da capital, numa atitude plenamente demagógica, acaba de mandar ocupar o prédio onde estava funcionando a referida Escola, sob o pretexto de instalar ali um curso para filhos de operários, quando todo mundo vê que o ponto está inteiramente fora de mão e inúmeros cursos noturnos para os mesmos foram recentemente reabertos em todo o Estado, além de dispôr a Prefeitura de

A Escola de Guignard não era apenas um acontecimento a mais na vida de Belo Horizonte. Era mais do que isso. Era o mais importante acontecimento artístico destes

Em cima: Guignard, o mestre da pintura moderna em Belo Horizonte, ensinando ao ar livre às suas alunas. Em baixo: Alberto Da Veiga Guignard, o mestre que revolucionou Belo Horizonte. "Um grande mestre", escreveu o governador Milton Campos. Juscelino Kubitschek, um homem de inteligência e cultura, abriu a Escola. O prefeito Octacilio Negrão de Lima clamou a glória de fechá-la...



XÃO E MORTE DA A DE GUIGNARD

SHANGRI-LA DA PINTURA, ATÉ QUE CHEGOU O
GRÃO DE LIMA... — REVELAÇÕES ARTÍSTICAS
DE BELO HORIZONTE, OS ALUNOS DA ESCOLA
DE GUIGNARD CONFESSA QUE NUNCA
VIRAM TANTA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA

agem de MILTON PEDROSA
(especial para REVISTA DA SEMANA)

e Lima cu-
entre os
nar a Escola
nalmente la-
Prefeitura de

irúmeros outros pontos onde localizar tais
cursos.
O sr. Otacilio Negrão de Lima nem sequer
mandou ou providenciou para que a Escola
de Guignard se mudasse. Simplesmente aca-
bou com ela, mandando dizer ao professor
que não havia mais Escola de Belas Artes.

Os meios intelectuais e artísticos de Belo
Horizonte, inteiramente estarecidos, estão
envidando todos os esforços para que seja
reparada tão abstrusa medida.

O gesto do prefeito de Belo Horizonte faz-
nos lembrar a frase de Goebbels: "Quando
ouço falar em cultura, saco o meu revólver".
O gesto de um e a frase de outro se equiva-
lem...

★
ra apenas m-
de Belo H-
ra o mais n-
co destes n-
quenta anos de desenvolvimento da cidade.
E a sua atividade tendia a exercer uma in-
fluência decisiva no movimento cultural de
todo o Estado.

onou Belo H-
ão de Lima



Em baixo: Uma aula ao ar livre. O ambiente era sempre de disciplina e trabalho. Em cima: Quadro de Nina Xavier, discípula de Guignard, na Escola de Pintura fechada pelo prefeito
Otacilio Negrão de Lima. Dias negros para as belas artes em Belo Horizonte. Mas foram os habitantes da linda cidade que o elegeram, não foi mesmo?



Não foi sem razão que Portinari escreveu
no livro de visitas da Escola: "A Escola de
pintura e desenho de Guignard é sem favor
a melhor do Brasil". Neste livro muitas opi-
niões existem. Estão assinadas por escre-
tores, artistas, políticos, visitantes de tôda par-
te. Põem nas nuvens Guignard e sua Escola.
Há os que atribuem ao pintor poderes mági-
cos, divinos, estranhos e mesmo demoníacos.
Uns chamam-no de feiticeiro, outros de santo.

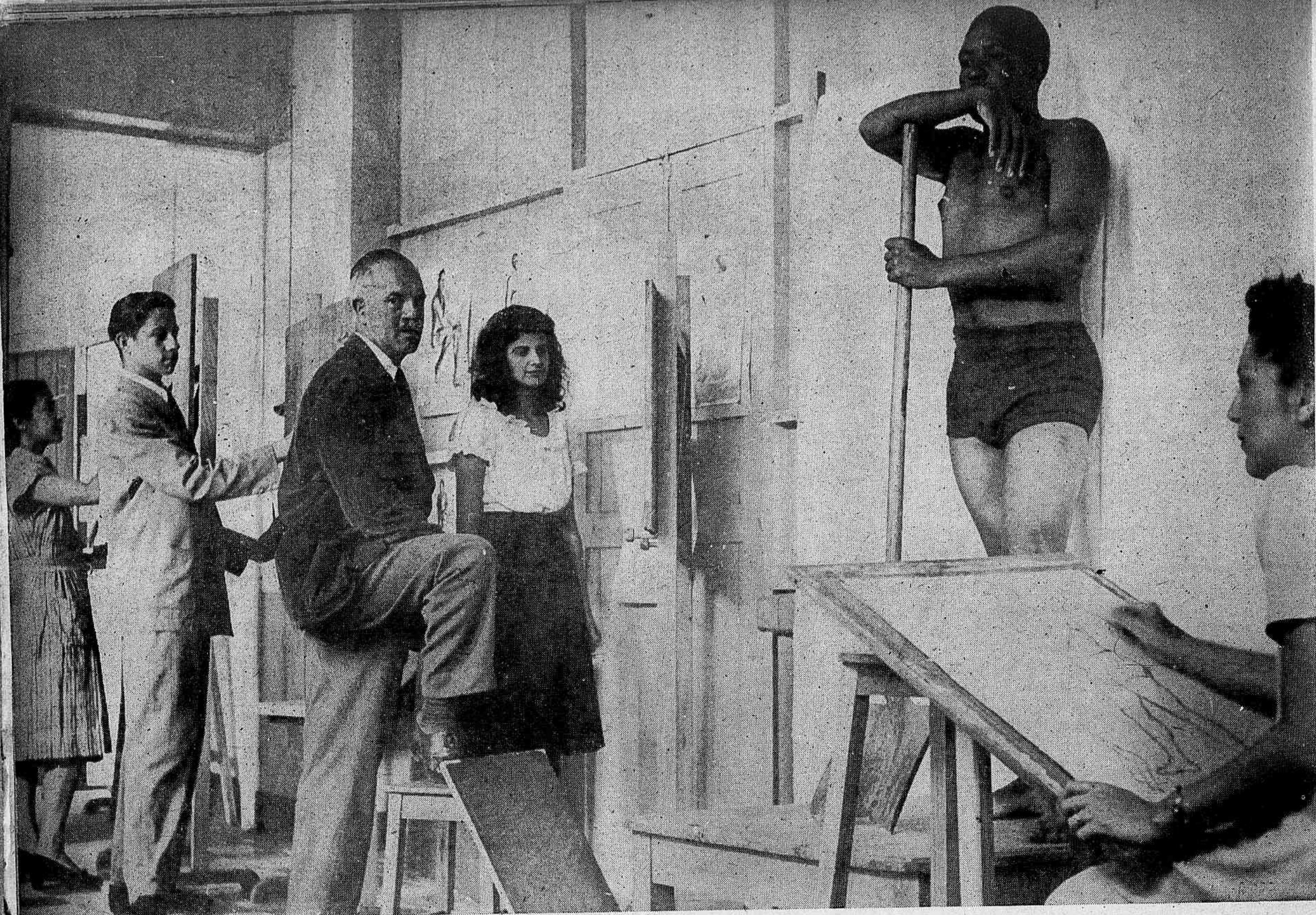
Santo Guignard... Certo, se considerar-
mos como milagre a maneira pela qual ele vi-
nha transformando o ambiente artístico da
capital mineira. Pode-se dizer simplesmente
que este ambiente não existia antes de
Guignard. Passou a existir naquele recanto
que o ministro checoslováquio chamou de
"Shangri-la da pintura".

★

A Escola de Guignard denominava-se, ofi-
cialmente, Curso de Belas Artes da Prefeitu-
ra de Belo Horizonte. Mas o belorizontino
resolveu desconhecer a longa denominação e
adotou a outra, aquela que lhe era mais sim-
pática e que, na realidade, dizia tudo, embo-
ra Guignard dispusesse de dois assistentes e
o curso tivesse sido instituído pela Municipa-
lidade, a quem devia a sua manutenção, pre-
cária, apesar de tudo.

A Escola estava situada num dos mais be-
los recantos da cidade, em pleno Parque, nu-
ma pequena casa entre árvores enormes, be-
ira de pequeno lago artificial, local que
possibilitava não só aulas ao ar livre, mas
tornava agradável o trabalho durante qual-
quer hora do dia, sob um céu e à luz que fa-
zem a alegria dos pintores.

Aí tudo favorecia o maior desenvolvimen-
to dos alunos. O clima, a luz, a temperatura
tudo se dispõe como de encomenda, dando
vontade de trabalhar. E ali podíamos ver, de
8 da manhã em diante, Guignard e seus alu-



Em cima: uma aula de desenho anômico do professor Alberto Da Veiga Guignard, o homem que levou a boa pintura a Belo Horizonte. Em baixo: era esta a melhor escola de pintura do Brasil, — diziam todos, — apesar de muito pobre e precariamente instalada. Mas os alunos de Guignard ganhavam todos os prêmios e isso deu raiva em alguém...



nos, pintando ou desenhando. Para o mestre não existia no mundo nenhum lugar melhor. Lembra-se do Rio e, quando isto acontece, o que lhe acode imediatamente são as condições de trabalho no forno que é a terra carioca, onde cada pequeno esforço significa um tremendo desgaste de energias.



A idéia deste Curso e da escolha de Alberto da Veiga Guignard para dirigi-lo deve-se a Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, aí por 1943. Uma conversa no Rio, a idéia tomou corpo e transformou-se em realidade.

Hoje a Escola de Guignard podia gabar-se de já terem passado por ela cerca de duzentos alunos. Muitos deles ali foram apenas por esnobismo, porque chegou a ser moda em Belo Horizonte frequentar a Escola de Guignard, mas estes logo desistiram e a moda desapareceu, diante da disciplina e do trabalho que ali reinava.

Este ano a matrícula era de 50 alunos, dos quais a maioria é de moças, 30, e 20 rapazes, entre 14 e 21 anos. Nesse total havia trinta bons alunos, talentos em perspectiva, segundo observação de Guignard.

E' verdade que a esse ponto a Escola não havia chegado sem dificuldades. Houve mesmo, e ainda há, dificuldades, para a aquisição de material. E muitas vezes essas despesas têm corrigido por conta do mestre. Houve também a dificuldade inicial para encontrar modelos, pois a Escola nem sempre podia pagar.

E houve, sobretudo, alguma incompreensão inicial. Não era possível, então, desenhar um nú. Não se encontrava modelo e havia mesmo certa resistência por parte de alguns alunos. Ainda hoje, uns poucos se mantêm nesta atitude. Além disso, pessoas que não compreendiam bem o que significava uma escola de pintura ou um atelier, tinham suas reservas, que às vezes não deixavam transparecer, mas tinham.

Entretanto, a Escola de Guignard pouco a pouco foi vencendo tais dificuldades, mostrando a todos o verdadeiro sentido da arte, no que ela tem de mais pura, de mais séria e construtiva.

E eis aí a Escola como mais um fator educativo na vida da capital mineira.



Por maiores, porém, que tenham sido os obstáculos a vencer, os primeiros resultados desse curso nos seus poucos anos de atividade, começam a aparecer, revelando a orientação que lhe vem dando Guignard, numa marcante demonstração do aproveitamento das vocações artísticas da mocidade mineira.

No Salão de 1947, os pintores mineiros saídos da Escola de Guignard deram uma prova disso quando foram todos aceitos como participantes do certame. Basta ver que três medalhas de bronze e três menções honrosas foram a eles conferidas pelo júri. São os premiados, com medalhas de bronze: Estevam José de Souza e Heitor Coutinho, em pintura, e Amílcar de Castro Filho, em desenho. Com menções honrosas; Maria Helena Sales Coelho e Waneí Pedrosa, em pintura, e Solange Botelho, em desenho.

Estevam José de Souza é um pintor negro, cujos trabalhos começam a chamar a atenção dos entendidos e já mereceu especial referência, de alguns críticos. Heitor Coutinho é um jovem nervoso e dono de uma personalidade artística que o próprio Guignard tem encontrado dificuldade em controlar. Hoje, em Belo Horizonte, não surge nada em matéria de cenários e decorações artísticas, nas escolas de bailados infantis ou nos teatros amadores ou de estudante, sem que eles estejam presentes. O primeiro concorreu ao salão com uma "Paisagem de Ouro Preto" e o segundo com uma "Natureza Morta".



Nina Xavier, aluna da Escola de Guignard, é uma moça de talento e pinta as flores alegres de Belo Horizonte. Em baixo: alunos de Guignard, trabalhando com modelo vivo. A falta de modelos profissionais, uma das moças do curso põe discretamente vestida para seus colegas de aprendizado artístico.



Héitor Coutinho, medalha de bronze de 1947, é considerado a mais forte revelação da Escola de Guignard, — o milagre artístico de Belo Horizonte.

Outros nomes, verdadeiras vocações artísticas poderíamos alinhar. Mas basta acrescentar que no último Salão de Belo Horizonte, onde compareceram cerca de 150 expositores, os alunos de Guignard ganharam todos os prêmios.

Isso, talvez, tenha dado raiva a alguém...



Mas que fez Guignard para isso?

Uma coisa simples: dedicou-se com afinco e honestidade à sua tarefa, pondo a serviço das vocações que encontrou sua tremenda capacidade, no afã de transmitir-lhe toda a rica experiência de sua vida artística. Uma coisa aparentemente fácil, mas, na realidade, extremamente difícil, pois exigia, não apenas abnegação e capacidade de sacrifício, mas, sobretudo, muito entusiasmo, muita disciplina e muita confiança. Qualidades que ele possui no mais alto grau.

Se procurarmos conhecer detalhes de sua orientação nesse trabalho ele nos informará a respeito. E ficaremos sabendo que o Curso em questão se distribui em séries que não são fixas e que é o próprio aluno que, de acordo com o aproveitamento, se classifica na 2.^a, 3.^a ou 4.^a séries. O ensino é inicialmente clássico, pois para Guignard o aluno de tendências modernistas precisa em primeiro lugar aprender a desenhar no mais puro estilo acadêmico. Bem entendido, isso significa que deve trabalhar com inteligência e espírito renovador. Mais propriamente: no início do curso ele terá que se enquadrar num rígido espírito de disciplina. Depois, então, que tome o rumo que sua personalidade exigir.

De vez em quando esta Escola se deslocava. Professores, e alunos se transferiam por dias para Sabará, Congonhas, Ouro Preto e outras tradicionais cidades mineiras e de lá regressavam trazendo desenhos e aquarelas. E de novo entre as árvores do Parque o trabalho continuava, animado pelo mesmo entusiasmo inicial.

Assim era a Escola de Guignard, que em maio próximo completaria quatro anos de atividade a serviço do desenvolvimento artístico, não apenas de Belo Horizonte ou de Minas, mas de todo o Brasil.



Recentemente, Guignard renovava por dois anos seu contrato com a Municipalidade. Este contrato terminaria em 1950.

Diz ele, porém, que aconteça o que acontecer, não mais deixará Minas.

Se perguntarmos a razão disso ele nos dará uma série. Em Minas o povo é hospitaleiro. Em Minas existe um clima maravilhoso que aumenta a capacidade de trabalho. Em Minas há tempo, há calma. Mas dirá também que Minas foi para ele uma surpresa, uma revelação. Que jamais esperava encontrar, escondida em Minas Gerais, gente de tanta sensibilidade artística.

Eis aí o "pivot" da história. Guignard encontrou em Minas um material humano rico de sensibilidade, repleto de vocações artísticas e Guignard ama sobretudo essas vocações, esses seres humanos que recebe e compreende sua experiência artística.

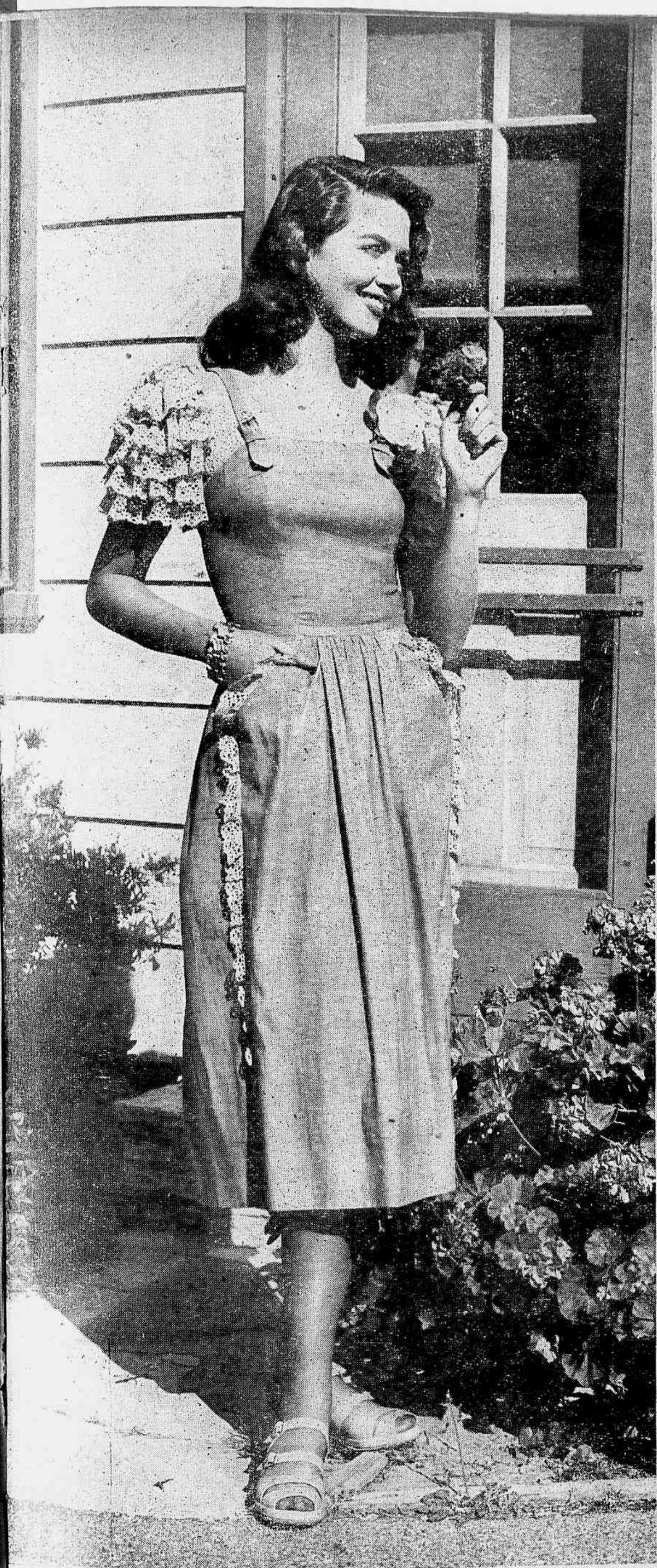
E é por isso que ele afirma com a mais séria convicção:

— "Não sairei mais daqui. Se quando terminar meu contrato, não me quiserem mais, não irei embora. Já falei com meu amigo

(Cont. na pág. 48)

Alunos de Guignard, palestrando cordialmente, em passeio pelo parque de onde acabam de desalojar, em gesto de gritante incompreensão, a escola que pôs Belo Horizonte no mapa artístico do Brasil...





Dorothy Malone e Penny Edwards, da Warner Bros, oferecem a vocês duas encantadoras sugestões para verão. Ambas são feitas em linho. A primeira verde, a segunda vermelha. O modelinho de Miss Malone é enfeitado com bordado inglês na sãla e nos ombros, formando manga. O de Miss Edwards, tem flores pintadas à mão no bolero.

NOS BASTIDORES FEMININOS

ESSA indiferença que você diz sentir pelas coisas da vida é a única responsável pelo seu estado de espírito, pela infelicidade que você diz estar vivendo ao seu lado. Não se pode ser feliz vivendo assim como você vive, alheia a tudo e a todos, olhando para você mesma sem encontrar ou procurar encontrar motivo algum de interesse ao seu redor. Sua vida, realmente, deve ser muito vazia e muito insipida. Mas, deixe-me dizê-lo, a culpa está em você mesma. Foi você quem criou esta situação e compete a você tudo fazer para sair dela. "Mas como?", indagará você.

Sacudindo toda essa inércia, todo esse indiferentismo e procurando se entusiasmar pela vida. Busque interesse nos pássaros, nas flores, no mar, nas montanhas, nos seus semelhantes e em tudo o mais que a cerca. Procure se interessar mais vivamente pelo seu trabalho, si é que você trabalha. Faça-o não como uma obrigação penosa, mas como uma coisa que lhe dá prazer; esse trabalho que an-

tes você considerava rotineiro, monótono, poderá fornecer a você mil motivos novos de distração e interesse. Procure se acercar dos seus colegas de trabalho; dê-lhes que você evitava por achar que "não valia a pena perder tempo com eles"... Mostre-se amável e desejosa de conhecê-los mais intimamente; trate-os sem esse seu antipático "ar" de pessoa superior e indiferente; eles se aproximarão de você, se interessarão também pela sua vida, e, esse intercâmbio sacudirá você da sua letargia. Leia também. Quando estiver sôzinha, não se entregue ao desânimo; não fique num canto isolada, para melhor saborear a sua solidão; ela não lhe faz bem. Procure a companhia de bons livros, livros que a estimulem a viver e a sorrir, que a ensinem a amar a vida. Olhe bem em volta; olhe um pouco para baixo; ali você encontrará pessoas que teriam motivos para viver nesse estado apático em que você vive, no entanto, elas reagem com persistência e coragem. E' justamente isso o que você precisa.

KITTY

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

OS DENTES DE ELEONORA DUSE...

Quando Eleonora Duse esteve pela primeira vez nos Estados Unidos, — foi tão grande o seu sucesso que o presidente Cleveland converteu-se em seu fã e deu uma recepção em sua honra na Casa Branca, em Washington, — um cavalheiro gordo e baixote surgiu no teatro, para propor um negócio.

— Se quer pleitear um camarote para o espetáculo de hoje, lamento muito, mas a lotação está esgotada... — disse o empresário Schurmann. — Foi o que eu já disse a todos os que vieram procurar-me...

— Não, não é isso... — respondeu o homenzinho — Eu não faço questão alguma de assistir ao espetáculo... Queria apenas propor um negócio à senhora Duse. Mas um negócio muito pessoal, que só ela, naturalmente, poderá decidir...

— Eu decido todos os seus negócios, — observou o empresário.

— Bem, se é assim... Eu queria oferecer à senhora Duse quinhentos dólares para que ela assinasse uma declaração em meu favor...

— Uma declaração?

— Sim... Muito simples... Dizendo que os dentes dela são postiços e que eu sou o seu dentista...

Schurmann pôs o homenzinho para fora quase a pontapé. Depois, indignado, contou a história a Eleonora Duse, que riu muito e observou:

— Ora Schurmann! O que você devia era ter pedido mil dólares, para que eu dissesse que tinha também o queixo falso...

★

O VENENO DA DIVINA SARAH...

Sarah Bernhardt nunca perdoou a Eleonora Duse, — uma jovem atriz, então, comparada com a celebridade da criadora de "L'Aiglon", — haver feito mais sucesso do que ela na "Dama das Camélias", no Teatro da Renascença, que era o palco onde habitualmente representava a trágica francesa. Logo que pôde, Sarah Bernhardt, mesmo sem ter a intenção de representar em Paris na estação seguinte, arrancou à italiana o teatro que amavelmente lhe cedera, na expectativa de uma temporada apenas medíocre, — e o fez sob o falso pretexto de que o Teatro da Renascença precisava entrar em obras. Mas já a reputação de Eleonora Duse se firmara de tal modo em Paris que outro teatro imediatamente lhe abriu as portas, para uma nova temporada.

Em Eleonora Duse nunca desapareceu a gratidão para com Sarah Bernhardt, em face desse com acolhimento inicial, embora toldado pelas ciúmdas artísticas, nem esmoreceu a admiração que a colega francesa sempre lhe despertara. Sarah, a divina Sarah, — dizem que o ódio é o prazer dos deuses... — não se aguentou, entretanto, e num artigo autobiográfico, publicado numa revista inglesa, assim falou da rival italiana:

"Eleonora Duse é antes uma grande atriz que uma grande artista. Segue caminhos traçados por outros. Não que ela copie esses outros. Ela põe flores onde eles plantaram árvores e faz crescer árvores onde eles plantaram flores. Apesar de toda a sua arte, ela jamais criou um personagem cujo nome se possa identificar. Nunca modelou um ser vivo ou uma visão que nos force a evocar imediatamente a sua pessoa. Nada mais fez que calçar as luvas de outrem. Apenas, calçou-as às avessas. E todas essas coisas, ela as faz com graça infinita e uma despreocupada inconsciência. Eleonora Duse é, pois, uma grande atriz. E', mesmo, uma extraordinária atriz. Mas não é uma artista".

E' impossível colocar maior dose de veneno em igual número de palavras...

★

OPINIÕES DE MADAME DE TENCIN

Madame de Tencin, que foi freira e, depois, levou vida bastante livre na Paris já de si libertina do início do século XVIII, costuma dizer que as pessoas de espírito cometem muitos erros porque não supõem que o mundo seja tão estúpido quanto o é na realidade.

A um dos seus filhos, irmão do enciclopedista D'Alembert, que então deixava o colégio interno, ela fez esta recomendação:

— Meu filho, agora que és um homem, só te dou este conselho: apoixona-te por todas as mulheres...

★

SINCERIDADE

Alguém perguntou à esposa do literato francês Jean Henri Ferdinand de la Martellere (nascido em 1761 e morto em 1830) porque havia casado com um homem tão feio.

— Senhor, — respondeu a linda criatura, com a maior sinceridade, — os amantes é que devem ser belos... Os maridos são como Deus é servido...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)

QUATRO NOVOS MODELOS



A "linha" feminina mudou inteiramente. Agora, procura-se dar-lhe um "toque" maior de feminilidade, revivendo-se também idéias que inspiraram os costureiros do século passado. Aqui temos, por exemplo, Signe Hasso, da M. G. M. com um moderníssimo "tailleur" em casemira, criação de Travis Lanton. Ella Raines, numa aparência completamente nova, vestindo o seu mais recente traje. E' um "tailleur" em gabardine que Grace Huston, figurinista da Universal-International, criou para ela. A saia é toda plissada, a jaqueta curta, com botões quadriculados. De muita distinção é o "duas-peças" em estampado preto e branco apresentado por Virginia Field, da Paramount. Grande chapéu de palha com fita de tafeta preto, dá um "toque" de feminilidade à "toilette". Finalmente, uma figura que parece sair das páginas da revolução americana, foi o que Jean Louis idealizou para Adele Jergens, da Columbia. Saia de gabardine franzida. Grande bolso do lado. Cinturão abotoado na frente. Blusa de seda com decote em "V" muito profundo, arrematado por uma rosa vermelha. Jaqueta arredondada na frente, formando "godet" atrás. Gola alta. Chapéu formado por grande laço.





PRIMEIRAS ANDORINHAS

PARIS, fevereiro (Pela Panair) — Diz-se, na Europa, que "a primeira andorinha ainda não traz o verão". Entretanto, ela é o pássaro simbólico da primavera e, vendo-a aparecer num céu ainda cinza chumbo, baixo e frio, a gente começa a acreditar na possibilidade de o inverno acabar um dia qualquer, não muito afastado... Os primeiros chapéus de palha ainda não trazem a moda de verão toda feita e irrevogável. Antes das grandes coleções da alta costura e da alta moda que ninguém verá até meados de fevereiro, quem ousaria fazer um prognóstico detalhado da moda futura? Entretanto, ela já se destaca nas suas grandes linhas e na sua tendência geral. Todos os modelos usam-se para trás, apoiados e seguros na nuca, pelo próprio feitiço, pelo equilíbrio da copa e da aba, pela forma adequada a uma cabeça feminina. Parece inútil dizer que um chapéu é feito para ser usado numa cabeça... mas quantas vezes os modistas não se esquecem disto, tal como os arquitetos frequentemente não se lembram de que as casas que constroem têm por fim servir de moradia a seres humanos. A testa fica descoberta. Veremos abas levantadas e arredondadas. Joguem fora elásticos e

Por OLGA OBRY. 195

(Modelos de Bruyère)

alfinetes; ninguém mais precisará de tais artifícios para o vento não carregar o seu lindo chapéu de verão. E, mesmo que houver alguns chapéus inclinados para um lado, a maioria parece colocar-se direitinho no meio da cabeça, sem cair nem para a direita, nem para a esquerda. A variedade das matérias empregadas é notável: crina, lisa ou rendada, palhas brilhantes ou baças e "pallassons" de malha grossa, cetins, gorgurões "matérias plásticas" trançadas, veludos para a noite. Enfeites também assaz variados; penas de faisão "queimadas", quer dizer afinadas e transparentes; pêlo de macaco imitando plumas; penas de galo; flores de palha e flores imitando a natureza, combinando às vezes com penas e fitas. Para a noite lantejoulas, sobre tule, sobre veludo, sobre crina, adornando véus esvoaçantes e pequenas "calottes" despretenciosas que ficam bonitas rodeadas por cachos bem arrumados. Bruyère é uma das casas de alta costura que cria também os seus próprios modelos de

chapéus (e quem usa vestido e chapéu Bruyère gostará de perfumar-se com os novíssimos e sensacionais perfumes que Madame Bruyère acaba de lançar com a sua última coleção, cada qual adequado para um tipo de mulher e um tipo de vestido). Ali foi que escolhemos os três modelos estampados aqui ao lado. O primeiro é uma das toucas de veludo bordadas de lantejoulas, em que falamos acima. As lantejoulas são douradas sobre um fundo "vieux-rose". Um finíssimo véu preto é simplesmente pousado por cima do chapéuzinho, envolvendo-o, como também o rosto, numa nuvem leve e graciosa. Usado com um vestido preto, este modelo dá ao conjunto uma nota muito elegante, tendo a vantagem de não impedir aos espectadores no cinema, na fila atrás, de ver a fita... A segunda fotografia mostra um feltro preto, de aba levantada na frente, adornado com um penacho de penas de galo cor de bronze e cor de fogo. Pode ser usado com um penteado alto, ou com os cabelos caindo para baixo. O terceiro modelo, enfeitado com penas de galo bege, cor de rosa e verde, num requintado "dégradé", é de veludo cor de ametista, lindamente drapeado todo à volta.



A PERSONALIDADE da Semana

ADRIANA JANACÓPULOS

QUEM vê Adriana Janacópulos pela primeira vez, mal consegue imaginar que esta mulher, de quem emana uma impressão de doçura infinita, é uma das raras escultoras do Brasil. Quero dizer uma verdadeira escultora. Uma artista que diz: "Esculpir quer dizer talhar a pedra. Não quer dizer modelar figurinhas bonitas". E que tão bem pôs este conceito em prática que, quando voltou à pátria, que deixara aos quatro anos de idade, após vinte e cinco anos de ausência, as más línguas pretenderam que suas obras não haviam sido executadas por ela "porque mulher não pode esculpir dessa maneira". Perguntei como chegara a escolher carreira tão inhabitual para mulher nesta época.

— Meu pai dizia que não era profissão para uma "lady". A família ficou apavorada quando comecei a frequentar a Academia Livre de Paris, copiando modelos vivos! Mas fora meu caminho natural. Quando desenhava na escola já adotara inconscientemente uma técnica de escultor. Em lugar de desenhar traços no papel, como todo mundo, enchia a folha branca com um fundo de carvão. Depois escavava nestas sombras para construir volumes e luzes que dariam a impressão de relevo que procurava. O escultor rumeno Garne-cu, visitando o liceu, exclamou: "Esta menina é uma escultora. De-lhe barro!" Aprendi o "métier" com Raul Larche, um acadêmico. Depois, Bourdelle foi meu professor. Enfim, estudei sozinha, o que é muito importante para chegar a se realizar. Evidentemente, uma base técnica séria é indispensável. Mas a paixão de criar não se ensina. Leve vir de dentro. As vezes, até penso que seria bom que os artistas passassem, de vez em quando, uma temporada sem ver nenhuma obra, nem mesmo nas revistas, para que durante algum tempo seu sub-consciente não sofresse nenhuma influência! Aleijadinho é um grande exemplo de um artista, ignorante das correntes universais e que, entretanto, tirou dele próprio uma das maiores obras de espírito universal que existem... Aliás, todo artista verdadeiro segue uma evolução fatal.

— Acredita que o grande artista sempre acaba chegando naturalmente a exprimir sua época?

— Não há arte moderna e antiga. Existe Arte, quer dizer uma obra contendo um sentimento de humanidade. Deve, logicamente, refletir as pesquisas, as aspirações da época. Conheci muito Lipschitz. Ele não fez sempre obras abstratas. Estas foram o resultado de uma lenta e seria evolução interior. Estreou depois de uma viagem a Espanha quando começou a esculpir toreros, com largas espadas. Chegou a executar obras de arame e agora está numa nova fase. Tinha que chegar a este ponto, não foi este o ponto de partida. O grande erro do leigo é imaginar que quem reproduz linhas simplificadas faz arte simplista. É exatamente o contrário. Parte da natureza e começa por fazer uma obra complexa. E' depois que a simplifica até chegar a harmonia que procura. Acredito que todos comecem por executar obras realistas. A natureza existe. Depois vem a época de re-criação, pois a arte não pode ser uma reprodução mas deve ser uma nova interpretação da vida que passou pelo cérebro do artista. Não há limites na interpretação.

— O que é que está fazendo no momento?

— Sinto a necessidade de procurar exprimir-me abstratamente. Isto não quer dizer intelectual-mente porque a escultura não se faz à base de ideias mas de sentimentos. Estou querendo realizar trabalhos pequenos, preparando uma exposição para Paris. Em Paris existe uma atmosfera especial. Sempre existem muitos movimentos a procura de um novo modo de expressão. De repente, surge quem liga as correntes todas e as realiza. Geralmente não são os pioneiros que criam algo de novo. Prepararam o terreno. E' como os Bandeirantes: descobriram o caminho e derubaram o mato. Mas foram os que vieram imediatamente depois deles que começaram a verdadeira obra de construção.

— Começou seus estudos de arte muito jovem, não é?

— Com dezoito anos, expus meu primeiro busto no Salão de Arte Francês. Depois viajei. A Itália, a Grécia, ao Egito, à Bélgica, à Suíça. Expus nas Tulherias e no Salão de Outono do qual me tornei "sociétaire". Na França fiz principalmente retratos. Aqui comecei obras maiores, como, por exemplo, o túmulo de Felipe d'Oliveira, o de Saraim Valandro, o monumento aos estudantes mortos durante a revolução de 32 em São Paulo...

— A mulher de granito cor de rosa do Ministério da Educação...

— Considero o granito como o material ideal para o escultor. Os Egípcios diziam que uma verdadeira estátua deveria poder rolar do alto de uma montanha até em baixo sem quebrar. Quer dizer ser um todo, um bloco. Esta é minha concepção. Acredito que a escultura deve ser estática e não de movimento. A estática das esculturas egípcias foi devida à religião que proibia o movimento. A arte grega e bela, harmoniosa, mas não ultrapassa o humano. A escultura egípcia é sobre-humana. É realmente plástica.

E lembrou as linhas eternas das pirâmides e esta esfinge extraordinária. Esta obra milenar e moderna. Esta obra eterna que comprova, como o explicara, que a arte não é antiga ou moderna, mas uma. Arte tão somente.

YVONNE JEAN



UMA CRIANÇA EXEMPLAR

ERA uma festa de aniversário, e, de repente, eu me lembrei das "Meninas Exemplares" da Condessa de Segur. Cada geração se distingue pela sua literatura infantil. Há os que devoravam Julio Verne; depois vieram os Buffalo Bill, Monteiro Lobato e, finalmente, a história de quadrinhos com os heróis voadores e fantásticos de hoje. Mas há livros que os pais julgam obrigatório colocar nas mãos dos filhos em todas as épocas; e, entre eles, está o da Condessa de Segur, com seus apelos para que a criança seja perfeita. A mim sempre me pareceu que aquelas meninas se tratavam como se fossem excelências. Mas voltamos à nossa festa e ao motivo da evocação. Entre as crianças que lá se encontravam destacava-se um menino, de sete anos, que destoava francamente do grupo. No princípio a petizada havia se apresentado com muita graça e donaire; laços de fita, organdis engomados, calcinhas vinçadas tudo muito "chic" e arrumado, tal como queriam as mães. Mas, à proporção que a tarde avançava, os cachos iam se desarrumando e manchas indiscretas de calda de doce apareciam nas roupas de festa. As faces incendiadas pelo calor e os babados amassados no alvoroço da brincadeira revelavam eloquentemente a alegria dos meninos a correr pelo jardim. Enquanto isto, o meu herói lá estava, mais ou menos arrasado pelos companheiros, mas sempre de nariz torcido e protestando contra o excesso de atividade. De vez em quando no mais aceso da folia, tirava do bolsinho do paletó um pente de matéria plástica e, com muito capricho, penteava o topete desarrumado. Se alguém lhe esbarrava, corrigia depressa o desalinho da roupa, e, para cumular a sua perfeição, limpava os sapatos, impecavelmente brancos, com um paninho que também trazia no bolso, se alguma pisadela os maculava.

No fim da festa, quando as mães ralhavam despreocupadamente com os seus garotos desarranjados, ouviu-se a exclamação extasiada de uma senhora:

— Mas, Carlinhos está direitinho! Nem parece que brincou! Vejam como meu filhinho é comportado!

Carlinhos sorriu de uma forma indefinível, talvez por desvanecimento, talvez por tristeza. E a felicíssima senhora continuou a apregoar as qualidades impecáveis do seu pimpolho; na escola era também uma perfeição; ela mantinha explicador, para que acompanhasse perfeitamente os estudos; nunca desarrumava a casa; jamais dava uma resposta malcriada, e desfiou a ladainha, aí por diante. As outras mães sorriam contrafeitas, porque não possuíam tamanho acervo de dotes para contrapor a esta preciosidade. — "Ainda que eu somasse todos os predicados dos meus cinco filhos não teria uma perfeição assim" — confessou uma senhora com a maior placidez. A mãe da maravilha olhou-a com piedade, e impôs mais ainda com orgulho de seu rebento.

Retirei-me com uma profunda pena daquela infeliz criança; se a sua genitora estivesse menos cega pela confiança em si mesma eu a teria advertido do enorme erro em que elaborava. O garoto me causava tanta piedade como a que sinto pelos animaezinhos adestrados de circo; lembro-me sempre das surras que apanharam para atingir aquela exatidão de movimentos.

E foi isto exatamente que o menino exemplar me pareceu: um bichinho eficientemente adestrado para exibição diante dos estranhos, afim de que sua mãe pudesse se sentir feliz à sua custa; receber indiretamente os elogios que a sua arte de domadora cotidiana requeria. Perfeição era o seu objetivo; preparava um espécime perfeito para um mundo imperfeito. E qual a finalidade de todo aquele trabalho, de todas as restrições impostas aquele ser, que tinha os seus impulsos estrangulados por uma férrea educação? Um futuro neurótico que se formava, obsecado mais tarde pela mania da perfeição. Nada havia de espontâneo e natural naquela criança; seus gestos já eram realizados como se fossem reflexos condicionados para esta ou aquela ação; em conclusão, não era mais uma criança aos sete anos, porque nem sabia mais brincar, que é a função legítima da infância.

Eis porque me lembrei das "Meninas Exemplares" e me apiedei do infeliz garoto. Algum dia as consequências nefastas daquela educação viriam à tona, tal como no caso de um menino perfeito, que conheci muito bem. Mas isto já é outra história e para outra crônica...

ZOIA DE LAET

Nota: G. S. S. — A resposta foi enviada conforme solicitou.



PARA VIAGEM

1 — Tailleur para viagem, com dois grandes bolsos no casaco. a) Para a noite, modelo com corpete de veludo negro e saia de renda franzida. b) Pequeno casaco de praia em tecido listrado. c) Para o passeio, blusão em cor escura. Saia branca. d) Uma jaqueta larga, que pode ser usada com saia ou vestido. e) Modelo para a noite

MURO DAS Lamentações

Resposta aos consulentes

COSIMA DORIA — Rio — Prossiga lutando tenazmente pela sua libertação. Temos certeza de que a obterá mais depressa do que espera, e o passado lhe aparecerá, então, como um longínquo pesadelo. Continue cuidando da saúde, e não desanime. Lembre-se de que aqui estamos procurando auxiliá-la com todas as vibrações do nosso afeto.

PAULISTINHA — São Paulo — Tem razão, a gente deve lutar pela sua felicidade, e você fez bem em escrever ao rapaz. Apenas, depois de anos e anos de exagerada reserva, de aparente frieza, não vá cair no excesso contrário. Escreva-lhe de modo a provocar uma declaração da parte dele. Os homens preferem sempre ter a impressão de que são caçadores, e não de que são caçados... E' bom deixá-los na ilusão, Paulistinha. E boa sorte!

CELSO — Porto Alegre — Não pense que o que está acontecendo com você seja a desgraça enorme que imagina. Ao contrário, trata-se de uma crise por que passam habitualmente quase todos os rapazes, uns na adolescência e outros mais tarde, como no seu caso. Não se afogue em pouca água, e tenha a certeza de que se trata de uma situação transitória, que você poderá perfeitamente transpor.

Recomendamos o seguinte. Em primeiro lugar, abandone por completo a luta interior que você vem travando para resolver o caso por intermédio da inteligência consciente. Essa maneira de lutar é totalmente estéril, serve apenas para queimar as suas já limitadas energias. O seu caso, como os casos semelhantes, deve provir de complexos adquiridos na infância, provavelmente de fundo sexual. A luta direta por meio da razão lógica é improficua, porque o subconsciente é que está determinando o seu estado de desconforto e angústia. Abandone portanto, esse esforço, e procure pensar apenas, confiantemente, no estado de saúde mental que você vai adquirir, e na pouca importância dessas coisas que agora o preocupavam.

Em segundo lugar, veja se pode fazer um tratamento pela psicanálise. Se tiver sorte de encontrar um médico inteligente e compreensivo, que descubra os complexos de onde se origina a sua perturbação, você poderá sarar muito mais rapidamente. Se o psiquiatra com quem consultou faz psicanálise, ótimo. Se não faz, procure um psicanalista para analisá-lo. Quanto ao tratamento com fortificantes que o psiquiatra lhe receitou, deve continuar com ele, mudando apenas uma coisa: a sua posição em relação aos remédios. Não se considere um doente. Considere-se uma pessoa que está melhorando, que já está quase boa. E tome os remédios como quem toma alimento. Enfim, afaste de si toda atmosfera enfermeira, e busque só idéias de confiança e de cura.

Em terceiro lugar, seria bom abandonar por uns tempos a responsabilidade dos estudos — responsabilidade que o está sobrecarregando excessivamente. Uma interrupção nos estudos não significará fracasso ou incapacidade. Significa, apenas, que existem pessoas que dão para uma coisa e outras que dão para outra. Umas têm facilidade para estudar, outras não. Grandes inventores, admiráveis pintores e escritores foram péssimos alunos considerados até retardados mentais. E' possível que você tenha mais jeito para outra coisa, e a natureza não gosta de ser contrariada. Talvez a sua ojeriza ao estudo provenha de uma defesa natural de sua personalidade que está sendo torcida. Não devemos forçar a natureza, não podemos forçá-la sem pagar muito caro a violência. Por isso, veja se você não tem algum ideal muito, alguma tendência para outra atividade, tendência que foi sufocada. Nessa tendência é que você poderá se realizar e ser feliz. Procure se ela existe.

Se ela não existe, aconselhamos, em quarto lugar, que você siga a sua inclinação para mudar de cidade. Se resolver prosseguir nos estudos, mude-se mesmo daí, porque os fatores ambientais, contra os quais você já se acha tão mal disposto, exercem mesmo uma influência perturbadora e inibitiva. Em outra cidade você se sentirá mais livre, poderá mais facilmente encontrar-se. Recomendamos Curitiba, uma cidade tranquila e agradável e onde os cursos não são muito severos. Poderemos apresentar-lhe uma pessoa de lá que muito o auxiliará a ganhar confiança em si; já esteve em situação mental bem pior do que a sua.

Para finalizar, outra coisa muito importante: procure também gastar um pouco de energias fisicamente, fazendo esporte, andando bastante, indo a diversões e afastando sempre as idéias negras que se apresentam. Não fique em casa, olhando para o umbigo e contando sofrimentos. Vá para a rua, converse com desconhecidos, vá a lugares que nunca visitou, faça com espontaneidade tudo que lhe apetecer. E escreva-nos novamente, contando como vai, o que resolveu, dando-nos maiores detalhes sobre sua vida íntima, especialmente quanto ao lado sexual, que não foi mencionado. Um abraço, e nada de desânimo.

CONFIDENTE



em tecido estampado. f) Vestido prático, para qualquer ocasião. Sáia drapeada. 2) A linha dos vestidos das nossas avós. Sáia "godet", jaqueta muito justa, com pregas atrás. a) vestido de noite em tafetá, para "jeune-fille". b) casaco com gola grande. Corpo justo. Sáia armada.

c) "duas-peças" de veludo azul-marinho. Gola branca. Franzidos na cintura. d) Uma sáia de seda negra e uma jaqueta branca de corte masculino. e) Um pouco antiga esta jaqueta de cetim marron. Sáia de tafetá quadriculada.

WEEK-END na Cozinha

No verão, seja pelo calor forte, pela transpiração ou pela diminuição do apetite, o fato é que se torna bem mais fácil emagrecer. Você poderá aproveitar o verão para fazer um regime alimentar que lhe faça perder alguns quilos. Pela manhã, bastará uma xícara de chá ou mate, com pouco leite e algumas torradas sem manteiga. O almoço será simples; existem pratos que alimentam mas que oferecem a grande vantagem de não engordar. Alguns deles são sugeridos hoje a você, nesta nossa seção. Também ao jantar deverá comer pouco.

Uma vez ou outra, você terá que ter forças bastantes para passar apenas com um ovo cozido ou com uma salada. Creio, no entanto, que com este calor não lhe será difícil isso. Qualquer regime é mais fácil de ser seguido nesta época do ano e seria lamentável que você não a aproveitasse para se tornar mais esbelta e elegante. O peixe assado, as frutas e as saladas, a carne magra deverão figurar no seu menu. Você além de emagrecer irá se sentir muito mais bem disposta, sem essa sensação de peso que em geral se sente depois de uma refeição forte, no verão.

★

PEIXE ASSADO

Ingredientes: 1 peixe; 100 grs. de azeitonas, 1 xícara, das de chá, de azeite, 1 igual, de vinho do Porto, 3 ovos.

Preparação: Depois de tratado e temperado o peixe, põe-se numa assadeira contendo o azeite e o vinho e leva-se para assar em forno quente, tendo-se o cuidado de regar de vez em quando com o molho que se acha na assadeira. No momento de servir, dispõe-se numa travessa guarnecida com folhas de alface e enfeita-se por cima com as azeitonas e ovos cozidos cortados em rodela.

★

CARNE ASSADA A INGLESA

Ingredientes: 3 quilos de alcatra; 2 colheres, das de sopa, de manteiga; 3 colheres, das de sopa, de água; sal.

Preparação: Trata-se a carne, fura-se toda com um garfo, tempera-se com sal e leva-se a assar numa assadeira que deverá ter no fundo uma grade, para que a carne não toque no molho. Unta-se de vez em quando com manteiga e quando estiver bem assada retira-se e parte-se em fatias. No momento de servir, desengordura-se o molho, põe-se um pouco de água quente, esquentando-se ligeiramente e regam-se as fatias.

★

SALADA DE PEPINOS COM MAÇAS

Ingredientes, 3 pepinos, 3 maçãs; 1 xícara de nata; 1 limão; sal, pimenta.

Preparação: Descascam-se os pepinos e as maçãs e cortam-se em rodela. Temperam-se com sal e pimenta, acrescentando-se em seguida o suco do limão, depois a nata. Mistura-se muito bem e serve-se.

★

SALADA DE AIPOS

Ingredientes: Aipos; Azeite, Vinagre, Sal.

Preparação: Escolhem-se os talos de aipo e raspa-se a camada externa com uma faca. Em seguida, cortam-se em tiras delgadas e temperam-se com um molho feito de azeite, vinagre, uma pitada de sal e outra de pimenta.



MODELOS PARA SUAS FERIAS



Ella Raines, interessante "estrêla" da Universal, apresenta aqui às nossas leitoras duas encantadoras sugestões que você poderá incluir no seu guarda-roupa de verão, pois o frio das montanhas justificam plenamente o uso de roupas de lã, flanela, etc. Ambos os modelos são executados em malha de lã. O primeiro em tom bege, écharpe de seda rosa. O segundo em azul-marinho com frisos vermelhos e brancos no corpo da blusa.

Caixa de RESSONÂNCIA

Lembranças de Eduardo Vieira



Matou-se Eduardo Vieira. Os leitores desta revista se lembrarão de que ele foi um dos ilustres nomes ligados à nossa vida intelectual e artística, que figuraram na reportagem de Ney Machado, "A vida começa aos setenta!" Então, fez ele suas últimas declarações. Tirou sua última fotografia. Estava com 80 anos. Condenado. Mas ainda trabalhava, no teatro e pelo teatro. Não

teve, naquela ocasião, uma palavra amarga, contra quem quer que fosse. Lembro-me dele, como ator e como ensaiador. Como ator, foi um dos meus intérpretes, em "Carlota Joaquina". Fez, magistralmente, a figura do intendente geral de polícia, José Albano Cordeiro. Mas seu grande trabalho foi de direção, tirando de Jayme Costa, de Itala Ferreira, de Darcy Cazarre, de Saddy Cabral e de outros trabalhos que ficaram memoráveis.

Como diretor, ajudou a formar muitos dos nossos artistas, de Dulcina a Eva, de Procópio a André Villon, de Jayme Costa a seu mais recente pupilo, Arthur Costa Filho, de cujo êxito em "Cândida" muito se orgulhava. Lembro-me de uma entrevista que ele deu à "Noite", em 1930, sobre a crise do teatro. Era, sobretudo, uma entrevista em defesa do autor. E partindo dele, que era um ator e um diretor de cena. Dizia, então, Eduardo Vieira, exprimindo sua repulsa à deturpação das nossas obras dramáticas:

"O 'caco' oficializou-se. Como se sabe, o 'caco' é a quase substituição da prosa e das intenções dos autores, pelas mais disparatadas graças dos atores. O que resulta daí é espantoso. Raramente a peça mais rica do espírito resiste a tal colaboração. E' no teatro de revista que esse mal está mais radicado. Desgraçadamente, porém, os teatros de comédia estão sendo invadidos pelo mesmo mal. Atores ricos de formosas qualidades artísticas, mas completamente desorientados, chegam ao extremo de alterar por inteiro o pensamento, as reflexões e as emoções estudadas e fixadas nas obras pelos autores. Talvez se encontre a explicação dessa anomalia em um mal entendido egoísmo que arrasta os artistas a só pensarem no êxito pessoal, em vez de se esforçarem para garantir o êxito das peças. Tenho o maior prazer em reconhecer que não nos faltam artistas de mérito incontestável, alguns de verdadeiro alento. Faltam-lhes, porém, orientadores e disciplinadores, prestigiados pelo capital."

Eduardo Vieira está repousando agora num jazigo perpétuo do cemitério de São João Batista, ao lado de Elvira Mendes, sua antiga companheira, ali sepultada em 1924. Foi ele próprio quem assim dispôs, ao adquirir aquele jazigo perpétuo. Foram levá-lo ao cemitério os elementos mais destacados da classe teatral, — atores, atrizes, autores, diretores da Casa dos Artistas, diretores e conselheiros da SBAT, diretores do Clube Ginástico Português, diretores e artistas do Teatro do Estudante do Brasil, etc. Entre os presentes, um, Vicente Celestino, chegara ali se arrastando, recém operado de apendicite. Muitos dos circunstantes choravam. Eduardo Vieira deixava saudade em todos. Era um bom. Nunca fizera uma intriga. Sempre procurava desmanchá-las. Ainda depois de morto, continuava a sua missão de pacificador. A um dos seus discípulos mais recentes, Arlindo Costa, que o fora visitar no hospital, confiara uma mensagem:

— O Jayme, seu irmão, já voltou de São Paulo?
— Ainda não, professor.
— De-lhe um recado meu... Diga-lhe que eu irei deste mundo mais contente se souber que ele e o Iglesias fizeram as pazes...

Ontem, na Câmara fúnebre da capela do cemitério de São João Batista, Jayme Costa e Luis Iglesias, inimizados há alguns anos, estavam perto um do outro, ambos compungidos. Chega Arlindo Costa, com a mensagem do morto. Os dois homens de teatro, o ator e o autor (e ambos também empresários) se abraçaram comovidos, cedendo ao desejo "in extremis" de Eduardo Vieira. Morria pensando no teatro e nos amigos, — que queria ver reconciliados...

Ernani Fornari, presente ao enterro, recorreu ao presidente da Casa dos Artistas Floriano Falsal, e a outros amigos, que, um dia, quando ensaiava uma de suas peças, Eduardo Vieira o interrogara para saber quando nasceria no autor do "Nada", o "sentimento do teatro".

— Aos seis anos de idade, quando em Porto Alegre, meu pai era fiel do Teatro São Pedro, assisti à peça de Tolstói, "Ressurreição" pela companhia Maria Falcão. Sei ainda hoje trechos da peça. E sabe o que mais me impressionou? Foi a figura de um deportado, na cena da Sibéria, — um homem magro, macerado, cheio de revolta, que queria subir num dirigível para destruir depois o mundo, com uma imensa carga de dinamite...

Eduardo Vieira, então já com mais de setenta anos, começou a chorar...

— Sabe quem era aquele deportado? Era eu... sou eu!

Não há, no Brasil, entre os que frequentam os nossos teatros quem não deva alguma coisa a

(Cont. na pág. 43)



Armando Moura

DIGA sinceramente — estamos sozinhos: você acha que eu vou morrer? Não, não estou falando demais, me sinto bem, até. E' de tardinha que tenho mais febre; de madrugada também, acordo muito aflito, sem ar, molhado de suor. Na outra noite pensei que tinha chegado a hora — pus tanto sangue pela boca! Mas o enfermeiro de plantão é muito bom, me deu uma injeção, me salvou. Ele diz sempre que ninguém morre na véspera, e que eu estou melhorando — mas ele trabalha aqui, acho que ele ganha só para dizer essas coisas e consolar a gente. Ele também dizia isso para o rapaz que dormia aí nessa cama em que você está sentado, e ele morreu na semana passada pondo sangue, sangue sem parar. Ah! é horrível pôr sangue pela boca, a gente

O HEROI MORRE NA VESPERA

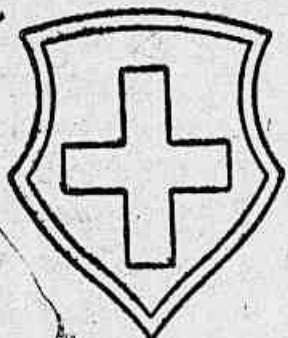
sufoca, quer segurar, não pode, tosse, se engasga, parece que há dedos maus apertando a garganta, puxando o sangue da gente para fora! Diga francamente: eu estou tão mal assim? Pode dizer a verdade, que eu sou corajoso. Um mês! Será que eu ainda vivo um mês? Você não sabe o que é pior, pior do que morrer: é não poder mais fazer certas coisas, coisas tão simples mas que só depois que a gente perde fica sabendo que são as mais importantes... Não vá rir. Que vontade eu tenho de tomar um pouco de sol! Tomar um pouco de sol para poder pensar que ainda sou o mesmo de antes, deitado lá nas praias

de Santos! Sentir aquela tontura do calor, aquela modorra de lagarto ao sol, antes de correr para a água e ficar frio e escoregado que nem peixe... Ah! e olhar o céu, também, o céu azul e o horizonte — eu queria ver de novo, uma última vez, o horizonte no mar! As vezes fica tão distante, tão cinzento que a gente não sabe mais onde é céu e onde é mar... Tomar um navio, afundar no horizonte, conhecer o desconhecido... Pensei nisso tantas vezes lá na minha terra, em frente do mar... E só fiz uma viagem — você sabe, quando fomos para a Italia. Pensa que eu fui com medo? Qual, ia contente, às ve-

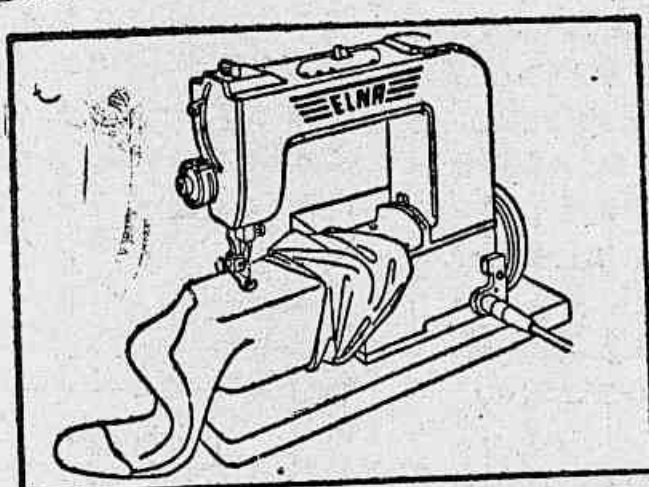
zes olhava para o bigode branco de espuma que o navio fazia e imaginava que eu era o pirata Morgan... Iamos buscar muitos tesouros, pedrarias, e num castelo eu conquistava uma princesa loura... De repente, quando via o pessoal fardado em volta de mim, dava risada das besteiras que eu tinha pensado... Só mais tarde veio o medo, quando fui ferido — mas isso já contei, não foi? Tôda aquela brancura de neve e eu sozinho, ferido, enregelado... Queria gritar, mas como nos sonhos que eu sonhava quando criança, a voz não saía, e eu não podia me mover, e estava sozinho naquela imensidão branca e gelada! Bem, não quero pensar nisso agora, tenho até a impressão de que fico pior. Aconteceu, está acontecido, não (Cont. na pág. 40)

A MÁQUINA DE COSTURA MODERNA.

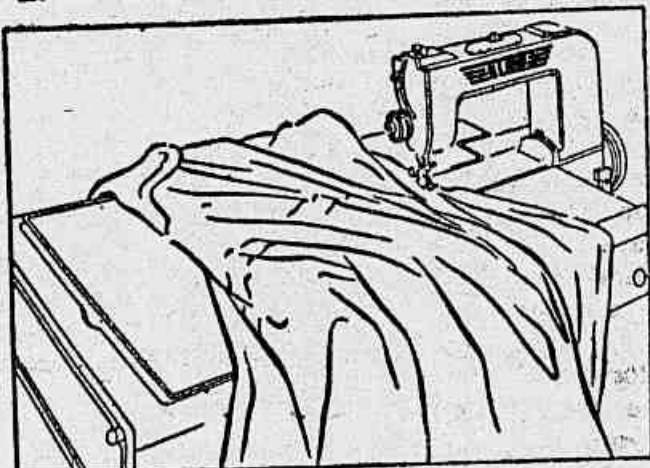
DA SUIÇA



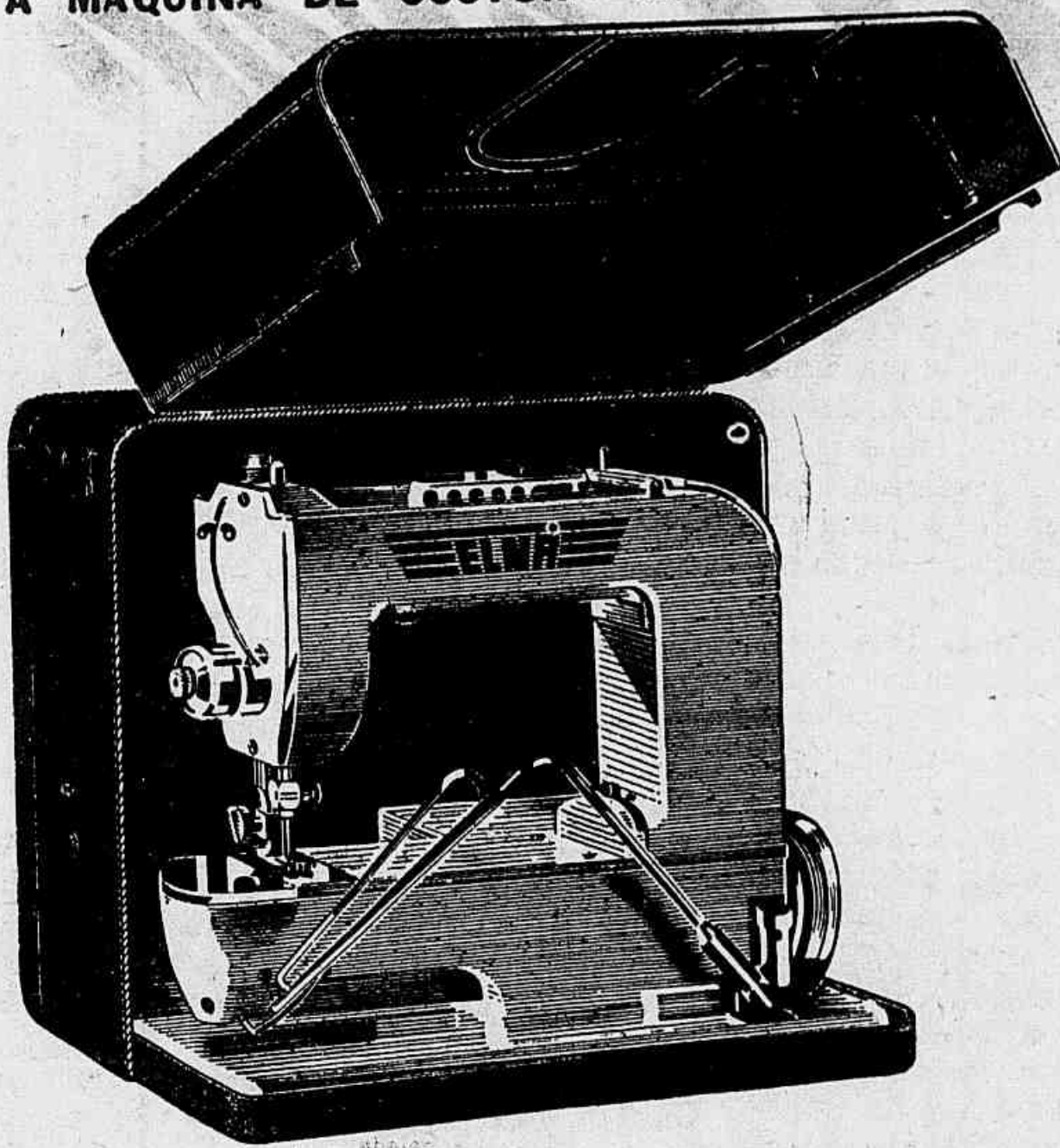
PARA SEU LAR!



Podem-se remendar meias com perfeição e rapidez, sem necessidade de acessórios. Basta enfiar a meia no Braço Livre de ELNA e fazer o trabalho.



Num instante, a elegante malêta metálica transforma-se em cômoda mesa de trabalho para costuras. Com ELNA, perfaz um belo conjunto.



PORTÁTIL — ELÉTRICA — PERFEITA!

ELNA, obra prima da indústria suíça, é a máquina de costura moderna, elétrica e portátil. Além de novidades extraordinárias, como o famoso "braço livre", a malinha metálica transformável em mesa de trabalho, a luz embutida, ELNA apresenta outras particularidades: dispositivo especial para fixação sempre correta da agulha; posição horizontal da lançadeira, permitindo muda-la sem tirar o trabalho em execução; escala graduadora do ponto de costura e da tensão do fio; freio instantâneo, parando a máquina na posição desejada; redutor regulador de velocidade, tornando possível os mais difíceis bordados; côr verde, para descanso da vista. ELNA costura qualquer fazenda, da mais grossa à mais fina; cose sêda e malharia; cerze meias de sêda ou de lã. Concorra para o conforto, economia e alegria de seu lar, adquirindo hoje mesmo uma ELNA.



CIA. DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Av. Calógeras, 15-23 (Prol. Graça Aranha) Tel. 32-6642
Rio de Janeiro

LOJAS ELNA

SÃO PAULO
Rua 7 de Abril, 248-252 - Tel. 4 3395

PORTO ALEGRE
Rua dos Andradas, 1538

BELO HORIZONTE
Rua Tamolos, 90 (Edifício Acaiaca)
Tel. 2-1930

Desejo receber, sem compromisso, o
"Manual ELNA" em côres.

Nome
Endereço Tel.
Cidade
Estado

vaga publicidade

DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA LOJA E A DOMICÍLIO
GARANTIA DE DOIS ANOS
VENDAS A CRÉDITO — ENTREGAS IMEDIATAS

MÚSICA

PETER GRIMES — CRÍTICA SOCIAL A DUZENTOS DÓLARES POR MÊS — O NARIZ SALVOU A SITUAÇÃO — BÊNÇÃO DOS LITERATOS

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

MOZART ganhou, certa vez, uma garrafa de champagne, numa aposta, que Haydn perdeu. Tratava-se de executar uma peça para piano composta pelo primeiro e na qual o segundo encontrou dificuldades intransponíveis.

— Só quem tiver três mãos poderá tocar esta nota, observou Haydn, ao dar-se por vencido, apontando o trecho que lhe parecia exceder, em suas exigências, a habilidade e a agilidade do maior pianista.

Mozart, sem comentários, sentou-se e interpretou sua própria composição. Chegando ao ponto crucial, enquanto todos os presentes prendiam a respiração, valeu-se do expediente mais original que a história da música registra; tocou a nota "impossível" com o nariz...

Van der Velde se reportou a esse episódio, num livro que encheu de anedotas musicais, sem que lhe ocorresse a possibilidade de que, no futuro, algum compositor, sem consideração para com os intérpretes, inventasse música tão difícil quanto a de Mozart. Pois bem, a proeza foi realizada, recentemente, pelo inglês Benjamin Britten, cuja ópera, *Peter Grimes*, embora não admitindo a hipótese de usar-se o nariz como uma solução, levou a orquestra do Metropolitan a convocar todos os seus recursos técnicos, para ver se, num esforço conjugado, venciam a verdadeira carreira de obstáculos que é a partitura, traduzida para oito línguas, aplaudida em Londres, Estocolmo, Copenhaga, Milão, Berlim e Budapeste e que, agora, chegou aos Estados Unidos, para dar trabalho ao tradicional teatro de ópera de Nova York.

O regente, Emil Cooper, durante um dos ensaios deu uma idéia da obra, ao recomendar aos membros da orquestra:

— Eu sei que vocês vão pensar, a princípio, que está tudo errado. Eu também pensei. Mas não está, não! Coragem, rapazes!

Da situação dos cantores, no meio de tantas dificuldades, nem é bom falar... Frederick Jagel, a quem foi confiada a figura principal, queixou-se amargamente de seu destino... Nem por ter destinado o *Peter Grimes*, especialmente, a um tenor, seu amigo, Peter Pears, Britten poupou as cordas vocais do seu herói... O personagem exige tanto vigor dramático como absoluto controle da

voz, para que o cantor não se perca nos labirintos explosivos que constituem a trajetória do papel.

CRÍTICA SOCIAL A DUZENTOS DÓLARES POR MÊS

Baseado num poema de Crabbe, poeta inglês que morreu no início do século passado, o libreto, segundo a crítica, adicionou algumas pitadas de psicanálise à obra. O resultado obtido, com esse processo, pelo libretista Montagu Slater recebeu acolhida favorável da crítica londrina. Há dois anos e meio, *Peter Grimes* vem tendo sucesso espetacular, e ao mesmo tempo, causando tremendos prejuízos ao Covent Garden, em virtude de sua montagem dispendiosa.

Peter Grimes pretende fazer crítica social, contando a história de um indivíduo rebelado contra o meio em que vive. "Os mexericos do bairro só se preocupam com o dinheiro, a mim somente interessam a coragem e as visões deslumbrantes..." diz *Peter Grimes*, que, no final dramático, morrerá vencido. Esse conflito, muito lírico, sem maior significação social, destaca-se, entretanto, pela extrema violência da linguagem musical utilizada e as massas corais que o compositor movimentou.

Benjamin Britten recebeu de Serge Koussevitsky a mesada de duzentos dólares por mês, durante cinco meses, para que, assegurada a sua subsistência, durante esse período, pudesse conceber e realizar *Peter Grimes*. Essa crítica social, depositada em veículo músico-dramático, à razão de duzentos dólares mensais, entusiasmou a crítica européia. Edmund Wilson, que é americano, mas ouviu *Peter Grimes* em Londres, escreveu um artigo que constituiu a bênção definitiva e o batismo, por uma das mais autorizadas figuras da crítica literária americana, de um novo geniozinho...

Sob o ponto de vista musical, no meio do coro de elogios, já surgiram as primeiras restrições. Falou-se em versatildade. Um musicólogo britânico chegou a dizer que Britten surpreende pela composição heterogênea da sua música que extrai elementos e inspiração de fontes que variam de Schubert a Stravinsky. A isto, Britten respondeu, tranquilamente, que não pretende "trancar-se dentro de um idioma pura-

(Cont. na pág. 46)

O herói morre na...

(Cont. da pág. 38)

adianta mais. Agora adianta é sarar — você não acha que eu ainda posso ficar bom? Estou é cansado desses hospitais, na Itália, aqui, não vejo outra coisa senão hospitais, hospitais... Se eu estivesse mesmo ruim não acha que eles me mandavam ir morrer em casa? Ai, pelo menos eu via mamãe, e também a Nair — aqui é muito difícil elas virem. O hospital fica longe, mamãe não pode largar os irmãos pequenos, ela cozinha, faz tudo para eles. E a Nair, coitada, não é que ela não queira vir, eu sei, mas a família dela não gosta, porque nós não chegamos a ficar noivos, e também porque esta doença é ruim, você sabe. Eles não querem que ela também fique doente — ela é tão forte, vende saúde! — e acham que para nós ficarmos noivos precisava primeiro eu sarar. Você acha que eu saro? E a Nair, tem visto ela? Tão direitinha que ela é, não é mesmo? Moça assim hoje é difícil de se encontrar... e mais difícil ainda de se perder... diga, diga, por favor, você acha que eu nunca mais vou poder viver como antes? Se eu morrer, por que não me dizem? Eu queria deixar tudo direito, porque a velha tem passado apertado, coitada, e eu queria pedir ao governo qualquer coisa — acho que eles eram capazes de dar uma pensão, não é? Afinal, eu fiquei doente por causa de todos, por causa da guerra. Mas uma pensão que não seja muito pequena, como a quantia que me deram quando chegamos. Eu ganhei uns contos de réis para "começar a vida"... e você está vendo como é que eu estou "começando a vida" neste hospital, sozinho — ô, que ódio! vontade de começar a vida eu tenho — mas de que jeito? Se eu pudesse de novo bater sola — um ofício que eu detestava, mas que só agora eu vejo como era bonito, e como eu gostava dele! Bater sola com força, sentindo a carne forte, os músculos rijos, e pensar noutra coisa — pensar que de noite ia falar com a Nair no portão! Ah! se eu pudesse trabalhar de novo, num ofício qualquer, modesto, insignificante! Se eu pudesse voltar para casa cansado, cheio de uma porção de aborrecimentos pequenos, que não têm a menor importância, mas que são bons porque são a vida de todos os dias! Se pudesse chegar em casa e ver mamãe resmungar porque eu estou chegando atrasado, e ver as panelas bulirem no fogão, e a meninada em volta reclamando com fome... Ah! se ao menos me dei-

assem tomar um pouco de sol! São tão tristes estas camas do hospital! Mas ninguém tem culpa, você não acha? Aconteceu. Agora o que eu preciso é sarar. A Nair eu acho que não tem outro namorado — ou você sabe de alguma coisa? Não, se sabe pode dizer francamente, o que eu não gosto é de mentira. Mulheres há tantas! E aquelas que eu peguei na Itália, então? Por um maço de cigarros elas faziam tudo — e sabe que gostavam de mim? Eu sou um pouco moreno, não é? Mas negro também não sou. Pois uma gringa me chamava de "faccetta nera", e eu ficava com raiva e batia nela. Daí parece que ela ficou gostando e vivia atrás de mim — ou dos cigarros, não sei. Mulheres há muitas. Era só eu ter saúde que você ia ver, mostrava para os da Nair o quanto eu valho. Vai ver que puxaram más idéias na cabeça dela — será que ela acreditou? Às vezes tenho a impressão, quando fecho os olhos e faz calor, que ela veio me visitar e me passa pela testa a mão quente, quente de sol. Não abro os olhos, para ter a impressão de que estou na praia, de que é o sol que está me quemando o sangue, e a Nair quem está passando a mão na minha testa quente, quente de febre. Não, quente de sol. Fecho os olhos, gosto de ficar de olhos fechados porque ela não tem culpa, ninguém tem culpa se isso é verdade... Mas o que é que você diz? Você também acha que ninguém morre na véspera? O enfermeiro é um bom sujeito, e ele diz que eu vou sarar. Você não acha que ele tem razão? Diga: você não acha que eu ainda vou sarar?

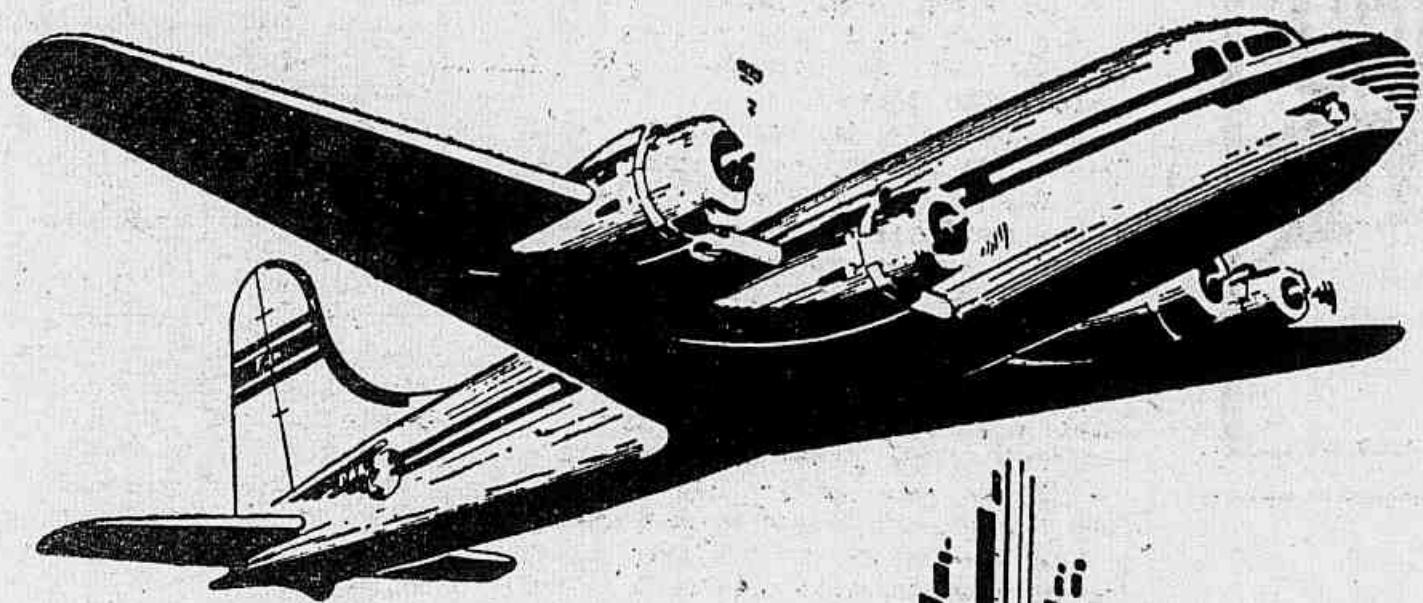
As florestas são riquezas...

(Cont. da pág. 23)

Organiza-se um grande plano experimental para a silvicultura, pela primeira vez no Brasil e talvez na América Latina. Reforma-se o Código Florestal. Projeta-se a Guarda Rural, dependência do Gabinete do Ministro, e que zelará pela execução dos Códigos Florestal e de Caça e de Pesca. O Conselho Florestal continua firme na defesa dos interesses florestais do Brasil e vê aumentar a sua possibilidade de fazer o bem.

Há, no Brasil, um ambiente favorável à reconstituição de nossas florestas. Se não se quebrar o atual ritmo de produção, em breve, estar-se-ão plantando no Brasil mais de cem milhões de árvores por ano. E ainda serão poucas, se quisermos recuperar todas as terras desnudas que encontrarão na floresta o seu máximo de produção.

ANEMIA? FRAQUEZA?
DYNAMOGENOL VIDA DO CEREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

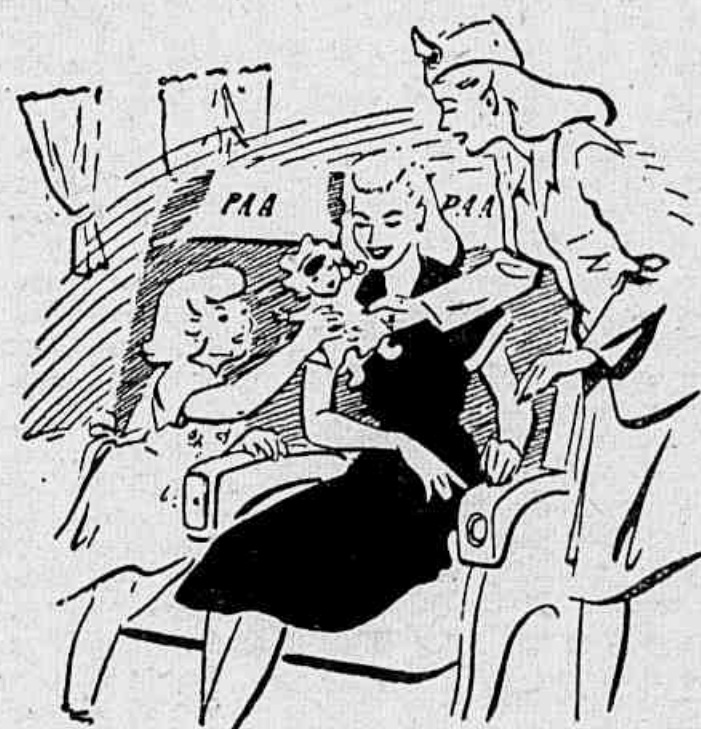


Mundialmente famosa pela assistência que presta aos seus passageiros, a PAA deseja firmemente fazer com que V.S. se sinta em casa quando a bordo do Clipper Voador.

V.S. será atendido com toda presteza e cortesia, o que aumentará o prazer de sua viagem, desde a reserva da passagem até a chegada ao ponto de destino.



Uma viagem por Clipper é um prazer para as crianças — e V.S. notará com satisfação que a elas será prestada toda a assistência.



Viaje pela rede aérea com experiência EXTRA!

Os 20 anos de liderança, com que conta a PAA no campo dos transportes aéreos internacionais, são a garantia de que lhe serão prestados os melhores padrões de segurança e conforto numa viagem por Clipper. Para viajar — não há maneira melhor.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



LEI IGNORADA

HA uma lei no Distrito Federal, uma velha lei, por sinal, mas que não caducou ainda, elaborada pelo atual deputado Rui de Almeida (e que, por isso, tomou o seu nome), que obriga em toda e qualquer diversão pública, a existência de dois terços do elenco e repertório nacionais. Ora, quando se trata de diversão pública, compreende-se imediatamente que o rádio, as "boites" cabarés, teatros, clubes de danças, pavilhões, etc estão incluídos nessa lei e têm obrigação de cumpri-la rigorosamente. No Brasil, todavia, há representantes de editoras estrangeiras, brasileiros a serviço do capital norte-americano ou do argentino, que tudo fazem em favor das melodias de outros povos, contra a nossa música. Esses elementos esforçam-se o quanto possível pela desobediência à lei dos Dois Terços, em favor, é lógico, dos seus ramos de negócio. Chegam ao extremo de negar a existência dessa lei...

Por outro lado, temos certeza de que nenhum discotecário-programador de emissoras do Rio de Janeiro sabe da existência da Lei Rui de Almeida. E o resultado é que não há dia em que uma estação de rádio carioca leve ao ar ao menos um terço de músicas nacionais. Diariamente as estações cariocas propagam programas e mais programas de tangos, boleros, rumbas, congas e "swings". Orquestras brasileiras quase que só executam composições norte-americanas. Quando nada em arranjos para ritmos de sambas ou marchas. Também não há clube de dança no Rio, "boite" ou teatro musicado que prime pelo cumprimento de dois terços do repertório nacional. A maioria desconhece a existência dessa obrigação. E uma lei que devia ser de âmbito nacional, mas que, ainda por negligência das autoridades competentes, é somente para o Distrito Federal, vive esquecida, desmoralizada, ignorada. Perguntarão, por certo, a quem cabe o dever de fazer executar a lei dos dois Terços. Lógico está que é ao Serviço de Censura das Diversões Públicas, o órgão que talvez também ignore a existência dessa determinação que tanto auxiliaria a música popular brasileira...

NESTOR DE HOLANDA

"BEM FEITO"

Samba de Albertino Miranda e Claudio-nor Martins. — Gravado em disco "STAR" por Silva Filho.

Côro:

Bem sei)
Que perdão não mereço) bis
Nem ela deve me perdoar)
Bem sei o mal que fiz)
Sorri ao vê-la chorar)
Só mesmo padecendo) bis
E' que poderei pagar)

II

O fato é que o castigo
Demora mas sempre vem
Sorri ao vê-la chorar
Mas hoje choro também
O que sofro ainda é pouco
Felo mal que pratiquei
Além de ser causador
Dos seus sofrimentos, zombel.

IT'S GRAND NIGHT FOR SINGING

Oscar Hammerstein 2nd Richard Rodgers.

It's a grand night for singing
The moon is flying high
And somewhere a bird who is bound
he'll be heard
Is throwing his heart at the sky
It's a grand night for singing
The stars are bright above
The earth is aglow and to add to the show
I think I am falling in love
Falling, falling in love
Maybe it's more than the moon
Maybe it's more than the birds
Maybe it's more than the sight of the night in a light too lovely for words
Maybe it's more than the heart,
Shiny in silvery blue
Maybe the reason I'm feeling this way
Has something to do with you.

★

RECONVERSION BLUES

Steve Graham Fleecie Moore.

I've got the re-ee-ee reversion blues,
I've got the re-ee-ee reversion blues,
Can't wait to buy a brand new cap
And a pair of two tone shoes.
I can walk right by my draft board
Without gettin' no dirty looks,
I can go down to the grocer,
Without tapin' no ration books
I got those re-ee-ee reversion blues,
I can drive in a gas station,
And get most anything I choose.

I forgot the of bacon,
Or of butter and whipp'd cream cake,
And at night I wake up screaming,
"Bring me a nice fat juicy steak"
I got those re-ee-ee reversion blues,
I'm gonna buy my baby nylons,
As many pairs as she can use.

We get no more fish on Tuesdays,
We get plenty meat in our stews,
Lots of cig'ettes and chewing gum,
And plenty nuts and bolts and screws.
I got those re-ee-ee reversion blues,
If someone says for the duration,
Brother I'm gonna blow my fuse.

Gonna reconvert my baby,
With a house and a diamond ring,
Gonna get married this winter,
Not gonna wait until the spring
I got those re-ee-ee reversion blues,
Gonna buy myself a radio,
That cannot get the latest news.

★

JUST A-SITTIN' AND A-ROCKIN'

Lee Gaines, Billy Strayhorn, Duke Ellington.

I know I should go out
Be seen here and there
But my friends have found out
My baby don't care.

I don't go out walkin'
I ain't for no talkin'
My baby's done left me
Just a-sittin' and a-rockin'.
If I had been schemin'
Instead of just dreamin'
She'd never have left me
Just a-sittin' and a-rockin'
Sittin' all day without holdin' ma baby
I'm such a lonely poppa.
If she don't hurry and come back
I'm a cinch to blow my top
Now if I don't find her
I hope you'll remind her
That I'm stayin' where she left me
Just a-sittin' and a-rockin' all day.

★

ATRASO DE VIDA

(Samba)

Ataulfo Alves. Gravação de Ataulfo Alves e suas Pastorais.

Al, já não posso mais;
Aquele mulher
Tem sido pra mim
Um atraso de vida;
Pegou minha roupa,
Meteu a tesoura e cortou,
Porque fui ao samba
Que Rosa Maria chamou
(Al, al, al).

II

Mulher cruel,
Eu não sou indô,
Então você pensa
Que eu posso andar nú
Não é papel,
Tenha dó de mim;
O terno da missa
Você fez assim.
(Al, al, al).

A CACHOEIRA

(Cont. da pág. 22)

trabalho, só tenho mesmo esses cara da criação e do campo.

— Sei disso, "seu" Chico.

— Pois é; dizem que eu sou ruim; que não gosto de ninguém. Sabe? É verdade, frei Manoel!

— O senhor é um bom homem "seu" Chico. Não dê ouvidos ao que dizem.

— Mas eu sei que é certo. Faz uns 20 ano que eu não salo daqui, nem del-xo entrá ninguém na fazenda.

— Isso não é pecado, "seu" Chico!

O fazendeiro chutou uma pedra.

— Mas o sinhô sabe que eu sou um renegado; não quero sabê de Deus nem dessas coisa toda que o sinhô fala.

O frade olhou o céu cheio de paz.

— Temos sido amigos, não é "seu" Chico? nunca nos desentendemos durante todo esse tempo de dois anos desde que estou na paróquia do arraial. Isso já representa muito para Deus. Quem acolhe um de seus servos tem porta aberta no céu.

Os ramos baixos dos arbustos iam roçando em suas cabeças; "seu" Chico tirou o facão e foi abrindo caminho com golpes secos; cada golpe dado era o desabafo de uma máguia.

— Eu não posso ir pro céu, frei Manoel!

— Por que, "seu" Chico?

— Depois eu lhe conto.

Cortou o último galho que impedia o caminho. Pôs a faca na cinta e cruzou os braços diante do abismo. Havia um sulco profundo cavado no morro. Logo adiante a rampa dava uma queda de cem metros e ia se enrolando pelo meio de umas pedras calvas que formavam o chão. Bem em frente despenhava a cachoeira. Era estreita e volumosa; vinha rolando espumante e quando encontrava o vácuo sua lombada transformava-se numa fita lisa e prateada onde o sol se espelhava. Em baixo estrugiu de novo! espumava! e ia se escorrendo pelo meio das pedras, roncando e fugindo como onça ferida.

Frei Manoel teve um rápido estremecimento ao ver a paisagem. Seus olhos claros desceram ao chão meio anuviados e logo após foram até o céu suplicando ao Senhor que lhe afastasse do pensamento a tentação de suas recordações.

"Seu" Chico voltou-se para o frade apontando a cachoeira.

— Isso aqui é o cofre do meu segredo, frei Manoel. Pedi pro sinhô vim porque precisava dizê a alguém o que é que me faz um cabra ruim.

Frei Manoel olhou-o meio inquieto. Subitamente seu coração começou a bater mais depressa. Que seria?

— Vamos sentar ali naquelas pedras? O fazendeiro olhou e foi logo andando.

— Vamo sentá sim.

Amarrou a mula num arbusto e acomodou o frade. Sentaram. O ar úmido da cachoeira penetrou-lhes profundamente pelas carnes e um momento de silêncio pairou sobre os dois. Nos olhos do frade, e nos olhos do outro desfilaram rapidamente uma porção de mágoas e saudades antigas. Depois o fazendeiro encarou bem o frade e tirou lá do fundo, lá de um canto sombrio da calma, o peso de seu pecado.

Arancou a alma de dentro de si, estendeu-a sobre o gramado, deixou-a tomar sol para tirar-lhe o módo dos remorsos. Estava precisando daquilo! de um sol misericordioso que lhe arrancasse as nódoas; de um sol que o reaquecesse por dentro; tinha o íntimo gelado!

Sabe, frei Manoel, eu não sou ruim! a sorte é que me mudou num homem assim fechado e rancoroso. A gente só é bom enquanto é feliz; e faz mais de vinte ano que eu perdi a minha felicidade.

— O senhor perdeu foi a sua paz, "seu" Chico; um homem em paz é sempre um homem feliz.

— Pode sê, frei Manoel; o sinhô entende melhor essas coisa de dentro do que eu.

— Continue.

— O sinhô é meu amigo. Até hoje ninguém escutou essas coisas de mim. O sinhô é frade, é home de Deus; home que sabe perdoá.

Contemplou um pouco o fundo do abismo como al lá em baixo estivesse seu passado.

— Tinha vinte ano quando casei, frei Manoel. Era um criança com corpo e força de homem feito. Sinhô sabe, homem aqui na roça se amarra cedo; as moça são todas direita; a vida é dura de ganhá; a gente precisa de mulher em casa.

— Eu sei, "seu" Chico.

— Pois casei com a melhor das moça daqui. Chamava Angelina. Parou outro pouco.

— Sinhô vê? parece que tudo ainda

repete o nome dela. Isso tem me atormentado desde que ela foi embora.

Frei Manoel tentou escutar. E ouviu tão distintamente o nome da mulher gritado pela cachoeira e pelas árvores e por uma voz poderosa dentro dele mesmo que pediu novas forças ao céu para se evadir daquela ilusão.

— Esqueça isso, "seu" Chico; o senhor está ouvindo apenas a voz das recordações; os lugares e as cousas não guardam lembrança dos que se foram embora.

O fazendeiro encarou-o com um sorriso magoado.

— Guardam sim, frei Manoel; eu vejo e escuto aquela mulher por toda parte. Vejo como ela era: moça, bonita; parecava uma fruta madura; a gente via e queria logo tê nas mão! queria pegá! queria...

Emudeceu envergonhado. Aquê de-safôgo de paixão tornou-o muito vermelho; os olhos não queriam mais sair do chão.

Frei Manoel ficara em suspenso. Sentira palavra por palavra, nas pronunciadas e nas emudecidas, toda a vibrante impressão de quem conhecesse aquela mulher. Era como si a estivesse vendo à frente dele: morena, arredondada, tentadora.

— Não se envergonhe, "seu" Chico; o amor é obra de Deus; a interpretação dele é função dos homens. Há os mais ternos, há os mais arrebatados; todos são graça divina.

"Seu" Chico levantou a cabeça.

— Não devia tê falado assim frei Manoel; sinhô nem deve tê me entendido; mas é que os home do mundo, que nem eu, guarda muito essas coisa. Ainda mais quando gostou de uma mulher como eu gostei daquela. Sabe, frei Manoel; a gente não esquece.

— Eu entendo, "seu" Chico; eu entendo.

O fazendeiro calou-se de novo. Procurou novos detalhes lá entre as pedras do fundo do abismo e depois prosseguiu.

— Vivemo bem uns quatro ano; não veio nem um filho, mas não fazia diferença; ela bastava. Um dia, frei Manoel, não sei como foi, acabou tudo de repente. Chegou aí pra fazenda do lado um pessoal novo, gente da cidade que quer terra, só pra montá a cavalo; gente que não precisa de dinheiro nem de plantação. Era um casal novo também. Tinha um garoto de seus seis ano.

Olha de lá, fala de cá, o certo é que pegamo de amizade. Eles eram gente de instrução, gente viajada; nós uns pobre coitado nascido aqui na roça, pouco melhor que as mula que montamo. Talvez daí a minha cegueira. O moço era novo e bonito; tinha uns olho azul que nem céu; claro assim que nem os seu, frei Manoel.

O frade teve um súbito frenesi interior. Desejou ter escondido os olhos no meio das longas barbas que lhe descaíam até o peito. Mas o olhar do "seu" Chico era plácido e ingênuo; isto tranquilizou-o. Apenas comparava uns olhos azuis com outros olhos azuis; os olhos de um homem guapo que lhe seduzira a mulher com os olhos de um frade austero, servo de Deus.

Havia um abismo entre os dois tipos; a crença e a ingenuidade do fazendeiro não o deixariam atravessar aquê abismo. Os longos anos e as barbas grisalhas eram outra segurança contra a memória de "seu" Chico.

A narrativa prosseguiu.

— Lá um dia não sei que miserável qualquer veio me dá denúncia da minha mulher. Sei lá quem foi! com certeza um cabra atôa rói de inveja por não tê conseguido nada com ela. Mas sinhô sabe, frei Manoel, a gente fica louco quando escuta uma coisa assim! o desgraçado me contou tudo: disse que o moço da outra fazenda se encontrava com Angelina enquanto eu estava no trabalho; disse que passavam o dia no celeiro das mandioca. Disse que naquela tarde eu podia tê certeza, que eles vinha aqui pra cachoeira.

Perdi a cabeça! queria vim e tinha medo! tinha medo de matá os dois, si fosse verdade! tinha medo — é uma vergonha dizê, frei Manoel, mas era isso — tinha medo de perdê Angelina! eu não sabia vivê sem ela!

Mas vim. Não sei como vim ou si alguém me trouxe; não lembro de nada! só sei que vim.

Ah! frei Manoel; eu morri naquê dia! chaguei aqui e dei com Angelina nos braço dele; estavam sentados os dois ali junto das árvore, bem agarradinho.

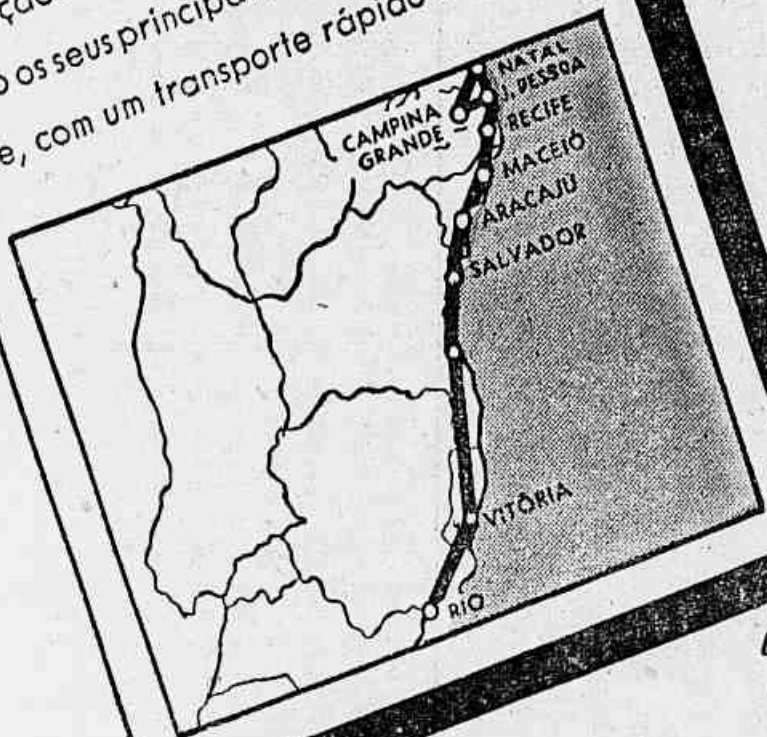
Acho que nem me mechi. Ela me viu de repente! ficou de pé num pulo! tremia que nem vara verde! Ele também levantou e ela ficou na frente pra me escorá. Naquê jeito de protegê eu vi como ela gostava do outro home. Abriu

(Continua na pág. 44)

NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

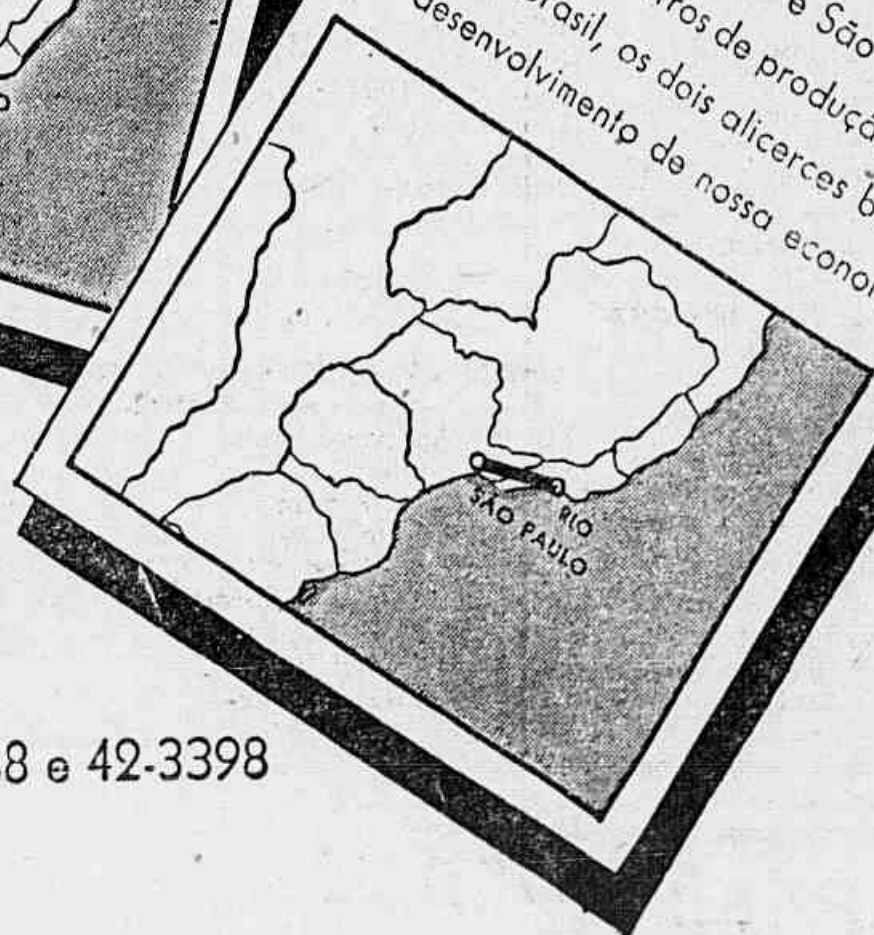
O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condição de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa, básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispensia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as câimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Panéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno. Impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Panéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famadas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapua (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

A Cachoeira

(Continuação da pág. 42)

a boca tremendo; a voz vinha toda cortada. Parece que ainda ouço ela dizendo:

— Não faça nada, Chico; eu gosto dele; gosto muito! nós vamos embora daqui; amanhã mesmo. Mas não faça nada! si você tocá nele eu me atiro na cachoeira!

Fiquei estatelado um pouco de tempo. A cabeça girava! eu não fazia nada, mesmo que quizesse. Virei as costas e desci aos trambolhões! estava cego e moído! ia morto por dentro!

Vim pra casa chorá! é, frei Manoel; é vergonha mas é verdade. Chorei naquele dia, chorei atrás dela pedindo pra ela não me deixá, chorei nos outros dias depois que ela foi, chorei muito tempo até que os olhos secou e eu tive que aguentá a vida sozinho.

Nunca me esqueci dela; mesmo sendo ruim pra todo mundo nunca deixei de gostá daquela mulher. Qualquer dia que ela voltasse eu perdoava tudo e começava de novo. Esperei muito; pensei que ela cansasse do outro. Mas não voltou. Um dia soube que ela morreu. Tornei a chorá muito como si ela ainda fosse minha. Mas o tempo passou e a ferida secou de novo. Disseram que o moço foi se padre. Sei lá; quem sabe; pra pagá os pecado.

Frei Manoel estremeceu de novo. Voltou-se para Deus e pediu amparo. Precisava de misericórdia; há quase vinte anos que se penitenciava daquele erro da mocidade. Sim era ele! ele roubara Angelina; mas tinha o grande indulto de tê-la amado com devoção. Abandonara tudo; a mulher, o filho; nunca mais soubera deles. E pelo infortúnio que causara a todos viera trazer-lhes consolo incógnito, assistência devota e carinho sincero. Era um homem de bem; Deus o perdoaria.

— E a mulher do outro, "seu" Chico? O fazendeiro benzeu-se com fervor.

— Era uma santa, coitada; que Deus a tenha. Não sei mais daqui com vergonha dos conhecido da cidade. Teve pena de mim e nunca tivemos rancor um do outro. Pelo contrário: a amizade aumentou. Muitos anos depois a pobre morreu. Eu estava lá; ela tinha chamado. E antes de fechá os olhos me pediu coisa difícil: que eu ficasse com o filho dela. Imagine, frei Manoel! eu ficá com o filho do homem que roubara minha mulher. Mas sinhô sabe; pedido de moribundo a gente não nega; fiquei com o menino.

Frei Manoel sentia um tufão no fundo do ser. Desde que voltara, desde que viera, buscava anciosamente aquele pedaço dele próprio. Queria vê-lo ou saber dele. Jurara a Deus que nunca revelaria quem era; toda a sua vida estava morta dali para trás; esta era a sua penitência. Mas queria saber do filho; apenas vê-lo, apenas tocá-lo.

— Ficou com o menino, "seu" Chico?

— Fiquei, frei Manoel. Foi difícil, o sinhô imagina. Mas levei a minha cruz. Botei ele no trabalho, fiz dele um homem guapo e entendido nas coisa da lavoura.

— E ele, "seu" Chico, que fim levou? O fazendeiro tomou a cabeça nas mãos.

Frei Manoel compreendeu que chegara o momento mais difícil. Tentou ajudá-lo.

— Fale, "seu" Chico; o senhor precisa de um desabafo. Seu caminho está escuro porque o senhor é bom e não

pode suportar os remorsos do que fez. Eu sou seu amigo e Deus é amigo de todos; não perca esta oportunidade de tranquilizar sua consciência.

"Seu" Chico estava quase chorando. A voz lhe sumia; os olhos baixos escondiam as lágrimas.

— Ah! frei Manoel, eu não sou ruim! foi o demônio que entrou em mim pra pedir vingança. Foi ele que me sequestrou o jeito de matá o rapaz.

Frei Manoel recuou violentamente o busto entre perplexo e dilacerado. Os olhos e as feições tranquilas tomaram uma expressão dramática.

— Matar?! o senhor disse matar?!

"Seu" Chico não conteve mais os soluços. Estava quase de joelhos quando segurou desvairadamente as mãos do frade.

— Ah! Frei Manoel, me perdôe! não posso pedir perdão a mais ninguém! Angelina morreu, a mãe dele também, o pae sabe Deus onde estará! o sinhô me perdôe em nome de todos. Eu não queria fazê aquilo; eu gostava dele; gostava como de um filho! mas um dia cheguei aqui na cachoeira, no mesmo lugá onde o outro estava com a minha mulher e dei com ele na beira da queda. Ah! frei Manoel, o sinhô não sabe o que é o demônio e como ele convence a gente! eu senti como si tivesse voltado vinte anos atrás, como si estivesse vendo aquele homem com a minha Angelina nos braços. Ele era iguaisinho: a mesma altura, o mesmo corpo, os mesmos olhos azuis que nem céu; claro assim que nem os do sinhô, frei Manoel! Então fiquei louco! corri pra ele, dei um empurrão, um só, e ele caiu lá em baixo nas pedras. Sai correndo sem olhá pra trás; ninguém tinha visto.

Quando acharam o corpo dele ninguém soube explicá. Veio o delegado, examinou tudo e ficou dito como suicídio. Ninguém desconfiou de mim.

Frei Manoel continuava sentindo a pressão das mãos dele nos seus braços gelados. Seus olhos postos no céu rogavam a Deus que não o deixasse odiar aquele homem. Era o matador de seu filho quem lhe pedia perdão. Era mister que ele o perdoasse, em seu nome e em nome de Deus.

Depois de muito tempo Frei Manoel tirou os olhos do céu. Fizera longas e fervorosas orações pensando no filho, na mulher, em Angelina, em "seu" Chico e nele mesmo. Sua voz era outra vez serena e acolhedora como uma árvore frondosa ao dirigir-se ao fazendeiro.

— Como se sente agora, "seu" Chico?

O outro estava erecto outra vez, a fronte erguida e o olhar tranquilo.

— Estou muito melhor, frei Manoel; muito melhor.

— Que a paz de Deus seja consigo; vá à igreja, "seu" Chico; reze um pouco; Deus se compadecerá de seu arrependimento. Também rezarei por si e pela salvação de sua alma.

O fazendeiro beijou-lhe as mãos, agradecido.

Frei Manoel levantou e foi até a borda da cachoeira, pôs os olhos lá em baixo, nas pedras, túmulo de seu filho. Olhou longamente a fita prateada que se lançava sobre o abismo e pôde ouvir milhares de sinos festivos bimbando em seu íntimo. Tinha um domingo na alma. Sentia que conquistara o reino dos céus.

PARA CABELOS BRANCOS
LOÇÃO
LEBLON
Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S. A.
SERRA NEGRA



A vida de Stravinsky

(Continuação da pág. 20)

instantaneamente as oportunidades rítmicas desse novo campo de música exótica. Claro está que o ragtime não granjeava o respeito dos pedantes. Sem embargo, seduzia as paixões primitivas do gênero humano. Era nu, desavergonhado, vivo. Fossem para o diabo os púlicos afetados! "E' o respeito ou é o amor que nos leva a possuir uma mulher?" Foi com esse espírito, contados ele, que compôs o seu Ragtime — "para onze instrumentos — de sopro, de corda, de percussão e um cimbalo húngaro."

Com característica originalidade, porém, chegou ao miolo da forma do jazz e atirou fora a casca. As qualidades emocionais que faziam rebolar as cadeiras não o interessavam, pois decidira, inexoravelmente, que a música há de ser intelectual e não emocional. Compreender as paixões alheias? Sim. Mas sucumbir a elas? Positivamente não! Era apenas por mera curiosidade técnica que se ocupava das novas combinações rítmicas do jazz. A curiosidade desse homem era insaciável. Não o comovia de maneira alguma a beleza voluptuosa da musa. Preocupava-se muito mais com estudar-lhe as vértebras da espinha. Não era um poeta da emoção tonal, senão um cientista do colorido tonal.

Buscando sempre novas combinações de colorido tonal e "cansado da parte dominante desempenhada pelos instrumentos de corda na música orquestral," Stravinsky escreveu uma sinfonia tão somente para os instrumentos de sopro. Tentou, em seguida, obter um efeito ainda mais extravagante escrevendo uma composição para uma pianola mecânica, um harmônio elétrico, um conjunto de instrumentos de percussão e dois cimbais húngaros. Nem mesmo essas experiências, porém, o satisfizeram completamente. Em certa ocasião coligiu uma orquestra de timbales, si-

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosário, 98 — Rio de Janeiro

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas, as sepezes e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórias Alvim & Freitas.

nos e xilofones. A principal virtude dessa orquestra, dizia Stravinsky, era o fato de "nenhum dos instrumentos dar uma nota precisa."

Mas apesar de todo o seu modernismo experimental, Stravinsky nunca desprezou realmente os clássicos. Tinha o maior respeito a Beethoven. Discordava, porém, da base sobre a qual repousava a reputação de Beethoven. "Todos o elogiavam pelas suas idéias morais. Essas idéias, no entanto, são simples consequências acidentais." Os sociólogos e moralistas apossaram-se do homem. Sem embargo, esses "propagandistas do liberalismo em todas as burguesias democráticas" que o transformam num revolucionário, num jacobino, num humanitário, "não o transformaram por isso num grande músico." Não escrevemos sonetos, dir-nos-ia Gertrude Stein, com idéias, mas com palavras. Da mesma forma, assevera Stravinsky, não escrevemos música com filosofia, senão com notas. Teoria falsa, talvez, mas base interessante de experimentações singulares no terreno da expressão artística.

Nessa base escreveu Stravinsky o seu concerto "Experimental" para piano. Tamanho foi o sucesso obtido que ele se transformou num concertista de piano com o propósito expresso de executá-lo em público, tendo-o feito umas cinquenta vezes no decurso dos dez anos seguintes. A peça era tão complicada que, quando procurou executá-la de cor na Ópera de Paris esqueceu-se do princípio do segundo movimento e ficou-se embaraçado até que Koussevitzky, que regia nessa ocasião, murmurou as notas dos acordes iniciais.

Está à venda em todo o

Brasil o

ALMANAQUE EU SEI

TUDO

para 1948

A reputação de Stravinsky tornou-se universal. A geração moça idolatrava-o. Ele veio tocar a sua música na América, a terra dos "arranha-céus, dos sinais de trânsito e dos negros." Como muitos outros compositores que chegavam da Europa com idéias filaiuciosas acerca da nossa cultura "inferior," voltou para casa generosamente remunerado e favoravelmente impressionado com o genuíno amor da América à beleza. Afinal de contas, confessou ele, uma monarquia absoluta e uma corrupta aristocracia não são necessárias ao cultivo de uma grande arte nacional. Pode ser que a beleza do Velho Mundo esteja morrendo apenas para renascer no Novo Mundo, do outro lado do mar.

Stravinsky gosta da América e esta gosta de Stravinsky. Nunca houve laço mais estranho de comunhão do que o que existe entre esse reacionário político, produto greco-ortodoxo do czarismo e os liberais dos círculos musicais americanos. O espírito americano, inventivo, deixa-se fascinar pela novidade na arte assim como na ciência. E Stravinsky é sempre novo, sempre experimental, sempre único. Sempre se poderá esperar dele que faça o inesperado.

O gênio de Stravinsky é como um pêndulo que oscila entre dois extremos. Quando se cansa de ser ultramoderno torna-se ultra-antigo. Seja o que for, contanto que seja ultra. Um belo dia determinou-se a escrever a música para um manuscrito latino. O latim é uma língua morta cujas palavras, para a maioria das pessoas, não têm significado nenhum. Pois era isso precisamente o que o interessava nessa língua. "O texto, dessa maneira, converte-se em puro material fonético para o compositor." A sua música, como as suas palavras, podiam, por conseguinte, dar-se ao luxo de não ter sentido — um ritual arcaico para uma religião fora de moda, que teria a pomposa dignidade e a sagrada frigidez de uma consagração religiosa a um deus morto. Ele dificilmente poderia cair nas ciladas do sentimentalismo diante de um texto latino. E esse homem odiava de tal forma o sentimentalismo que nos faz desconfiar que era, no íntimo, extremamente sentimental.

Foi assim que surgiu o oratório, *Édipo Rei*, tentativa irracional para recapturar o racionalismo dos antigos pagãos. Stravinsky admira os clássicos contornos das estátuas gregas e buscou projetar-lhes o espírito em sua música. Não capturou, contudo, nada da sua beleza, mas tão somente a sua frieza de mármore.

IV

Em 1930 Serge Koussevitzky pediu a Stravinsky que escrevesse uma sinfonia por ocasião do quinquagésimo aniversário da Orquestra Sinfônica de Boston. E Stravinsky pôs-se ao trabalho à sua maneira. "A forma sinfônica como nos foi legada pelo século XIX me atrai muito pouco." Era-lhe preciso, como sempre, apresentar algo novo. Decidiu combinar a orquestra com um coro numa espécie de oratório sinfônico. E es-

colheu, como texto, os Salmos. A *Sinfonia dos Salmos*, que disso resultou, é uma peça estranhamente comovente para um punhado de pessoas. A grande maioria dos amantes da música, entretanto, não encontra nesse trabalho nenhuma mensagem, nenhum significado, nenhuma compreensão, pois, diz ela, Stravinsky está-se tornando cada vez menos poeta e cada vez mais professor, sacrificando a arte à excentricidade, o coração ao espírito.

No que concerne a essa última acusação, Stravinsky se confessaria culpado. A maior das músicas, acredita ele, há de seduzir o espírito e não o coração. Ele defende francamente o credo de que "a música não deve ser gozada," e disso está convencido. Em todas as artes enxerga ele eterna guerra entre dois princípios — Apolo e Dionísio, a razão e a emoção. A maioria das pessoas tem para si que o êxito deve ser o propósito da arte. "O único propósito, no entanto, deve ser o apartamento objetivo, a ordem, a austeridade da forma." A maioria das pessoas cuida que a arte deve expressar uma mensagem. Engana-se, porém. "Se desagradei aos meus auditórios por me haver arredado da música colorida de *O Pássaro de Fogo*, paciência. O que me delicia, deixa-os indiferentes, e o que continua ainda a interessá-los já não me atrai. Nesse particular, acredito que tenha havido raramente alguma real comunhão de espírito entre nós." Ele não censura os outros por se quedarem pasmados ante "uma linguagem na qual todos os seus valores estéticos parecem ter sido violados." A atitude desses outros, todavia, não o fará desviar-se do seu caminho. Não cederá diante dos "que, em sua cegueira, não compreendem que me estão pedindo que eu retroceda."

Sem embargo, para muitos amantes da música a sua primeira obra é a melhor. Em outros tempos tivera ele uma visão acerca de uma boneca numa feira. Dotada subitamente de vida, a boneca dançou durante algum tempo, compreendeu as alegrias e as tristezas da vida, e depois morreu como qualquer criatura humana. A música de Stravinsky a propósito dessa boneca era colorida, irônica e sobrecarregada de emoção. *Patrushka*, a boneca que sofria como um ser humano. Esse *ballet* é, acaso, o ponto culminante da música de Stravinsky, que nele falou uma linguagem vistosa, diferente, original, mas suficientemente clara para ser compreendida e sentida. A boneca mecânica vivera uns poucos momentos elétricos diante do aparato cintilante de um bazar, dançara e amara com intensa paixão e logo — que ironia! — morrera de um excesso de sentimento humano. Assim também a musa de Stravinsky, mecânica por natureza, tivera por uns poucos momentos um coração e derramara a música do sentimento humano. O coração, porém, morrera logo depois sufocado pelo excesso da própria emoção. E hoje, a musa de Stravinsky é, de novo, uma inteligente boneca mecânica sem coração.

(Do livro "Vidas de grandes compositores").

**RICARDO brilhava
EM 1927...**



...e continua

brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Números atrasados desta

Revista no Pará

Pedir a

Albano H. Martins & C. ia

Travessa Campos Sales, 58

BELÉM

Attalea princeps

(Continuação da pág. 15)

como eu — disse outra árvore cujo tronco parecia um tonel. — E para que fim ela se alonga assim? Vem a dar no mesmo; não consegue nada. O gradil é sólido e os cristais grossos.

Passou-se outro mês. "Attalea" subia e chegou a apolar-se inteiramente no teto. Já não lhe restava lugar para crescer. Então começou a curvar o caule e a atirar os ramos oprimidos pelas barras de ferro, que penetravam nas folhas jovens, rasgando-as e mutilando-as; porém a árvore permanecia rija, sem se preocupar com os pequenos ramos que pereciam junto à grade e esta começou a ceder, apesar de ter sido feito de ferro poderoso.

A erva franzina apertava-se contra o

tronco da árvore e contemplava a luta, morta de medo.

— Dize-me, não te sentes mal? Se a grade é tão forte, não seria melhor deixá-la?

— Sentir-me mal? Que significa o sofrimento, quando "quero" ser livre? Tu mesma não me animaste? — fez a palmeira.

— Sim, eu te animei; mas não supunha que fosse tão difícil. Dás-me pena. Fazes esforços titânicos.

— Cala-te, planta debil! Não me compeças. Morrerai ou conseguirei libertar-me.

E nesse instante ressoou um golpe. O grosso teto de ferro se rompia, caindo os cristais desfeitos em miludos pedaços. Um deles caiu sobre o chapéu do diretor que sala da estufa.

— Que é isto? — exclamou ele vivamente.

E vendo como, pelo ar, voavam pedaços de cristal, saiu correndo da estufa e olhou para o telhado. Sobre a abobada de cristal levantava-se orgulhosa a coroa amarela da palmeira.

— E' apenas isto? — pensava ela. — E foi somente para isto que me esforcei e sofri tanto? E alcançar isto era o objeto de minhas ansias?

Um pinheiro esguio, quando "Attalea" levantou a copa pelo buraco aberto, gelou ao contacto da chuva fina que, de mistura com a neve, o vento soprou sob as nuvens cinzentas. As árvores se despojavam de suas vestes e semelhavam cadáveres informes. Só o abeto resistiu contra o frio, e o pinheiro, cujas folhas continuavam ponteagudas,

Taciturnas, as árvores contemplavam a palmeira.

— Agora vais ficar gelada! — pareciam dizer-lhe. — Não sabes o que é o gelo, não serás capaz de suportá-lo.

E "Attalea" compreendeu que tudo havia terminado para ela. Regelava. Retroceder para dentro do telhado? Mas já era tarde e isso não estava ao alcance de suas forças. Não, tinha que permanecer ao ar frio, sentir como cortava a neve, contemplar o céu, que não era sequer nada limpo, aquela natureza paupérrima, contemplar a névoa e esperar que os lá de cima, reunidos num lugar cálido, determinassem o que deveriam fazer com ela.

O diretor propôs serrá-la.

— Poderia construir-se uma cúpula especial — disse ele — porém quanto tempo duraria? Ela tornaria a crescer e a rompê-la toda. Além disso, sairia muito caro. O melhor será serrá-la.

Amarraram a árvore com cordas, para que não causasse estragos ao cair contra a parede da estufa e logo serraram o tronco bem em baixo, ao rez do chão. A erva pequenina, abraçada ao tronco da árvore, não queria separar-se de sua amiga e assim calu também contra a serra. Uma vez retirada a palmeira da estufa, sobre o corte do tronco que ainda restava, jogaram serragem, ramos soltos e folhas.

— Lancem este adubo e o espalhem direito — disse o diretor. — Logo mais estará misturado e conseguiremos que o tronco apodreça. Depois plantaremos aqui qualquer coisa diferente. Um dos jardineiros colheu habilmente em braças a erva cortada, atirou-a ao monturo, puxou-a e a arrastou para o pátio de trás, exatamente em cima da palmeira morta, que jazia em cima do estrume, quase coberta de neve.

Música

(Cont. da pág. 40)

mente pessoal." Aliás, o gosto de Britten é dos mais originais. Reproduzimos, para nossos leitores, sem comentários, a opinião do autor de *Peter Grimes* que condena a música do século XIX, critica Beethoven, e encontra somente dois nomes no romantismo, para favorecer com elogios irrestritos. Sabem quem são? Tchaikovsky e Chopin...

A fama bateu cêdo à porta de Britten. Agora, porém, que sua obra atravessou o Atlântico, confessou à imprensa de que a notoriedade não lhe trouxe a fortuna e que continua a ganhar a vida com grande esforço.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Ah!... é um jantar com Malzbier da Brahma

Ninguém resiste! "Ele" também é conquistado com um jantar diferente... um jantar com Malzbier da Brahma! Além do prazer que proporciona, Malzbier da Brahma completa, equilibra e aumenta o valor nutritivo de qualquer refeição! Pela sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma é a cerveja que compensa a falta à mesa de um ou outro alimento. É também a cerveja que entra em todos os lares devido seu baixo teor alcóolico e seu sabor inconfundível. Complete sempre seu lanche, almoço ou jantar com a deliciosa Malzbier da Brahma.



A BOLSA

Conto de MIGUEL UNAMUNO

«O senhor volte noutro dia...», «Há de se ver!», «Eu tomo nota.», «Isto está tudo tão mal...», «Os senhores são tantos...», «Veio tarde, e é pena!», Com frases deste gênero via-se sempre despedido D. Agustín, desempregado vitalício. E não sabia sequer impor-se, nem importunar, ainda que tivesse ouvido dizer mil vezes que «quem porfia mata caça».

A sós, ao luzir da alva, fazia mil projetos, e armava-se de coragem, e prometia dizer verdades duras como punhos; mas, quando via uns olhos a olharem para ele, lá se lhe começava a encolher o coração. «Mas por que serei eu assim, meu Deus?», interrogava-se; e continuava a ser assim como era, já que só desta forma podia ser o que era.

E interiormente achava um estranho deleite em se encontrar sem colocação e sem saber onde arranjar o patacos para o dia seguinte. A liberdade é muito mais doce com o estômago vazio, digam o que disserem os que nunca se encontraram com a vida nua e crua. Esses só conhecem as vestes da vida, os seus atavios; não a própria vida, pelada e nua.

O filho, Agustinito, mirrado e doente, com os olhinhos a bailarem-lhe na cara pálida, era a perfeita imagem da vivacidade. Apanhava tudo no ar.

— A nossa única esperança — dizia a mãe, embocada no chale, numa noite de inverno — é que consiga uma bolsa, e teremos assim duas pesetas enquanto estudar... Porque isto de viver da caridade... E que caridade, meu Deus! Não, não julgues que me estou a queixar; não! As senhoras são muito boas, mas...

— Sim, é como diz o Martin; em vez de exercer a caridade dedicam-se ao desporto da beneficência.

— Não, isso não; não é isso. Já uma vez to ouvi; parece que ao fazerem a caridade pretendem envergonhar o que a recebe. Já vês o que nos dizia a lavadeira a contar-nos de quando lhes deram de comer no Natal e foram as senhoritas que as serviram... «essas coisas que as senhoritas, fazem para nos tirarem as cores da cara»...

— Mas, homem... — Sé franca e não tenhas segredos para mim. Compreendes muito bem que nos dão a esmola só para nos humilharem...

Nas noites de frio não tinham, para se aquecerem nem mesmo o fogo da cozinha, pois que o não acendiam. Era a deles uma lareira apagada.

O menino compreendia tudo e atingia o alcance daquele estribilho contínuo: «Aplica-te, Agustinito, aplica-te!».

Rude foi a luta para a conquista da bolsa, mas obteve-a, e naquele dia, entre lágrimas e beijos, acendeu-se o fogo na lareira.

A partir deste dia de triunfo, acentuou-se em D. Agustín a vergonha de ir pretender colocação; ainda que pouco e mal, comiam do que o filho ganhava; e com alguma coisa mais, trabalhando o pai aqui e além, de tempos a tempos, iam-se safando, antes pior que melhor, das preocupações de cada dia. Não se disse já que «chega para cada dia o seu cuidado» e não o traduzimos nós por «não é por muito madrugar que amanhece mais cedo»? E se não amanhece mais cedo por muito madrugar, o melhor é ficar na cama. A cama adormece as tristezas. Por alguma razão dizem os médicos que o repouso cura tudo.

— Agustín, os livros! Os livros! Olha que és quase o nosso único sustento, que tudo depende de ti!... Deus te pague!... — dizia a mãe.

E Agustín não comia, nem dormia, nem descansava à sua vontade. Sempre em cima dos livros! E assim se lhe iam envenenando o corpo e o espírito: aquele com más digestões e piores sonos, e este, o espírito, com as coisas não menos indigestas que os professores o obrigavam a engolir. Tinha que comer do que houvesse, e tinha que estudar aquilo que no exame lhe desse a classificação necessária para não perder a bolsa.

Acontecia deixar-se ficar adormecido em cima dos livros à laia de almofada, e sonhava com as férias eternas. Além do resto, tinha de ganhar prémios que lhe permitissem pagar as matrículas no ano seguinte.

— Vou visitar D. Leopoldo Agustín, e dizer-lhe que precisas de um excelente para continuares a ter a bolsa...

— Não, não peças isso, mãe, que é muito feio... — Feio? Diante da necessidade não há nada que seja feio, meu filho!

— Mas se eu hei de conseguir o excelente, mãe; — o hei de conseguir.

— E o prémio?

— O prémio também, mãe.

Achava-se na obrigação de ganhar o prémio; obrigação, o que é uma coisa verdadeiramente terrível.

— Olha, Agustín, D. Afonso, o de patologia médica, está doente; deves ir à casa dele saber como está...

— Não vou, mãe; não quero ser manteigueiro.

— Ser o que?

— Manteigueiro!

— Bem, não sei o que isso seja, mas entendo-te; nós, os pobres, temos que ser manteigueiros. Deixemo-nos dessa coisa de «pobre mas orgulhoso» que é o que mais nos perde, a nós, espanhóis.

— Pois não vou.

— Bem, vou eu.

— Não! Também lá não há de ir.

— Bom, não queres que seja manteigueira...

pois não irei; mas meu filho...

— Hei de conseguir o excelente, mãe.

E conseguiu-o, o desgraçado, mas por que preço? Uma vez não conseguiu mais do que bom e teve de ver a cara com que ficaram os pais.

— Calharam-me lições tão difíceis...

— Não, não, alguma coisa fizeste... — disse-lhe o pai.

E a mãe acrescentou:

— Eu logo te dizia... Descuidaste-te muito...

O mês de maio era terrível para ele. Sucedia-lhe ficar adormecido em cima dos livros, com a cafeteira ao lado. E a mãe, que se levantava solícita da cama, ia despertá-lo e dizia-lhe:

— Basta por hoje, meu filho; também não convém abusar... Além disso esperta-te o sono, e desperdiça-se o petróleo. E não podemos com isso.

Caiu doente e teve que ficar na cama; a febre consumia-o. E os pais alarmaram-se; alarmaram-

se com o atraso que aquela doença lhe podia acarretar nos estudos; talvez que a doença durasse e não pudesse ir a exame com a certeza de tirar boa nota, e ficasse suspenso o pagamento da bolsa.

O médico garantiu-lhes que aquilo havia de durar, e os pobres, angustiados, perguntavam-lhe:

— Mas poderá ir a exame em junho?

— Deixem-se de exame, que o que este moço necessita é de comer muito e estudar pouco; e ar, muito ar...

— Comer muito e estudar pouco! — exclamou a mãe. — Mas, senhor, se tem que estudar muito para poder comer pouco!...

— E' um caso de surmenage.

— De sur que?

— De surmenage, senhora; de excesso de trabalho.

— Meu pobre filho! — e desatou a chorar, a mãe.

— E' um santo... um santo!

E o santo foi-se restabelecendo; e quando pôde pôr-se a pé pediu os livros, e a mãe, ao levá-los exclamou:

— És um santo, meu filho!

E três dias depois:

— Olha, hoje que está melhor tempo podes sair; agasalha-te bem e vai à aula. Ah! E diz a D. Afonso que estivesse doente e que te dispense...

Quando voltou da aula disse:

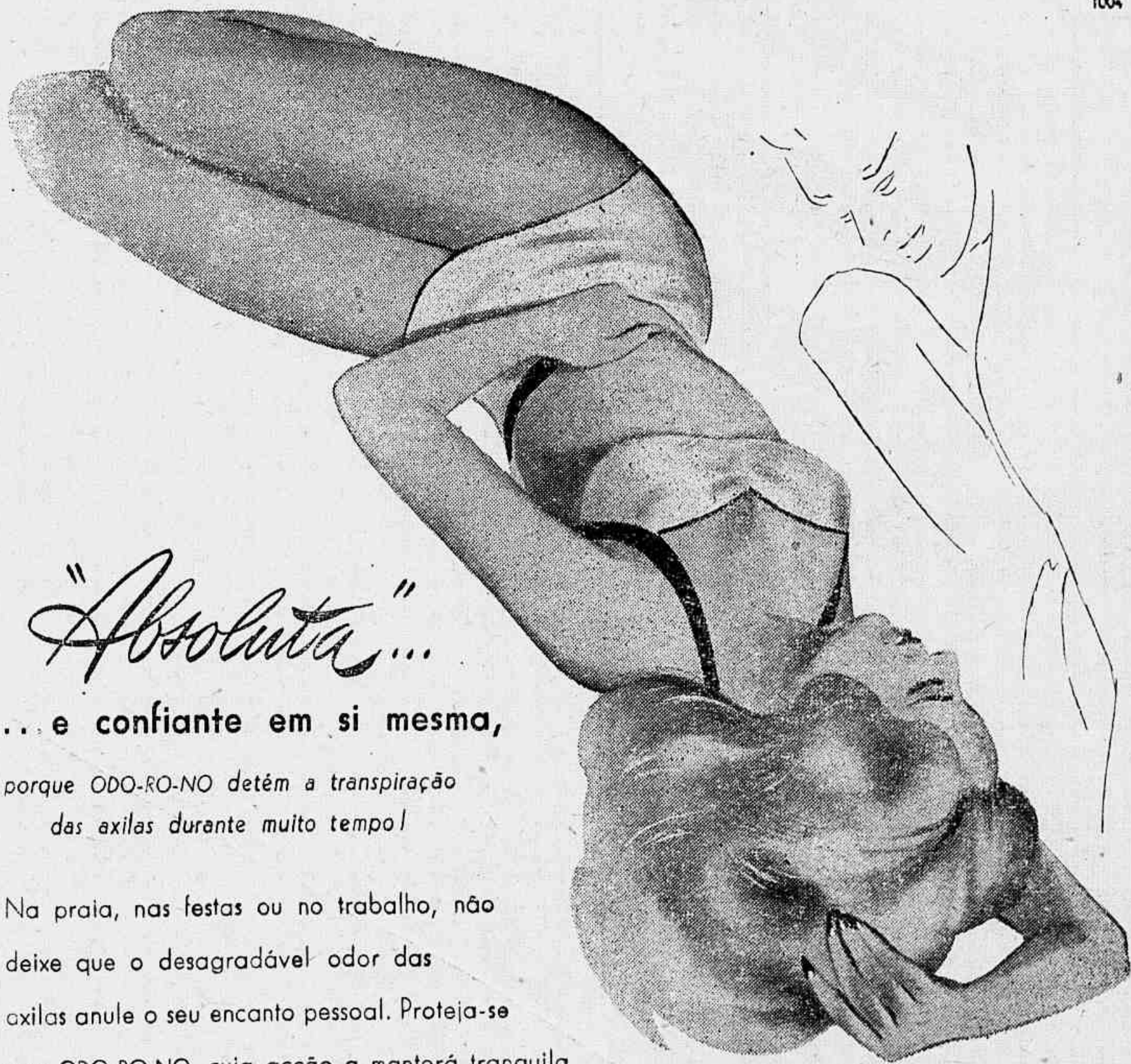
— Disse-me D. Afonso que não voltasse enquanto não estivesse bom de todo.

— Mas... e o excelente, meu filho?

— Hei de o conseguir.

E conseguiu-o, e viu chegarem férias, o único

100



"Absoluta"...

... e confiante em si mesma,

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Na praia, nas festas ou no trabalho, não

deixe que o desagradável odor das

axilas anule o seu encanto pessoal. Proteja-se

com ODO-RO-NO, cuja acção a manterá tranquila

por três dias. ODO-RO-NO não irrita a pele e não

se resseca no po'le. Sua aplicação é muito simples,

prática e rápida. Sob a protecção de

ODO-RO-NO V. será sempre irresistível... "absoluta..."



Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.



Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

tempo em que podia respirar. «Para o campo!», tinha dito o médico. Para o campo? E com que dinheiro? Com duas pesetas não se fazem milagres. Tinha de se privar D. Agustin, o pai, do seu café diário, do único instante em que esquecia os desgostos? Uma vez tinha tentado deixá-lo; mas o filho modelo tinha-lhe dito:

— Não, não; vai ao café, pai; não o deixes por minha causa; já sabes que eu me contento com qualquer coisa...

E não teve campo, porque não pôde tê-lo. Não reclinou, o pobre moço, o seu cansado peito sobre o peito vivificante da mãe Terra; não espairoseu a vista pela verdura, que sempre reverdece; nem descansou o coração no olvido reconfortante.

E tornaram as aulas e, com elas, o duro combate; e tornou a cair de cara, o bolseiro: e, nu'a manhã, quando estudava, deu-lhe um ataque de

tosse e ensanguentaram-se as páginas do livro precisamente no sítio em que se falava da tísica.

E o pobre rapaz ficou-se a olhar para o livro, para a nódoa vermelha e, mais para além dela, para o vácuo, com os olhos fitos nele, e o frio do desespero agarrado ao coração. Aquilo trouxe-lhe à flor da alma a tristeza eterna, a tristeza transcendente, o tédio pre-natal que anda adormecido no fundo de nós todos e cujo rumor de caruncho tentamos afogar sob a agitação da vida.

— Tem que deixar os livros imediatamente — disse o médico quando o viu; — mas imediatamente!

— Deixar os livros! — exclamou D. Agustin. — E com que vamos comer?

— Trabalhe o senhor!

— Pois se eu procuro e não encontro; se...

— Pois se éles lhes morrer é à sua conta...

E aquele rude D. José Antônio foi-se embora resmungando: «Olha que crime! Isto é um caso de antropofagia: aqueles pais comem o filho».

E comeram-no, com a ajuda da tísica; comeram-no gota a gota, pouco a pouco.

Comeram-no, vacilantes entre a esperança e o temor, amargando-lhes, cada noite, o sacrifício para o recomeçarem cada manhã.

E que haviam de fazer? O pobre pai andava aflito cheio de desespero e, enquanto mexia o café com a colher, para desfazer o torrão de açúcar, dizia de si para consigo: «Que amarga é a vida! Que miserável a sociedade! Que porcos os homens! Agora só nos faltava que éle morresse»... E logo, em voz alto: «Rapaz! a Vida alegre!»

Ainda chegou o rapaz a licenciar-se e teve a consolação de pôr a assinatura no diploma, de

Vida, paixão e morte da escola de...

(Continuação da pág. 30)

Paulo Monteiro Machado, que éle me arranje um lugar na sua fazenda e eu irei para lá capinar a terra. Lá ficarei o resto da vida capinando e pintando."

Realmente, é o que deseja Guignard: pintar. Façam o que entenderem, mas criem condições para que éle possa pintar e transmitir os resultados de sua experiência.

Cremos, porém, que aquela hipótese não ocorrerá.

No album da Escola está escrito com a letra do governador Milton Campos: "Aqui um grande mestre, em ambiente de modéstia e devotamento, encaminha a vocação de discípulos brilhantes, que um dia hão de fazer honra às artes, em Minas e no Brasil".

Há duas razões muito fortes para o êxito desta Escola: os mineiros não a abandonarão e aí Guignard encontrou a sua Shangri-lá.



E' isso o que esperamos. E que essa decisão seja clara e firme, valendo como uma resposta ao prefeito que resolveu fechar a Escola e agravou ainda mais seu atentado, mandando dizer a Guignard que "éle ficasse sossegado que o contrato dêle seria mantido e éle seria aproveitado para... ensinar desenho aos alunos das escolas de primeiras letras que vai fundar"...

Jean Peters

(Continuação da pág. 17)

tidos, mas sempre ficam defeituosos, pois suas habilidades costumeiras não são das melhores.

Jean adora Shakespeare, dando preferência ao "Hamlet".

Jean come de tudo, mas explica que quando tem spaghetti come mais ainda. Gosta bastante de café, sem muito açúcar. Não se preocupa com dietas; não é de engordar...

O filme de que mais gostou até hoje foi "A Ponte de Waterloo", com Robert Taylor e Vivian Leigh.

Seu apelido familiar é "Pete", que prefere ao próprio nome. Seus amigos irracionais estão todos na fazenda: três cachorros, dezoito gatos, uma vaca, uma ovelha chamada Josephine e um carneiro chamado Ali Babá. Jean tem orgulho de suas habilidades manuais, pois sabe trabalhar de pedreiro e ainda conserta móveis quebrados. Cozinha bem e gosta de costurar, embora o faça mal, e não precisa de muitas horas de sono, ficando perfeitamente descansada com apenas cinco por noite. Jean costuma ter pressentimentos, seguindo-os à risca, no que se tem dado bem. Em matéria de parentes ilustres, seu único é Tommy Farr, o peso-pesado escocês que esteve em cartaz há alguns anos. Tommy, seu primo distante, não conseguiu o título mundial, mas Jean está decidida a triunfar em Hollywood. Já teve um pressentimento a respeito...

A encantadora artista recebeu de minhas mãos a "REVISTA DA SEMANA" que publicou na capa o seu retrato. Mostrou-se encantada, com o fato de já ser conhecida no Brasil, ao menos em retrato, através daquela capa. E diz que estimará muito que o seu "técnico-lor" de estréia agrade no Brasil.

Lembranças de Eduardo Vieira

(Cont. da pág. 37)

Eduardo Vieira — ao ator, ao professor, ao ensaiador. Ele está morto, na paz suprema. Mas sua obra continua através dos seus discípulos. Ainda agora o elenco de Eva Todor vai a Portugal, levando um repertório de cerca de trinta peças, todas elas preparadas por Eduardo Vieira. E os aplausos que esse elenco colher em Portugal ainda pertencerão, em parte, ao velho e ilustre mestre.

R. MAGALHAES JUNIOR

pôr a assinatura na sua sentença de morte, com mão trêmula e febril. Logo a seguir pediu um livro, uma novela.

— Oh! os livros, sempre os livros! — exclamou a mãe. — Deixa-os agora. Para que queres saber tanta coisa? Deixa-os!

— Em boa hora, mãe.

— Agora, descansar um pouco e procurar um partido...

— Um partido?

— Sim; falei com D. Félix e prometeu-me recomendar-te para Robleda.

Poucos dias depois ia-se Agustinito para sempre, para as férias intermináveis, com o diploma de baixo da almofada — foi um capricho seu — e com um livro na mão. E os pais choraram-no amargamente.

— Agora, agora que ia começar a viver; agora que nos ia tirar de misérias; agora... Ai, Agustin, que triste é a vida!

— Sim, muito triste — murmurou o pai, a pensar que durante uma temporada não poderia ir ao café.

E D. José Antônio, o médico, dizia-me, depois de me ter contado o caso: «Mais um crime, mais um crime dos pais... Estou farto de os presenciarem!» E continuaremos a considerar o Estado como um hospício, e venham excelentes e canibalismo... canibalismo, sim, canibalismo! Comeram-lhe a carne e beberam-lhe o sangue... e esta coisa dos pais comerem um filho, como é que lhe havemos de chamar, senhor helenista? Gonofagia, não é assim? Sim; gonofagia, gonofagia, porque chamando a estas coisas nomes gregos perdem não pouco do horror que poderiam ter. Recordo-me de quando o senhor me contou daqueles índios de que fala Herodoto, que sepultavam os pais nos estômagos, comendo-os; a coisa é terrível; porém mais terrível ainda é Saturno a devorar os próprios filhos; mais terrível ainda é o festim de Atreu. Porque lá que alguém coma o passado, tanto mais se este passado já morreu, ainda escapa; agora esta coisa de se comer o futuro!...

E se o senhor reparar verá de quantas maneiras nós o estamos a comer, de que maneira nós estamos a afogar em germe os mais formosos rebentos. Tivesse o senhor visto o triste olhar do pobre estudante, aqueles olhos que pareciam olhar para além das coisas, para um futuro incerto, sempre futuro, e sempre triste; e aquele pai a quem não faltava o café diário. E tivesse visto a sua dor ao perder o filho, dor verdadeira, sentida, sincera, — não suponho outra coisa — mas uma dor que tinha por baixo do seu caráter animal, de instinto ferido, algo de frio, de repulsivo, de triste. E depois desses livros, condenados, que em vez de servirem de pasto, servem de veneno à inteligência; esses malditos compêndios em que se costuma encafiar o mais medíocre, o mais pedestre, o que há de mais insuportável na Ciência, com designios comerciais...

Calou-se o médico e eu também me calei. Para quê falar?

Passados tempos disseram-me que Teresa Martins, a filha de D. Rufo, ia ser freira. E ao manifestar o meu espanto por isso, acrescentaram-me que tinha estado noiva de Agustin Peres, o bolseiro, e que, depois da morte deste, estava inconsolável. Pensava em casar quando éle tivesse arranjado um partido.

— E os pais? — lembrei-me de perguntar.

E ao contar, ao que me tinha trazido essa notícia, a maneira como éles o tinham comido, replicou-me inumanamente:

— Bah! Se não o comessem os pais, tê-lo-ia comido a noiva.

— Pelos vistos — exclamei então — estamos condenados a ser comidos, ou por uns ou por outros?

— Sem dúvida, — replicou o meu interlocutor, que é homem dado a paradoxos, — sem dúvida; já o senhor sabe que, neste mundo, não há mais do que comer os outros, ou ser comido por éles; ainda que eu julgue que todos nos comemos uns aos outros. E' um devorar mútuo.

— Então é viver sozinho — disse.

E replicou-me:

— Não ganhará o senhor nada com isso, uma vez que se comerá a si mesmo; e isto é o pior de tudo, porque ao prazer de devorar junta-se a dor de ser devorado, e esta fusão na mesma pessoa do prazer e da dor é a coisa mais lúgubre que pode acontecer.

— Chega — repliquei-lhe.

TRAGÉDIA FEMININA

E' tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar, nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, por que é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências, o Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

Ilustrações de GEORGE TETZEL



— Tudo o que lhe posso dar é desgraça.

Nora, recusando-se a ouvir a história, deixou Joe perturbado. — Mas não é direito que você não saiba o que fiz e por que estou aqui — protestou ele. Estavam sentados num recanto, entre algumas rochas. — E' mais do que direito — respondeu Nora. — Quero apenas que fiquemos tão unidos que coisa nenhuma neste mundo nos possa separar. Sou muito calculista, Joe. — E Nora sorriu, zombando. — Tudo o que lhe posso dar é desgraça e desonra, quando for descoberto.

— Chiiii! Chega! Não permito que trate desta maneira a minha felicidade, que mal tem dois dias de existência. — Joe sorriu arrependido; e, puxando-a para si. — Dê-me um beijo. — Depois: — Está bem; rendo-me. Vamos deixar os fatos a meu respeito no ar ainda por algum tempo. — No dia seguinte, na hora da sesta de Sam,



Era comum passarem aviões para o Canadá...

Joe tentou de novo a confissão, sendo mais uma vez impedido. — Oh, Joe, já não. Pouco me importa que você tenha falsificado um cheque ou assassinado alguém. Qualquer que seja a razão da sua fuga para cá, dou graças a Deus por ela. Não recuarei diante de coisa alguma para guardá-lo para mim. — Joe olhou-a enternecido. — Chegue mais para cá. — Não, obrigada! — E Nora levantou o rosto para ver um avião que passava. Era frequente a passagem de aviões por ali, a caminho do Canadá ou de acampamentos particulares mais ao norte. Começaram então a falar dos tempos de criança, e, sem a menor intenção, Joe deixou escapar a sua identidade. Teve sempre o cuidado de omitir os sobrenomes, mas empregou vários apelidos, como Windy, e Nora perguntou: — Você está se referindo a Windy Vale? Ele foi seu treinador de futebol? — Foi... e meu irmão também! — Salu tão natural-



— Ele morreu há dois anos, — disse Nora.

mente que não houve recuo possível. Logo depois estava confessando que era Murray Vale.

— Mas eu li sobre o caso. Ele morreu há dois anos... mais famoso ainda que o irmão...

— Murray Vale não morreu. Eu sou Murray Vale, Nora. — Os olhos dela semicerravam-se. Um ar de compaixão passou rápido pela sua fisionomia. — Há quanto tempo você cismou que é Murray Vale?

— E' um fato! — E contou a Nora a morte de Briggs. Não pôde continuar porque Sam gritou: — Nora! Joe!

— Já já — respondeu Nora. E, mais baixo: — Não fique assim, Joe. — E apertando-lhe o braço: — Isto não modifica coisa alguma. Já lhe disse que qualquer que seja a sua culpa, não o tomará de mim. E não há de tomar mesmo!



Nora pensava, remando furiosamente...

A tarde, depois das breves revelações de Joe, parecia interminável para Nora. Não era fácil disfarçar, perante o pai, e perante Joe também, o turbilhão que lhe ia no pensamento e suas crescentes suspeitas. Estavam pescando, de canoa, e ela estava na proa, de costas para os dois. Seu raciocínio trabalhava em defesa de Murray. Mas por que fugira ele? Um sabor amargo lhe veio à boca, procurando argumentos para defender Joe... Quando a canoa voltava para casa, contra um bom vento, Nora mergulhava fundo o remo, quase ferozmente, ainda em defesa de Joe. De uma coisa, porém, estava certa: não permitiria de modo algum que aquilo lhe tirasse Joe; dois podem se esconder tão bem quanto um. De noite,



Sob as estrelas, Joe contou a sua história...

sob as estrelas, ao lado do fogo, Joe contou toda a história. Estavam sentados lado a lado, encostados na canoa. Antes de ele começar, Nora deu-lhe o braço, apertando-lhe a mão com o máximo de vigor. — Agora, Joe, pode falar.

— Briggs e eu éramos instrutores num acampamento de meninos, o Tamarack... atravessamos o lago numa canoa... Quase palavra por palavra Murray repetiu o discurso que ensaiara dois anos antes. Os detalhes voltaram todos, claros e definidos. Os fatos foram narrados com exatidão e em perfeita ordem. Nora ouviu tudo calada, sem fazer perguntas, sem interromper, mas com tal sensação de alívio que cada vez mais apertava os



— O resto não tem importância, Joe

dedos de Joe, como a querer transmitir-lhe a sua confiança. Depois as lágrimas começaram a lhe escorrer pelas faces. — Tem um lenço aí, Joe? — perguntou ela, limpando o rosto com a mão livre. — O que foi? — Estou tão contente! — Contente? — espantou-se Joe. — E'; os jornais não estavam errados. Você é mesmo o herói que eles disseram. — Os jornais erraram sim, Nora. Eu não morri... — Montes de heróis não morrem, Joe. — Mas em compensação não fogem e não se encontram durante dois anos. Espere pelo resto da história. — O resto não tem importância. Agora, nada mais me importa. — E Nora tornou a passar o braço pelo de Joe e a lhe apertar a mão...



— Podemos ficar escondidos... nós dois.

Nos dias seguintes, Joe e Nora discutiram o problema... agora de ambos... sempre que lhes foi possível. Uma vez, estavam sentados num barranco, apreciando o panorama, quando ela disse: — Você bem sabe... podemos nos esconder juntos. Eu adoraria ser esposa de um guarda florestal. — Joe riu, espantado pela facilidade com que Nora passava de uma idéia absurda para outra. — Creio que você daria um excelente guarda florestal. Poderia colecionar os seus espécimes de insetos, estudá-los a fundo e, quem sabe? um dia escrever um livro... assim como o do velho Thoreau. Então você teria alguma coisa pela qual atrair a atenção da sua família! — Outra vez, quando passeavam pela mata, de mãos dadas, ela trouxe novamente à baila o caso de Briggs. — Ele já devia estar morto, já que não encontraram água nos pulmões. Isso



— Essa sua cisma é absurda...

não prova que ele já estava morto quando soltou o seu peçoço? Assim, essa sua cisma de que ele o soltou a fim de que você se pudesse salvar é puro absurdo. — De outra feita, estavam sentados em frente a uma pequena fogueira, a cabeça de Nora no ombro dele. Ela nunca deixava passar uma oportunidade de animá-lo, fazendo-o ver as coisas direito. — Não dou muita importância a esse seu lema — disse ela. — Proteja os fracos... Está muito bom para um acampamento de meninos, suponho. Muitos meninos não passam de pequeninas feras que vivem a torturar os mais fracos. Mas um ser adulto, com responsabilidades tanto perante os fortes como perante os fracos, deve usar um pouco o bom senso. — Nora ficou pensativa. — Quando eu era pequena vivia querendo proteger todas as coisas fracas que encontrava...



— Responda, Joe.

gatos e cães famintos, passarinhos e insetos feridos. Não passava de tolice. Montes de seres fracos ficam muito melhor mortos do que vivos, e só a natureza deve se encarregar deles. — Joe não fez comentários. Sua atenção estava por demais concentrada na proximidade de Nora para ouvir o que dizia. — Responda alguma coisa, Joe. — E ele só disse: — Não fale. — Ela compreendeu instantaneamente e ficou calada. Foi um silêncio reconfortante... Estavam ambos muito felizes... Joe não via em Nora o menor sinal das vaidades que anteriormente o tinham afastado de outras moças. E havia qualquer coisa em Joe que fazia despertar em Nora toda a sua beleza adormecida, coisa que antes nenhum outro homem fizera...

"UM PORTO REMANSOSO"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A. FORTES



— Por que não o apanhará?

Restava uma confissão a fazer. Essa, Joe retardou, dia a dia, durante uma quinzena. Tinha medo de estragar a felicidade de Nora com o que tinha a dizer. Afinal, ela própria provocou a situação: — Palavra, Joe; não quero que a convocação militar o apanhe antes que eu o faça. — A convocação não me apanhará. — Por que, Joe? — Porque já me alistei na Marinha. Os olhos atrapalharam um pouco, mas sempre consegui. — Mas isso é esplêndido, Joe! — Nora estava realmente entusiasmada. — Para onde é que você vai? Quando? — Já esperei um mês. Ainda não sei. — Ora veja! Parece que vou mesmo ser esposa de um marinheiro antes de ser de um guarda florestal!

Joe fez uma careta. — Isso não; talvez eu fique fora



— Não está voando muito baixo?

multos anos... Talvez nem volte! E você precisa ficar livre. Precisa viver a sua vida. De qualquer modo, já tivemos estas semanas... Já é alguma coisa... alguma coisa que eu nunca tive em toda a vida... alguma coisa que nunca mais terei... alguma coisa que guardarei para sempre... alguma... — Oh, chega! Não estou interessada. Nem sequer estou ouvindo. Estou ocupada com os meus planos... Acho que hoje mesmo vou falar com papai a nosso respeito e escrever ao patrão, em Nova York, me despedindo do emprego. Acho que hoje mesmo vou dizer a todo mundo que estou noiva... noiva de um marinheiro! Oh, Joe... chego a sentir arrepios pela espinha de tanto orgulho!

— Olhe! — Nora parou subitamente e olhou para o



O avião estava amarrado ao cais...

céu. — Olhe aquele avião. Não está voando muito baixo? — Correram os dois para a beira de um alto barranco. — Está fazendo círculos, Joe. Eles nunca fazem isso aqui... — Procurando um lugar para pousar, com certeza. Mas a lagoa é muito pequena. Talvez estejam em dificuldade. Não, acho que não. Lá vai ele... — E o aparelho desapareceu na névoa de setembro, como também toda a lembrança dele... Nenhum dos dois soube que poucos minutos depois o aparelho fez um pouso forçado, no qual perdeu uma asa, e que estava agora amarrado ao pequeno cais da lagoa da Rabeca. Não houve mensageiros que trouxessem a notícia, nada que pudesse preveni-los de que o grande recelo de Joe... ser descoberto... estava à sua espera como uma bomba-relógio...



Nora viu a caranguejola de Seth...

Nora, Sam e Joe partiram de volta ao acampamento às quatro horas. Deviam subir a pé os primeiros cinco quilômetros, até o carro de Sam, para fazer nele o resto do percurso. O último quilômetro era de íngreme subida... Joe ficou com Sam, e Nora correu na frente, para ver o crepúsculo de cima do morro... Chegou à estrada uns bons vinte minutos antes deles, justamente a tempo de ver a caranguejola de Seth, vindo do acampamento. O velho parou o carro e pôs a cabeça de fora: — Já sabe das novidades? — Que novidades? — Grande reboliço lá no acampamento. Caiu um avião. Coisa de motor. Ninguém se machucou, mas o bicho quebrou a asa. Gente rica. Vão ficar algum tempo.



Já sabe das novidades?

— Nós vimos o aparelho. Quem é o pessoal? — Quatro pessoas e um desses cães policiais. Um grandalhão chamado Windy com a mãe... tais de Vale. Mais uma criança e o piloto do avião, dono dele. Felizmente temos lugar para eles. Ricacos! — E o carro desapareceu. Nora caminhou de volta à vereda. Joe não podia aparecer no acampamento naquela noite. A mãe e os irmãos! Nora fez planos, rapidamente. Quando Joe e Sam apareceram, Nora disse: — Joe, preciso que você volte. Esqueci meu estojo de escrita. Tem várias coisas que não quero perder. — Sam achou ruim, mas o tom de Nora foi forte e autoritário, como também seu olhar. Joe ficou intrigado, mas respondeu: — É melhor ir, sr.



— Você não pode aparecer no acampamento.

Brock. Vou virar o carro para o senhor e mudar a minha provisão. — Eu o ajudo — disse Nora. Escondidos atrás do carro, com Sam ainda resmungando, Nora explicou: — Fique por aqui. Está vendo aquela pedra? Fique atrás dela até que eu volte com a história toda. — Depois, rapidamente, ela contou o que ouvira de Seth. — Ficarei firme e todos pensarão que você ficou para procurar meu estojo e que aparecerá amanhã. Mas você não o fará! Você não pode mais aparecer! — Que desculpa você dará quando eu deixar de aparecer? — Ainda não tive tempo de pensar nisso. Mas espere aqui até a minha volta. Talvez venha tarde...



Puderam ver o aparelho semi-destruído...

O sinal do jantar estava tocando quando Sam e Nora chegaram ao acampamento. Ainda puderam ver o corpo mais ou menos destruído do aparelho, amarrado ao cais. As mesas do refeitório eram todas octogonais. Nora e Sam deviam acompanhar os recém-chegados, representando a hospitalidade do clube. Sam tomou um par de goles para se fortificar, antes de entrar. — Muito boa noite — disse ele. — Bem-vindos ao nosso clube! — Sentaram-se todos. — Meu nome é Brock. Rima com coque. E esta é minha filha, Nora. Quais são os seus nomes, por obséquio? — Vale — respondeu laconicamente o mais idoso dos homens. — Não me lembro agora de uma boa rima — disse a mãe de Murray, sorrindo. — Os senhores são



E Lisa acrescentou: — Não me lembro de uma boa rima...

multo bondosos em nos acolher. — A simpatia de Lisa era irradiante. Pouco depois ela e Sam estavam à vontade, falando e rindo como velhos amigos... Joe esperou muito por Nora, atrás da grande pedra. Já passava da meia-noite quando ela apareceu, de lanterna em punho. — Vim logo que pude — disse ela, depois de um rápido abraço. Nora trazia uma mochila. Joe ajudou-a a retirá-la, depois do que se sentaram, enquanto Nora contava as novidades. Terminou assim: — Você nunca me disse que sua mãe era tão jovem... — Mãe não é jovem... está pelos cinquenta. Que tal, ela? — Encantadora! Magrinha, assim uma espécie de macia... suave, é a palavra. — Nora disse então que dera um pulo à cabana dele e arrumara a mochila. Depois apa-



— Isso dá para você ir caminhando...

nhara os setenta e cinco dólares que tinha. — Isto dá para você ir caminhando. — Caminhando para onde, Nora? Será que eles vão ficar muito tempo? Eu conheço um barracão onde posso ficar um ou dois dias, mas... — Não sei até quando ficarão. Parece que o piloto vai a Boston, buscar as peças necessárias. Você já disse a Seth que se alistou na Marinha, Joe? — Já; já toquei no assunto com ele e com Bill McGregor, também, para o caso de algum oficial procurá-los. Por que? — Assim as coisas ficam mais simples. Já tenho um plano...

(Conclui no próximo número)



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Cruza



C.A. DE CIGARROS *Souza Cruz*